

P r ó

Letramento

*Programa de Formação Continuada de Professores
dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental*

Pró-Letramento - Rio de Janeiro - 2007
Relatos de Experiências

BIBLIOTECA E SALA DE LEITURA

Neuza Coutinho Faria

APRESENTAÇÃO

O desenvolvimento das novas tecnologias, nas últimas décadas, vem afetando todos os setores da atividade humana, proporcionando maior agilidade de comunicação, reduzindo esforços nas rotinas diárias e ampliando as possibilidades de acesso à informação em todo mundo.

Para que a escola tenha o desenvolvimento desejado é necessária a utilização de recursos que facilitem a integração e dinamização do processo ensino/aprendizagem e entre recursos existentes, destaca-se a biblioteca escolar, instrumento indispensável como apoio didático pedagógico e cultural, e também elemento de ligação entre professor e aluno na elaboração das leituras e pesquisas.

Ribeiro(1994, p.61) afirma que "a biblioteca possibilita acesso à literatura e as informações para dar respostas e suscitar perguntas aos educandos; configurando uma instituição cuja tarefa centra-se na formação não só do educando como também de apoio informal ao pessoal docente. Para atender essas premissas a biblioteca precisa ser entendida como um espaço democrático onde interajam alunos, professores e informação. Esse espaço democrático pode estar circunscrito a duas funções: a função educativa e a formação cultural do indivíduo".

Castrillon(apud Mayrink, 1991, p.304) apresenta uma conceituação abrangente de biblioteca escolar" é uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional. Constitui parte integral do sistema educativo e participa de seus objetivos, metas e fins. A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite o fomento da leitura e a formação de uma atividade científica; constitui um elemento que forma' indivíduo para a aprendizagem permanente, estimula a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apóia os docentes em capacitação e oferece informação necessária para tomada de decisões em aula.

A biblioteca é um centro ativo da aprendizagem. Deve ser vista como um núcleo ligado ao esforço pedagógico dos professores e não como um apêndice das escolas. A biblioteca escolar de trabalhar com professores e alunos e não apenas para eles.Mas na grande maioria das vezes, segundo Sanches Neto

(1998) a biblioteca é encarada como um anexo da escola, quando na verdade, ela deveria ser a alma.

Segundo Freitas et al(1986,p.35) " a falta de hábito de alguns professores em utilizar livros como recurso de ensino-aprendizagem demonstrou que a metodologia por eles utilizada, sem a orientação do grupo, poderá provocar nos seus alunos uma certa rejeição pela leitura com lazer com lazer'.

"O hábito da leitura constitui-se em preocupação dos professores. No entanto, eles encontram dificuldades para implementação, porque não dispõem de recursos bibliográficos. A própria formação de magistério é feita na maioria das vezes desprovida da prestação de serviços bibliotecários adequados, característica das escolas brasileiras".(Freitas et al., 1986, p.37)

Para Calixto (1994, p. 59) o processo de ensino e aprendizagem envolve hoje um conjunto de componentes e relações de que pedagogos têm vindo a dar-se conta nas últimas décadas. Elas poderiam sintetizar nos seguintes pontos:

"- a escola já não é hoje o principal centro de aprendizagem das crianças e jovens. Os contatos na comunidade em que estão inseridos, a comunicação social, os amigos e a família, são hoje elementos mais importantes que a escola na formação do indivíduo, no desenvolvimento das suas capacidade e atitudes;

- o desenvolvimento da comunicação audiovisual e das novas tecnologias da informação contribuíram decisivamente para a obsolescência de uma pedagogia centrada no professor, que utiliza exclusiva ou principalmente manuais escolares como fonte de conhecimento, ou mesmo que só usa estes fins a palavra impressa. O espaço e o tempo pedagógico são também profundamente alterados; a sala de aula passa a ser apenas um entre muitos locais, na escola e fora dela, onde as experiências de aprendizagem têm lugar, o tempo letivo é igualmente diluído por um sem número de oportunidades em que o aluno, mais ou menos acompanhado, vive situações estimulantes e enriquecedoras;

-há muito tempo já que a preocupação principal de todas as ciências parece ser destruir postulados previamente tidos com certezas. A relativização Do conhecimento científico introduz a incerteza no campo da educação e sublinha o valor da pesquisa individual e do desenvolvimento das capacidades de manuseamento da informação. Aprender é cada vez menos memorizar conhecimentos e cada vez mais se preparar para saber encontrar, avaliar e utilizar. A capacidade de atualização passa a ser uma ferramenta essencial ao indivíduo se quer sobreviver numa sociedade de verdades relativas e efêmeras."

A biblioteca é uma das forças educativas mais poderosas de que dispõem estudantes, professores e pesquisadores. O aluno deve investigar, e a biblioteca é o centro de investigação tanto como o é um laboratório. O desejo de descobrir o que há nos livros, geralmente, existe nas crianças. A escola deve desenvolvê-la, utilizando os espaços da biblioteca. (Silveira, 1996)

Segundo Viana & Almeida (1993) o uso adequado do livro e da biblioteca são imprescindíveis para a realização de uma pesquisa satisfatória, cuja prática, incentivada, contribui para que o estudante busque, também, respostas para indagações pessoais, ampliem seus conhecimentos, forme sua própria opinião, garantindo seu espaço na sociedade.

Calixto (1995) menciona que "no limite, mas sem exagero, o que se poderá dizer é quem sem biblioteca escolar não há escola moderna nem Reforma do Sistema Educativo. "Complementando a citação pode-se dizer que é necessário a presença do bibliotecário escolar capaz de atuar como agente mediador, um profissional consciente de sua função de educador, com experiência didática e criativa, que saiba manter um bom relacionamento com o corpo docente e que esteja preparado para oferecer programas de treinamento em pesquisa bibliográfica e incentivo à leitura.

CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

O Município de Casimiro de Abreu está situado na Zona da Baixada de Araruama, datando do início do século XVIII o desbravamento de seu território. O município atual originou-se da antiga aldeia dos índios Guarulho, fundada pelo capuchinho italiano Francisco Maria Táli, no lugar hoje conhecido como Aldeia Velha. Em 1748 foi erguida a primeira capela dedicada à Sacra Família, tendo a povoação nascente recebido, em 1761, foros de freguesia, sob a denominação de Sacra Família de Ipuca, declarada perpétua em 1800. Arruinada a capela, e devido à ocorrência freqüente de surtos de epidemias na localidade, foi a sede da freguesia transferida para junto da foz do rio São João, onde depois se edificou uma igreja consagrada a São João Batista.

Em 1843, o Governo Provincial aprovou a demarcação dos limites da povoação de Barra de São João. Três anos mais tarde, o progresso verificado na florescente localidade era tal, que o governo elevou-a a categoria de vila, com a denominação de Barra de São João, conservando os limites da freguesia em que ela estava colocada.

Logo de início, esse município teve regular desenvolvimento no que concerne à agricultura e, até os fins do século XIX, conseguiu manter essa situação. O Porto de Barra de São João florescia, com a função de coletar e exportar para o Rio de Janeiro a produção cafeeira de Cantagalo. À exportação da produção, se somava a importação clandestina de escravos, que deveriam fortalecer o núcleo portuário. Com a Lei Áurea, a exemplo do

que sucedeu com os demais municípios fluminenses, Barra de São João também sofreu um declínio notável na sua produção agrícola.

Por volta de 1880, foi construída a linha férrea, com vistas a levar a Macaé os trilhos da futura Leopoldina Railway. Junto às estações, nasceram os povoados de Indaiáçú, Professor Souza, Rio Dourado e Rocha Leão. Mais tarde, com a decadência da atividade portuária, a sede da comuna foi deslocada ora para Indaiáçú, ora para Barra de São João, até que em 1925 foi fixada em Indaiáçú, que passou a denominar-se Casimiro de Abreu.

CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS DE FORMAÇÃO

- Professores experientes e professores recém formados;
- Alfabetizadores conscientes da importância do letramento;
- Entendem a educação escolar como um meio determinante para o desenvolvimento cultural, social, político e econômico;
- São receptivos a mudanças e têm consciência da necessidade da mesma no ensino-aprendizagem;
- São comprometidos com sua prática pedagógica, tendo ciência da mesma, no progresso escolar de seus alunos;
- São criativos, participativos, parceiros e dinâmicos;
- Têm consciência da importância de trabalhar leitura diariamente, buscam diversificar os gêneros de textos, com propósito de aproximar seus alunos à prática social;
- Diversificam suas práticas, interagindo com os alunos sempre com atividades lúdicas;
- Têm consciência do elo: escola-professor-aluno-família;
- São questionadores, críticos; e principalmente possuem um quesito primordial nessa profissão: amam o que fazem.

NÚMERO DE PROFESSORES: 29

NÚMERO DE ESCOLAS PARTICIPANTES: 08

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O tratamento da leitura e da escrita, bem como o da linguagem tem ocupado espaço nas pesquisas de alguns pensadores como Luria, Piaget, Vigotsky. São estudiosos que se preocupam em estudar como a criança entende, pensa, escreve e fala, como se dá o processo para tal.

Não é exagero afirmar que Piaget revolucionou o estudo da linguagem e do pensamento das crianças. Ele desenvolveu um método clínico de investigação das idéias infantis. Demonstrou que a diferença entre o pensamento infantil e o pensamento adulto era mais qualitativa do que quantitativa.

Para Piaget, à medida que a criança interage com o meio amplia a sua linguagem. Segundo Stern que é intelectualista, falar é o resultado de um pensamento lógico. Para ele toda fala tem uma intencionalidade, isto é relação entre o significante e o significado.

O hábito da leitura é criado a partir de estímulos em idade adequada e a forma como se trabalha a mesma colabora muito para se criar uma geração habituada a ler. Uma geração habituada a ler, que com certeza terá uma linguagem muito mais ampla e valiosa, fazendo parte de uma sociedade onde poderá participar e argumentar, mostrando a força da palavra quando se tem leitura e conhecimento.

Segundo Carmem Gregório, através da leitura, exercitamos nossa inteligência e nos integramos com o mundo, adquirindo novos conhecimentos. Nos tornamos mais aptos para dominar assuntos em diversificadas situações. Tanto a leitura como a escrita tem um lugar importante na vida das pessoas, elas nos dão o poder do conhecimento, a capacidade de associar idéias, planos, sintetizar assuntos, nos torna mais críticos e renova a nossa criatividade. Devemos praticá-la com prazer no nosso cotidiano, pois o livro é ótima companhia. Muitas vezes, através de uma boa leitura, podemos viajar por lugares inimagináveis.

" É preciso ensinar aos alunos a beleza da língua e reafirmar a noção de que o livro é um amigo que está sempre do nosso lado".

(Ana Maria Machado, 2001)

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

TEMA: Biblioteca, sala de leitura e cantinho de leitura.

PERÍODO DE REALIZAÇÃO: 24 de abril a 31 de maio.

OBJETIVOS:

O objetivo geral consiste em desenvolver atividades de incentivo à leitura em bibliotecas, salas de leitura e cantinhos de leitura; e como objetivos específicos destacam-se:

- Conscientizá-lo da sua importância como mediador na prática do seu ofício;
- Vivenciar a importância de se visitar uma biblioteca na formação de leitores;
- Despertar o gosto pela leitura tendo um ambiente adequado, ou seja, bem iluminado, acolhedor e aconchegante;
- Compreender a importância do primeiro livro lido e sua importância na vida do aluno;
- Conscientizar o professor do seu papel na formação da biblioteca escolar;
- Incentivar o professor a tomar iniciativa própria em criar pelo menos um cantinho de leitura em sua sala de aula, no caso de sua escola não possuir uma biblioteca;
- Sensibilizar o professor conscientizando-o que para muitos alunos, a escola é o único acesso à leitura, cabendo aos mesmos propiciar esse acesso;
- Demonstrar aos professores as possibilidades dos serviços de uma biblioteca no estímulo ao desenvolvimento do hábito de leitura e da pesquisa;
- Proporcionar aos alunos momentos de leitura prazerosa no processo de ensino/aprendizagem, através de atividades pedagógicas, integrando teoria e prática;

- Demonstrar que para que haja êxito na formação do leitor, é preciso que o mesmo estimule uma leitura reflexiva, diversificada, crítica, ensinando os alunos a usarem a mesma para viver melhor.

ETAPAS DE EXECUÇÃO

- Visita a biblioteca;
- Leitura do texto de Cecília Meireles, " Os livros e suas vozes;
- Relato da primeira experiência com a leitura; quem lhe ofereceu o primeiro livro ou quem contou àquela história que marcou a infância;
- Relato da bibliotecária escolar sobre a importância desse profissional na biblioteca escolar, pois o mesmo tem que ser capaz de atuar como agente mediador consciente da sua função na formação de leitores, bem como da necessidade de manter esse espaço limpo, iluminado, perfumado, aconchegante e livre; liberdade em permitir que os alunos manuseiem os livros com cuidado, sabedoria e propriedade;
- Sugestão para assistirem o filme "O nome da Rosa", que trata deste assunto: do acesso restrito aos livros no período medieval;
- Produção e ilustração do livro que marcou sua infância;
- Momento de troca das histórias produzidas pelos mesmos com seus colegas;
- Leitura aprofundada sobre o assunto tendo como fonte de pesquisa o fascículo 3, cuja discussão trata-se da importância da biblioteca escolar ou da sala de leitura:
- Relato oral, no intuito de relembrarmos o prazer que as mesmas nos proporcionaram na época e, que deixaram lembranças inesquecíveis;
- Manuseio e leitura de livros diversos,; gibis, enciclopédias, dicionários de idiomas, ilustrados, jornais e revistas e bíblias , expostas em um cantinho na sala de encontro, tendo ao fundo uma música ambiente para o deleitarem-se, enquanto faziam suas leituras.

ATIVIDADES REALIZADAS

- Assistir o filme "O nome da Rosa";
- Elaborar um relatório sobre o filme, fazendo um paralelo com a realidade brasileira a respeito do acesso de poucos à biblioteca;
- Relatório sobre sua primeira leitura;
- Confeção de livro ilustrado pelos alunos a partir de uma história contada;
- Confeção de dicionário ilustrado pelos alunos;
- Pesquisa de leitura com diversos leitores de diversas idades;
- Pesquisa sobre quantas escolas possuem uma biblioteca ou sala de leitura no município.

ANÁLISE DE EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO

" ... A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa."

Emília Ferreiro

Por ser uma experiência nova, e em face de responsabilidade e compromisso em mediar um curso dessa importância, sabendo que o mesmo contribuiria para um repensar do educador atuante nas séries iniciais, e que levaria o mesmo a refletir sua prática pedagógica, podendo reconstruí-la, e que essa reconstrução propiciaria esse indivíduo a oportunidade de ser alfabetizado dentro do letramento exercendo as práticas sociais de leitura e escrita; a princípio, gerou ansiedade, medo e insegurança, porém, a cada fascículo estudado, a cada artigo lido sobre o assunto, e livros consultados como os de: Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Magda Soares e outros, fui me apaixonando pelo trabalho e ficando mais segura.

A etapa de planejamento foi um constante pensar, repensar, fazer, refazer, sempre com a preocupação em relação ao meu público. Pois, esses professores depois de uma jornada de oito horas de trabalho com 28 a 35

crianças em média, ainda iriam enfrentar mais quatro horas de curso. Então, a aula não podia ser enfadonha, estava sempre pensando em estratégias para cada encontro ser produtivo e dinâmico.

O papel atribuído ao formador não é somente trabalhar objetivos didáticos, estratégias, conteúdos a ser dados. Formar é fazer com que o formando perceba a cada dia que algo está modificando em sua prática, e que está havendo prazer nessa mudança, que está sentindo-se mais capaz, que suas dúvidas que antes eram muitas, na é só dele, que o que ele fazia bem antes dessa formação, a partir de então, está melhor ainda, que o seu convívio com seus alunos e colegas de trabalho sofreu mudanças significativas, que a sua visão em relação à importância de planejar, fazer diagnósticos periódicos, de introduzir um conteúdo, sistematizá-los e consolidá-los, de avaliar, de ler para seus alunos diariamente ou para si mesmo, de ter ouvido para os seus alunos, diversificar gêneros textuais, que hoje ele trabalha todos os conteúdos propostos atento aos eixos de apropriação, que ensinar com jogos e brincadeiras torna-se muito mais prazeroso e eficaz, que de um cantinho insignificante em sua sala de aula, pode-se transformar em um ambiente prazeroso de leitura, que trocar experiências com outros professores, o torna mais forte e que nunca estamos prontos, que ser professor é nunca parar de acreditar que nossa profissão é especial.

“Sonho que se sonha só é só um sonho, mas sonho que se sonha junto é realidade”

Desconhecido

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados foram satisfatórios, pois muitos professores-cursistas mudaram suas concepções e práticas pedagógicas, passaram a ter outro olhar no momento do planejamento, que o diagnóstico é fundamental na avaliação de seu aluno e, que ler diariamente, desde que seja ler por prazer, é fundamental.

E evidente que ainda temos um longo caminho, porém os passos iniciais precisam ser mais firmes. Vou citar um poema de um monge anônimo da Idade Média que diz mais ou menos assim: "Existem três tempos, o presente das coisas presentes, o passado das coisas presentes, o futuro das coisas presentes"

CONCLUSÕES

O professor é um agente social transformador inserido nos contextos culturais contemporâneo, portanto, tais transformações não ocorrem por simples transmissão; não ocorrem tampouco de forma abrupta ou imediata: constituem um processo que dá continuidade e, essa é dada no dia-a-dia, é

assimilada oportunizando o outro interagindo com o olhar de um "artesão, capaz de transformar sonhos em realidade" (Celso Antunes, 2007).

“O (RE)SIGNIFICAR DA PRÁTICA DO PROFESSOR ALFABETIZADOR EM LEVY GASPARIAN E A FÁBULA DO OLEIRO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA”

Tutora Luciane Aparecida de Souza

“Somos escultores moldando estatuetas,
simbolizando o desejo humano de corrigir
ou preencher os ‘vazios da aprendizagem’, (re)significando
nossas práticas com a expressão
ou sugestão para um ensino melhor, ”
*Cleber Gomes da Silva*¹
(Aluno da 1ª Turma de Alfabetização e Linguagem
do Programa de Formação Continuada
Pró-letramento RJ 2007- Levy Gasparian)

A proposta de registro de nossa experiência enquanto tutor, a princípio, me pareceu meio “redundante”, uma vez que escrevemos relatórios para cada dia dos encontros, a fim de fazermos uma constante avaliação de nossos trabalhos.

No entanto, quando iniciei a escrita desse relato percebi como tal exercício proporcionou-me um debruçar sobre a prática: observando, questionando, refletindo para entender melhor a teoria e voltar de novo à prática para fazer diferente.

Estar em um movimento em que tento compreender o que estou fazendo, sempre tentando encontrar um equilíbrio no momento de fazer minhas escolhas, confiando mais em mim e em meus colegas, tentando “compreender o compreender do outro” (MATURANA, 2002) e, sobretudo, o meu compreender, me faz consciente que não deverei com este trabalho apresentar necessariamente “resultados” práticos, pois isso tudo é um movimento de caráter contínuo da busca a caminhos que me levem a uma prática mais coerente com o meu discurso, uma vez que como nos alertara Freire (1995): a busca da coerência é permanente e não um lugar de chegada.

Partindo dessa perspectiva, escolhi iniciar este relato a partir da fala de um dos Professores do curso, pois me pareceu apropriado resgatar um dos momentos da formação onde consegui identificar “meu lugar” neste espaço.

Para o encontro do dia 28 de Maio ficou combinado que os Professores que quisessem, poderiam apresentar suas considerações a partir dos textos que foram por mim distribuídos para leituras complementares ao material do curso. Entre eles, o

A Fábula do Oleiro

Uma criança se aproxima de um oleiro que molda bonecos no barro e coloca as estatuetas no parapeito da janela para secar. Chega perto, admira os seres enfileirados, fica fascinada com a perfeição daquelas pequenas criaturas que se multiplicam nos movimentos exatos das mãos daquele escultor. Mesmo assim, pergunta:
_ Por que é que você está fazendo tantos bonecos de barro, se o mundo já está cheio de gente?
E o Oleiro, sem tirar os olhos e a mãos do trabalho responde:
_ É para cobrir os vazios da vida, e não faz mal nenhum equilibrar as criaturas de barro com os homens reais.

¹ Fala do aluno Cleber Gomes da Silva, no encontro do dia 28 de Maio, quando o Professor - ao apresentar suas considerações sobre a leitura complementar do texto: “Aspectos a ressaltar quando se apresenta um texto aos alunos: Estratégias de Antecipação de leitura” – fez um “link” deste com o texto “A Fábula do Oleiro”, lendo ao grupo sua produção.

texto “Aspectos a ressaltar quando se apresenta um texto aos alunos: Estratégias de Antecipação de leitura”², ficou sob a responsabilidade do Professor Cleber Gomes, que por sua vez, foi o único que fez questão de garantir sua apresentação ao grupo.

Iniciou sua fala confessando que não entendera bem quando eu, no primeiro dia do curso (26 de Fevereiro), frisei que a proposta do Programa não era que “jogássemos fora nossas práticas”, mas que tentássemos “(re)significá-las a partir de novas perspectivas”. E continuou dizendo que como nunca ouvira a palavra “(re)significar”, ficou tentando atribuir sentido a ela por um bom tempo, mas que só depois de terminado o Fascículo 1, depois de tantos momentos de construção, (des)construção e (re)construção conseguia compreender o que eu quis dizer com “(re)significar nossas práticas” e ilustrou o que estava acontecendo com o grupo (em sua ótica) a partir da leitura “A Fábula do Oleiro”, me presenteando com um boneco de barro, moldado à mão por ele, com os seguintes dizeres:

“Luciane você é a escultora principal deste Curso de Pró-Letramento Alfabetização, (re)significando as nossas práticas. Parabéns pelo seu profissionalismo”.

Cleber Gomes

Aquela confissão do Professor (de não ter entendido o que eu quis dizer com “(re)significar nossas práticas”), soou para mim como uma espécie de “alerta”. Alerta que nós, professores formadores, devemos ter quando nos propomos a “convidar” outros professores para reflexão sobre a própria prática pedagógica, pois ao fazer a comparação do meu trabalho com o do escultor (o de “moldar as identidades”), Cleber me fez refletir sobre a identidade e a formação continuada do professor... e é claro, “A fábula do oleiro”...

De acordo com Carvalho e Simões (2002a), a identidade do professor é definida como a de um ser em movimento, construindo valores, estruturando crenças, atitudes e agindo em função de um tipo de eixo pessoal/profissional que o distingue dos outros.

Nesse processo, destacam-se como fatores contrários à profissionalização do magistério: a frustração na profissão (derivada dos baixos salários), a ausência de condições para o bom exercício profissional, a ausência de processos de formação continuada, as más relações de trabalho, as múltiplas exigências extraclasse, a dupla

² CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e Letrar – Um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis: Vozes, 2005.

jornada de trabalho, o descaso das políticas públicas, entre tantas outras queixas que ouvi durante esses 9 meses de Formação.

Com relação à formação continuada, a revisão de literatura realizada por Carvalho e Simões (2002b) aponta que, de modo geral, há uma recusa da formação continuada, pois esta é entendida pelos Professores apenas como treinamento, cursos, seminários, palestras, que muito pouco colaboram com a prática efetiva em sala de aula, tomando-os como meros “espectadores”, “silenciando-os”, como se não tivessem nada a contribuir.

E era essa a concepção de Formação Continuada que a única turma formada de Alfabetização e Linguagem do Município de Comendador Levy Gasparian trazia para nossos primeiros encontros.

No entanto, tinha muito medo de reproduzir essa representação, pois não acredito em uma proposta que silencia os professores e não estava ali para “moldar” ninguém (não queria o “cargo de escultora”). Apenas queria pensar junto com o grupo como existem possibilidades e como nossas certezas nos aprisionam. Tentar pensar com elas como

Nosso olhar sobre a escola muitas vezes impede que possamos ver-nos a nós mesmas e compreender que também fazemos parte dos problemas vistos. Aprendemos em nossa formação a desenvolver um olhar distanciado sobre as questões que nos afligem, e a buscar fora delas as muitas respostas que poderiam nos ajudar a resolvê-las. Respostas construídas por um outro, o que não nós mesmas, mediadas por um conhecimento não-gerado por entre as angústias, dúvidas e incertezas, com as quais nos deparamos continuamente (LACERDA, 2002, p. 75).

Ou seja, queria me colocar naquele grupo como alguém que também já teve muitas “certezas”. Certezas que, hoje, vejo “o quanto nos aprisionam, nos limitam, nos impedem de investir em infinitas possibilidades” (SOUZA, 2003, p.25). Queria pensar com o grupo quantas falsas certezas já conduziram nossas práticas e nos impediram de crescer, de investir em nossos alunos. Enfim, queria me colocar naquele grupo como alguém que compreende com Morin que “uma teoria não é o conhecimento; ela permite o conhecimento” (1999, p. 335).

Até porque a proposta de Formação Continuada do Programa Pró-Letramento - acompanhado pelo CEEL (Centro de Estudos em Educação e Linguagem) da Universidade Federal de Pernambuco, em parceria com o Leduc (Laboratório de Estudos de Linguagens, Leitura, Escrita e Educação) da Universidade Federal do Rio de Janeiro – também compreende a Formação Continuada como um espaço que

reconhece a importância do professor como centro do processo da formação, atuando como sujeito individual e coletivo do saber docente de experiência feito em sua relação com o saber científico. Também reconhece que a participação de professores na pesquisa de sua própria prática tem sido especialmente valorizada nos últimos anos, ganhando o Professor vez e voz, exercendo o papel de ator na transformação do cotidiano escolar e para além dele.

Assim, aquela confissão de Cleber, associada a todas essas considerações acima, se tornaram um grande turbilhão em minha cabeça e iniciaram em mim um processo de reflexão contínuo, que me fizeram reorganizar “minhas teorias” e meu espaço nesse grupo, pois apesar de todo meu esforço em mostrar ao grupo que a proposta do Programa ia de encontro a tudo que eles já tinham vivenciado até hoje, os Professores de Levy Gasparian não estavam acostumados a serem “ouvidos”, pois não existia a Cultura da Formação Continuada (nesse modelo) no município, até então...

Comendador Levy Gasparian é um município pequeno e relativamente novo (já que a emancipação do Município data de 23 de Dezembro 1991). Fica localizado na Região Centro-Sul do Estado do Rio de Janeiro e tem 7.924 habitantes. Seu Sistema de Ensino é organizado em 3 Escolas que atendem da Educação Infantil ao 5º Ano do Ensino Fundamental, 4 Escolas que atendem da Educação Infantil ao 9º Ano do Ensino Fundamental e 1 Creche.

Dos 85 Profissionais que compõem o Quadro de Professores do Município, iniciamos a Formação com 34 Professores da rede Municipal e 2 Professores da Rede Estadual. Ou seja, eram 36 professores inscritos. No entanto, desde o primeiro dia, 11 (onze) Professores nem começaram, apenas se inscreveram, mas nem chegaram a iniciar.

Assim, em 26 de Fevereiro, participaram do primeiro encontro 26 Professores, que representavam as sete Escolas Municipais. E foi a única turma de Alfabetização e Linguagem formada pelo Município.

Já haviam se passado nove encontros quando o Professor Cleber me fez parar, a fim de refletir um pouco mais sobre meu lugar no grupo; a essa altura, dos 26 Professores que iniciaram o curso, só 18 continuavam.

E foi aqui que iniciei um movimento de reavaliar meu planejamento, minha prática com o grupo e me questionar: será que a desistência dessas Professoras se deu porque não me fiz entender em algum momento?

Tinha consciência de que muitas desistências foram por conta de outras razões, ou por problemas de saúde, ou por incompatibilidade de horários. Mas uma Professora em especial chamou minha atenção.

A professora Rita de Cássia: uma colega que vivia afirmando, desde o primeiro dia do curso, que não se via fazendo uma prática diferente da que fazia há 15 anos. E que apesar de todos os esforços: meus, do grupo e dela mesma, foi honesta o suficiente para assumir em público, no 8º encontro, que estava abandonando o curso porque não conseguia “ver” o que eu e outras colegas “víamos”... e ela estava ficando muito confusa sem saber o que fazer...

Parafrazeando o que Von Forester (1996) já afirmara, “Nós só somos capazes de ver aquilo que compreendemos”... Rita não conseguiu compreender as reflexões subjacentes às práticas propostas por mim, pelo material, pelo grupo, por isso não conseguiu “ver” resultados em uma prática com tais pressupostos teóricos...

Não vou negar que o abandono de Rita me fez amargar um sentimento de “culpa”. Sei que também tenho participação nessa “limitação” declarada pela Professora, pois não fui capaz de contribuir o suficiente, ser clara o suficiente para ajudá-la a compreender para que também conseguisse “ver”. Esse fato me fez lembrar o poema de Eduardo Galeano sobre o menino que nunca havia visto o mar e pede a ajuda do pai para conseguir “olhar” quando se vê de frente à imensidão daquele mundo de água azul...

Não fui capaz de ajudar Rita a “olhar” os horizontes que essa prática nos apresenta, nos possibilita. Torço para que ela encontre durante sua caminhada alguém que consiga ajudá-la a superar tais limitações e a faça “ver” o mar de possibilidades de uma prática pedagógica pautada nesses princípios. Princípios que tanto defendo, pesquiso, persigo há 9 anos desde que saí da Graduação e optei por investir em pesquisas, leituras, práticas, enfim, em uma Formação que possibilitasse a mim e aos meus colegas uma “forma outra” de ensinar e aprender a Língua Materna.

No entanto, um ponto positivo a saída de Rita provocou em mim: a certeza de não querer “perder outras Ritas”. Assim, após refletir sobre as palavras de Cleber e o

A Função da Arte

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: _ Me ajuda a olhar! GALEANO, Eduardo, O livro dos abraços. Porto Alegre, L&PM, 2000)

abandono de Rita, tentei privilegiar em nossos encontros mais espaços onde os professores pudessem vivenciar a teoria subjacente à prática que o Programa propõe. E isso deu “SUPER” certo! Pois a cada encontro percebia que os Professores conseguiam estabelecer a circularidade “prácticateoriaprática” a partir das atividades que vivenciavam. E como se divertiam... A ponto de alguns Professores chamarem a atenção do grupo para o como pode ser prazeroso o ensino da Língua Portuguesa.

É claro que isso trouxe como consequência o prolongamento do curso, que ao invés de terminar com 21 encontros, terminou com 25...

Isso se deu pelo fato de, na (re)organização dos encontros, eu ter procurado dar mais ênfase às atividades práticas, onde procurava, sempre que possível, partir da prática para depois discutir a teoria subjacente a ela. E isso levava sempre um tempo maior do que eu planejava.

Outro aspecto que julgo relevante relatar também diz respeito ao trabalho que tinha de sempre buscar outros textos que enriquecessem o material disponibilizado pelo Programa, de forma a ampliar as discussões.

Isso foi muito bem aceito pelos Professores, que sempre elogiavam muito as escolhas dos textos trazidos por mim. Dois desses materiais que merecem destaque são: o “Banco de Atividades” - um encadernado com aproximadamente 30 atividades que privilegiavam cada eixo de ensino proposto pelo curso: Compreensão e Valorização, Apropriação, Leitura, Escrita e Oralidade – e um Cd com sugestões de atividades para Reflexão Explícita das Palavras.

A participação das professoras crescia a cada encontro, pois a partir do Fascículo 2, que foram quando os Fascículos começaram a serem apresentados por “Temas”, pude perceber o envolvimento do grupo, que conseguia, em um movimento de “avanços e retrocessos”, identificar os objetivos das atividades e a importância de tomarmos tais temas como objeto de reflexão e estudo.

O tema que mais causou discussão foi a Escolha do Livro Didático. Como os Professores participaram: levantaram questionamentos, deram sugestões, fizeram críticas (muitas críticas...). Sem dúvida foi um dos Fascículos mais intensos. Um outro Fascículo que também superou as expectativas foi “As formas de Falar e as Formas de Escrever”. Que ao contrário do que eu imaginei que seria, foi um Fascículo em que levantamos muitas questões e fizemos muitas reflexões.

Com o passar dos encontros, observei que enquanto o grupo diminuía, o entrosamento entre os Professores aumentava. A cumplicidade, a troca de experiência. A timidez inicial ia sendo substituída pelo afeto, e principalmente, pelo compromisso assumido de estarmos ali uma vez por semana, (re)pensando nossas práticas e tentando encontrar formas outras de vivenciarmos com nossos alunos esse desafio de se apropriar da palavra escrita e falada.

A formação chegou ao fim com um grupo de 15 Professores. Certo, “perdi” 11 colegas, mas posso afirmar com todas as letras, que dessas 15 que se mantiveram, com certeza, encontrei eco e hoje somos um GRUPO. Grupo este que, inclusive, já combinou que no ano que vem pretende manter os encontros, não semanais, mas mensais, para que possamos continuar compartilhando nossas dúvidas, anseios, conquistas,...

Enfim, se há algo que aprendi com essa experiência como Tutora de um Programa de Formação Continuada é a dificuldade que temos em nos desfazer do olhar homogeneizador e “simplista” e tentar ter um olhar complexo sobre o cotidiano de nossas salas de aula. Isso é ainda um exercício que não consigo fazer sozinha (e nem pretendo), pois negar e desmontar crenças e práticas estabelecidas assumindo a “dúvida como método” (GARCIA, 1997) é algo que ainda está sendo internalizado.

Nesse contexto é importante destacar os interlocutores que escolhi para discutir os eventos que apareceram no período que elegi para realizar esse trabalho. Confesso que foi necessário pedir a ajuda de muitos olhares. Alguns foram apenas “espiadinhas” para completar um ou outro pensamento, entretanto outros olhares apareceram durante todo o relato: Freire, Carvalho e Simões, Morin, Lacerda, Garcia, foram interlocutores privilegiados nesse processo. Portanto, o que relatei aqui foi um entrecruzamento de olhares que me permitiram um “olhar” mais sensível sobre minha prática.

Caminhando para finalização (?), busco nas palavras de Clarisse Lispector (1998) uma ajuda para fazer minhas considerações finais: *“Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias. E nem todas posso contar”...*

No primeiro dia de curso, muitas eram as dúvidas:

_ “Qual é a diferença entre alfabetização e letramento?”

– “Dentro da proposta do letramento, já existe algum livro didático que ‘dê conta’ desta proposta?”

– “Como alfabetizar letrando? De onde devemos partir?”

– “Como trabalhar os diferentes gêneros textuais?”

– “Como fazer da produção de texto uma prática prazerosa?”

– “O que é considerado ‘erro’ de escrita na alfabetização, através do letramento?”

– “Como dinamizar o estudo da Língua, dentro da sala de aula de uma maneira lúdica?”

– “No planejamento, quais atividades devem ser priorizadas para ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem?”

E tantas outras questões que poderia enumerar e tenho consciência de que não consegui respondê-las totalmente (até porque, talvez, seria muita pretensão ter respostas pra todas elas...). A única resposta que tenho é que hoje conseguimos vislumbrar possibilidades outras...

As páginas que seguiram não foram suficientes para descrever como tentei investir em um trabalho que teve como objetivo *fazer com que cada Professor pudesse se sentir alguém capaz de produzir conhecimento através da própria prática.*

Ou seja, sei que com esse relato não consegui demonstrar como tentei abordar os temas, refletindo com o grupo o porquê de ainda sermos tão presos às amarras do paradigma da Ciência Moderna (SANTOS, 1989), que nem sempre nos permite ver no outro (e aqui leia-se nossos alunos) um parceiro nas construção do conhecimento. E como uma espécie de “Deus”, selecionamos, avaliamos, comparamos e tantos outros “amos” que aqui couberem, sempre a partir da nossa lógica: da lógica do adulto alfabetizado, letrado.

Bakhtin (1992) nos fala da memória do futuro, que segundo o autor seria os “cálculos” que fazemos a todo instante, com base numa memória do futuro desejado, as possibilidades de ação no presente. Não sei se as ações que fiz naquele presente contribuíram para o futuro que desejo, mas tenho forte agora que as minhas possibilidades de ação hoje se transformaram, apesar de manter a mesma memória do futuro.

E me pergunto: será que naquele presente (quando usei uma palavra que o Professor não entendera) faltou *cuidado*, como alerta Boff? Será que naquele

presente (quando os outros Professores desistiram) faltou *ética*, como disse Paulo Freire? Será que com os Professores que permaneceram, aconteceu aprendizagem, como ensinou o CEEL/LEDUC? Não sei... Porque ainda estou em um exercício de ver algo mais além da simplicidade das coisas, como propõe Morin (1999).

Tais incertezas e possibilidades não me dão o conforto proporcionado pelas certezas. Pelo contrário, ser comparada com uma “escultora”, que “molda” as identidades mexeu e tem mexido demais com meus conceitos. Sei que o Professor Cleber não teve a intenção de “se vingar”, confundindo-me como fiz com ele no primeiro dia de curso, usando uma palavra que não conhecia.

Fique calmo Professor, não tomei suas palavras como ofensa. Sei que as usou com o objetivo de elogiar-me, mas saiba que “cobrir os vazios da vida, equilibrando as criaturas de barro com os homens reais” é algo que (se for possível) eu estou aprendendo tanto quanto qualquer outro Professor, pois sei que o caminhar está só começando e sempre estarei em construção (também “me moldando”).

Enfim, espero ter conseguido me aproximar desses Professores, não como o escultor da Fábula do Oleiro, mas como alguém que acredita na importância que Bakhtin (1992) atribui ao outro, quando nos fala do conceito de exotopia tão bem explicado nas palavras de GERALDI (2000, p.5):

Consideremo-nos dentro deste mundo: estamos expostos e quem nos vê, nos vê com o “fundo” da paisagem em que estamos. A visão do outro nos vê como um todo com um fundo que não dominamos. Ele tem, relativamente a nós, um excedente de visão. Ele tem, portanto, uma experiência de mim que eu próprio não tenho, mas que posso, por meu turno, ter a respeito dele. Este “acontecimento” nos mostra a nossa incompletude e constitui o outro como o único lugar possível de uma completude impossível. Olhamo-nos com os olhos do outro, mas regressamos sempre a nós mesmos e a nossa incompletude.

Ao aproximar-me dos meus colegas de profissão, reconhecendo-os como “legítimo outro” (MATURANA, 2002), também incompletos por definição, tentei recuperar a tensão encontro/desencontro do eu e do tu como lugar possível da totalidade perdida. Ou seja, certa do meu inacabamento e da importância do outro no processo de construção do conhecimento, aproximei-me deles “com a esperança de encontrar a fonte restauradora da totalidade perdida” (GERALDI, 2000, p. 5). Consciente que essa totalidade me é impossível, pois é justamente essa inacessibilidade da completude que me mobiliza em direção ao outro.

E como Freire (1997) tentou nos mostrar vivendo na prática a “consciência de nosso inacabamento”, com respeito, com comprometimento e com esperança,

porque é ela quem nos ajuda a acreditar que é possível uma escola para todos e todas, onde, além do acesso, possamos encontrar as condições necessárias de NOS EDUCARMOS – fiz desse curso de Formação Continuada um grande aprendizado para mim e, pelas avaliações e apresentações realizadas no I Seminário Pró-Letramento Levy Gasparian, posso afirmar que para o grupo também.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mickhail Volochinov. 1992. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec.

BOFF, Leonardo. 1997. **A águia e a galinha**. Petrópolis: Vozes.

FREIRE, Paulo. Educação e política (p.97-101). In: BRANDÃO. Carlos Rodrigues (org.) **O educador vida e morte**. Graal, 1995.

_____ 1997. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra.

GARCIA, Regina Leite. jul./ago. 1997. **O mundo fantástico do conhecimento**. Presença Pedagógica. Belo Horizonte, 3 (16): 5-17.

GALEANO. Eduardo. 2000. **O livro dos abraços**. Porto Alegre, L&PM.

GERALDI, João Wanderley. Julho/2000. **A linguagem nos processos sociais de construção da subjetividade**. Porto Alegre.

LACERDA, Mitsi Pinheiro de. 2002. **Quando falam as professoras alfabetizadoras**. Rio de Janeiro: DP&A

LISPECTOR, Clarisse. 1998. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco.

MATURANA, Humberto. 2002. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG

MORIN, Edgar. 1999. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

SANTOS, Boaventura de Souza. 1989. **Um discurso sobre as ciências**.

A PRODUÇÃO DE SENTIDO NA INTERAÇÃO ENTRE ALFABETIZADORES E ALFABETIZANDOS

Lycia Helena Pôrto Gomes

“(...) a nossa matéria são as ‘pedras vivas’, as pessoas, porque neste campo os verbos conjugam-se nas suas formas transitivas e pronominais: formar é formar-se”

(Antônio Nóvoa)

I- Apresentação

Este texto apresenta uma experiência de formação continuada com professores de séries iniciais no município de Araruama, no estado do Rio de Janeiro. Durante o ano de 2007, foi desenvolvido o programa Pró-Letramento – Alfabetização e Linguagem com docentes da Rede Municipal.

Observava-se, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, índice expressivo de alunos não-alfabetizados ou com incipiente capacidade comunicativa¹. Muitos desses jovens abandonavam a escola, intimidados pelo “fracasso” obtido. Daqueles que prosseguiram na “caminhada escolar”, poucos demonstravam proficiência nas práticas de leitura e escrita.

Mas onde estava o erro? Os alunos, cujos familiares, também com baixa escolaridade, não auxiliavam nas tarefas? Os professores, desmotivados e/ou desatualizados? O próprio Sistema Educacional? Não adiantava buscar culpados!

Fato era que a interação entre alunos e professores estava prejudicada. Os alunos pareciam não compreender o que dizia o professor e este, por sua vez, não percebia o que aqueles demonstravam. Dava-se, então, o impasse: professor não ensina e aluno não avança. Era o momento de agir buscando melhores resultados. Precisávamos refletir sobre maneiras mais adequadas de intervir no processo de construção de conhecimento do aluno. Era urgente “ler” melhor o seu discurso, aproximando-o – cada vez mais – do mundo letrado.

¹ O município de Araruama ocupou o 67º lugar no ranking dos 92 municípios do estado do Rio de Janeiro avaliados na Prova Brasil de 2005, no que se refere à proficiência de Língua Portuguesa na 4ª série.

Como uma das atitudes² tomadas na busca de melhorias no quadro apresentado, aderimos ao Programa Pró-Letramento.

II- Caracterização do município

A Rede Municipal de Araruama conta com 41 escolas, dessas apenas uma não atende ao 1º ciclo que totaliza cerca de 4.000 matrículas em 2007. O 1º ciclo compreende turmas de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental.

Optamos por oferecer duas turmas de Pró-Letramento – Alfabetização e Linguagem e duas de Matemática. Disponibilizamos 30 vagas em cada uma e as distribuímos proporcionalmente ao número de turmas de 1º ciclo nas unidades escolares. Assim, se uma escola possuísse três turmas de 1º ano e duas turmas de 2º ano, receberia cinco vagas. Havia prioridade para os professores efetivos e regentes das séries iniciais.

Com essa organização, contei com professores de 26 escolas. Os encontros aconteceram em uma unidade escolar, onde eu dispunha de TV, DVD e retroprojetor. No ano de 2008, pretendemos contemplar os professores que compuseram o grupo de Matemática e os demais que não puderam participar no presente ano.

A turma A funcionava às quintas-feiras pela tarde e contava inicialmente com 29 professores, dois deles não puderam completar o Programa e tiveram suas matrículas canceladas. A turma B, que funcionava às sextas-feiras pela manhã, foi iniciada com 27 docentes, apresentando duas desistências.

III – Fundamentação teórica

Propomo-nos a abordar a relação interacionista da construção do conhecimento protagonizada por alfabetizadores e alfabetizandos. Assim, ancorados na teoria sociointeracionista e construtivista, buscamos fundamentação em Piaget, Ferreiro e Vygotsky, dentre outros.

² Foi instituído 2007 como o **Ano Araruamense de Leitura**. Várias medidas foram tomadas para estimular a leitura no município, dentre elas a distribuição gratuita e diária do **Jornal do Brasil** à população, inclusive nas

Vale destacar alguns pressupostos fundamentais ao trabalho apresentado:

- a construção do conhecimento é um processo ativo que se desenvolve num contexto de trocas sociais e culturais, permeada por fatores econômicos, políticos e psicológicos;
- ao ingressar na escola, o aluno já faz uso ao menos da modalidade oral da língua;
- o aluno traz um conhecimento prévio sobre a escrita;
- é fundamental que a escola incentive o respeito às variedades lingüísticas;
- o ensino de língua deve priorizar o uso;
- o ensino de língua na alfabetização deve atender a cinco eixos: aquisição do sistema de escrita, oralidade, valorização da cultura escrita, produção textual e leitura;
- a leitura é um processo de construção de sentido, através do qual o leitor reconstrói o texto;
- é fundamental considerar as circunstâncias da enunciação na produção e compreensão de textos;
- o domínio da escrita da linguagem se desenvolve de forma processual, por meio de um longo trabalho interno de construção de hipóteses a respeito do que é a escrita e de como se escreve;
- os processos de alfabetização e letramento devem se dar concomitantemente.

Tais pontos permearam todo o processo de formação continuada dos professores. Analogamente à relação entre alfabetizadores e alfabetizandos, buscava-se entre tutor e professores também uma interação construtivista. Em outras palavras, visando mudanças, procurávamos refletir sobre a prática pedagógica oportunizando a construção de novos conhecimentos, sempre tendo como ponto de partida as 'certezas' prévias. Conforme Zabala (1998), a aprendizagem do novo é sempre resultado de um processo de revisão, modificação e complexificação desses conhecimentos prévios e dessas representações.

Ter, então, o professor como sujeito ativo de seu processo de construção do conhecimento implica considerar seu ponto de vista, seus conhecimentos e oportunizar momentos de reflexão que estimulem mudanças em sua prática.

Para facilitar a articulação teoria-prática, dentro da concepção ora apresentada, optamos por priorizar nas atividades desenvolvidas o questionamento, análise, interpretação, construção de hipóteses, inferência e resolução de situações-problema. A oportunidade de refletir sobre seu trabalho articulando-o com a teoria oferece ao professor a oportunidade de elaborar suas próprias propostas de trabalho. É um caminho para desvencilhar-se da repetição de práticas consideradas adequadas por outros e para outros contextos educativos.

IV- Indicação dos objetivos didáticos, etapas de execução, atividades realizadas

Os objetivos gerais da experiência de formação apresentada consistem em:

- proporcionar espaço de reflexão sobre o processo de alfabetização a fim de facilitar a produção de sentido na relação dialógica entre docentes e discentes;
- estimular a autonomia do professor em relação a sua própria formação continuada.

Acreditamos que conseguiremos elevar a qualidade do ensino de Língua Portuguesa quando o alfabetizador compreender melhor o que querem dizer seus alunos: o que ainda falta aprender, quais capacidades precisa desenvolver. Somente entendendo em que ponto do processo está cada um deles, o professor terá condições de efetuar as adequadas intervenções pedagógicas. Assim, o diálogo terá continuidade sem que nenhum dos interlocutores deixe de ‘responder’ ao que é solicitado pelo outro.

Tais metas implicaram em levar os professores a:

- promover o ensino de língua portuguesa contemplando os eixos: aquisição do sistema de escrita, leitura, produção textual e oralidade;
- compreender as hipóteses de escrita construídas pelos alunos, propondo intervenções adequadas;
- valorizar o lúdico como um recurso eficiente no processo de alfabetização;
- considerar, no ensino de língua, as especificidades das modalidades oral e escrita;
- aperfeiçoar o trabalho com o livro didático;

- organizar o trabalho pedagógico a partir de objetivos específicos;
- considerar a heterogeneidade da turma ao planejar as ações;
- analisar sua prática, tomando-a continuamente como objeto de reflexão;
- interpretar continuamente o percurso de aprendizagem dos alunos, constatando o que ainda precisa ser ensinado.

Todos esses objetivos permearam a formação continuada que desenvolveu-se em 23 encontros. Cada fascículo foi desenvolvido em três momentos, com exceção do primeiro que necessitou de cinco encontros.

Procurei manter uma organização constante para desenvolvimento da temática de cada fascículo, tinha a intenção de criar hábitos de estudos para o grupo. Primeiro solicitava a leitura do fascículo, acreditando que a leitura prévia facilitava a compreensão das propostas de trabalho. Desenvolvia, então, as atividades referentes nos três encontros planejados e, para finalizar, procurava sintetizar os pontos mais significativos do fascículo. Essa finalização algumas vezes foi feita por mim mesma, oralmente, com ou sem apoio de transparências. Em outras, como no fascículo 1 (mais teórico), solicitei uma síntese escrita de cada professor. Percebia que nem sempre a leitura solicitada era feita, precisava, então, retomar pontos fundamentais. Passei a planejar momentos de leitura compartilhada, quando julgava imprescindível a leitura de determinados trechos.

No final do primeiro semestre, solicitei uma avaliação dos momentos realizados até então. Foi muito produtiva, ninguém criticou nada (isso eu já imaginava), mas, pelos pontos positivos levantados, observei o que pretendia: certifiquei-me do que era realmente relevante para cada uma.

Ainda no primeiro semestre, solicitei que utilizassem as atividades sugeridas ao final do fascículo 1. Pedi que, a partir do próprio planejamento, observando os objetivos traçados para o período, selecionassem algumas das atividades e as aplicassem nas turmas. Deveriam relacionar as capacidades trabalhadas às atividades aplicadas. Foi muito enriquecedor! Analisei individualmente as produções de cada professor, tecendo comentários pertinentes aos conhecimentos por elas demonstrados e as capacidades que ainda precisavam aprender. Tal qual eu pretendia que elas fizessem com seus alunos.

No segundo semestre, após muitas leituras, senti-me mais confiante para discutir as hipóteses silábicas construídas pelos alunos em relação à escrita. Algumas professoras tinham conhecimento a respeito do assunto, mas, para metade dos grupos, as informações eram novas. Elas revelavam a necessidade de discutir o tema, a partir de 2008, todos os alunos do 1º ciclo da Rede Municipal serão observados (com os devidos registros) sob esse prisma.

Creio que não cabe aqui detalhar o planejamento de cada encontro relacionando as atividades aplicadas, visto que há os relatórios específicos de cada fascículo. Entretanto, vale mencionar algumas estratégias de formação utilizadas:

- estímulo à leitura e escrita;
- socialização de estudos ou atividades (aprender com o outro é fundamental);
- registro e reflexão sobre o mesmo;
- sistematização dos pontos mais significativos de cada fascículo;
- articulação de relatos com conceitos teóricos;
- discussões visando amadurecimento de pontos levantados pelo formador ou pelos professores;
- articulação entre capacidades e estratégias didáticas.

V- Análise da experiência de formação

Fazer um relato sobre algo implica produzir um texto subjetivo, por mais que tenhamos tópicos a seguir. Afinal, um relato não corresponde exatamente aos fatos como ocorreram – por mais que seja essa a intenção – mas ao modo como o relator os percebeu.

Inicialmente reporto-me a minha indicação para tutora. Havia na Rede Municipal a necessidade de dedicar trabalho específico às séries iniciais, no que tange à leitura e escrita. Surge, então, a possibilidade de parceria com o MEC para desenvolvimento do programa Pró-Letramento. Eu, já como uma das coordenadoras do Setor Pedagógico da Secretaria de Educação, fui convidada para tal ‘missão’.

Tive o cuidado de certificar-me, junto às orientações do MEC, se seria possível minha participação como tutora, uma vez que nunca alfabetizara. Atualmente, leciono Língua Portuguesa especificamente para o Ensino Médio. Tais inquietações retornariam na semana de Formação Inicial.

Nos primeiros dias, em Mendes, o desespero chegou. Como fazer formação continuada sem conhecer nem mesmo as hipóteses silábicas construídas pelos alfabetizandos? Percebi que não era a única nessa situação!

Lancei-me um desafio: como sou especialista no ensino de língua portuguesa, pesquisá-lo-ia no âmbito das séries iniciais. Como diz Antônio Nóvoa, na epígrafe: “formar é formar-se”. Seria uma oportunidade de pesquisar um campo até então desconhecido. Vesti-me de coragem, disposição e até um pouco de audácia.

Posicionava-me, durante os encontros, como uma orientadora das discussões. Não tinha o propósito de apresentar respostas, mas de organizar atividades que pudessem favorecer reflexões, retomadas de conceitos considerados verdadeiros e, conseqüentemente, novas construções. Procurava fazer valer o papel das professoras de agentes em sua própria formação. Mesmo já tendo desenvolvido o programa “Orientador Formador”³ em anos anteriores, precisei de alguns encontros, para tornar-me mais confiante.

Senti falta, nos encontros mensais com os outros tutores do estado, de alguns momentos destinados a discussões sobre “o que é fazer formação”. Será que todos os tutores têm clareza de que tal trabalho possui características diferentes de “dar cursos”? Gostaria de ter discutido um pouco mais sobre estratégias de formação. Sei que por ser um ‘procedimento’, o mais eficiente é *aprender a fazer, fazendo*, porém a reflexão sobre a nossa prática de formador poderia também ser contemplada. Analisar o que foi feito, comparar, ouvir algumas experiências seria enriquecedor.

É importante ressaltar a qualidade dos encontros mensais – sempre oferecendo subsídios para nossos planejamentos subseqüentes, inclusive oferecendo textos complementares. Tal suporte teórico facilitava a preparação dos planejamentos. Sendo coerente com um dos meus objetivos junto aos professores (estimular a autonomia em relação a sua própria formação continuada), procurava fazer as leituras sugeridas nas bibliografias.

Antes de organizar o planejamento, refletia sobre os meus objetivos naquele encontro. O tempo era o meu pior inimigo, pois minhas pautas nem sempre eram

³ Programa de formação continuada criado pela equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e desenvolvido junto aos Orientadores Pedagógicos da rede nos anos de 2002 e 2003.

cumpridas com facilidade. Pensava sempre nas características dos grupos, para que cada encontro permitisse avanços no sentido de possibilitar a criação de práticas adequadas à realidade específica de cada turma. Mesmo com um planejamento consciente, tenho clareza de que as atividades podem ser vivenciadas de diversas formas pelos professores que dela participam. A apropriação dos conceitos discutidos e as práticas desencadeadas pelas situações experimentadas nos grupos escapam ao controle e previsão do formador. Assim, a observação e a constante reflexão sobre as falas são imprescindíveis ao formador.

De uma maneira geral, as professoras demonstravam interesse e satisfação por participarem dos grupos. Parecia, realmente, que todos estavam reunidos motivados pelo propósito de buscar avanço qualitativo na prática pedagógica. O grupo da manhã demorava-se mais nas discussões, aprofundando-as. Durante o desenvolvimento das atividades, eu observava com atenção o que as professoras consideravam obstáculo para a realização de seu trabalho. Procurava, então, discutir tais pontos com o grupão. Geralmente era desencadeada uma troca de experiências. Procurei, no início do Programa, destinar um tempo específico para os relatos, porém constatei que eram mais enriquecedores quando surgiam espontaneamente.

Os temas dos fascículos foram muito bem aceitos. Destacaria “*O Livro Didático em Sala de Aula*” e “*Jogos e Brincadeiras no Ensino de Língua Portuguesa*”. Para o próximo ano, planejei o fascículo 1 em cinco ou seis encontros, já que ele traz embasamento teórico primordial à proposta de alfabetizar letrando e suscita atividades variadas sobre sua temática. Acrescentarei também no desenvolvimento do fascículo sobre leitura, material específico sobre estratégias de leitura. Foi muito válida a reorganização da seqüência de estudo dos fascículos, formou-se um ‘todo significativo’ bastante coerente.

Transcrevo, a seguir, trechos coletados da avaliação feita pelos professores ao final do 1º semestre, que podem ilustrar o que já foi relatado.

“No ‘*curso*’, temos a oportunidade de buscar o como e o porquê das coisas e nos questionar para estar descobrindo erros e formas de melhorar o que já existe.”

(Valdirene Moura – Turma A)

“ (...) sinto-me mais segura na hora de ‘avaliar’ o aluno e também o meu trabalho. Estou conseguindo deixar as atividades de memorização de lado, tornando a aula mais dinâmica e produtiva, levando o aluno a pensar e descobrir a escrita, construindo com eles o conhecimento, que não é meu, é nosso.”

(Elzimar Coutinho – Turma B)

“O ser humano sempre está cercado de dúvidas e receios, mas que bom que podemos saciar nossa curiosidade, explicitar nossas dúvidas e dividir nossos tormentos e, finalmente, colher frutos sadios enquanto discutimos a Educação. (...)

Estou muito feliz!”

(Márcia Cunha dos Santos – Turma B)

“Alguns erros e equívocos sempre surgirão no decorrer do trabalho. Eles não são nossos inimigos e, sim, companheiros fiéis, pois nos fazem refletir e tantas vezes melhorar nosso desempenho. Os infortúnios devem servir não para decretar nosso fracasso, mas para ressaltar que é preciso mais aperfeiçoamento.”

(Cláudia França)

VI- Conclusões

Para concluir o relato de uma experiência tão gratificante, ressalto que, enquanto formadora e, ao mesmo tempo, formanda, é fundamental que nossos objetivos estejam bem definidos. Quando avançamos da problemática da crítica e assumimos uma postura de “o que posso fazer mediante tal realidade”, as chances de avanço são bem maiores.

Assim, a produção de sentido na interação pedagógica entre alfabetizandos e alfabetizadores precisa ser aprimorada. Entender o que os discentes necessitam para avançar no processo de construção de conhecimentos sobre a escrita é o primeiro passo na busca de melhorias na qualidade do ensino de língua portuguesa.

VI- Bibliografia

CASTORINA, J.A.; FERREIRO, E.; LERNER, D.; OLIVEIRA, M.K. de. *Piaget- Vygotsky; novas contribuições para o debate*. Trad. Cláudia Schiling. São Paulo, Ática, 1995.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo, Cortez, 1985.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Secretaria da Educação Fundamental. Referenciais para a Formação de professores. Brasília/DF 1998.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa (1ª a 4ª série). Brasília/DF, 1997.

NÓVOA, Antônio (org.). *Vidas de professores*. Porto, Porto Editora, 1995.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins fontes, 1984.

_____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins fontes, 1987.

PRÓ – LETRAMENTO MUNICÍPIO DE BARRA MANSA – R.J

Ronaldo José Ribeiro

Relatório final para conclusão do curso
do Pró-letramento – Rio de Janeiro / 2007.

Orientadora:
Prof. Dra. Andréa Tereza Brito Ferreira (UFPE/CEEL)

O município de Barra Mansa situa-se na região sul do Estado do Rio de Janeiro, com uma área de 547,55 km² e 172 mil habitantes. Possui 68 escolas municipais atendendo 21.837 alunos.

O Pró-Letramento em linguagem no município de Barra Mansa possui dois tutores e ofereceu vagas para professores que desejassem a formação continuada em horário de trabalho, sendo que 69 concluíram com 75% de frequência. Um tutor ficou disponível no horário noturno para todos que quisessem fazê-lo fora do horário de trabalho; dos inscritos, 15 concluíram.

Trabalhar com as professoras foi bastante agradável, pois mesmo não sendo um professor alfabetizador, não senti em nenhum momento resistência do grupo em relação a este fato, o que em certos momentos até ajudou, pois em algumas situações eu comentava o que acontecia na quinta série e sempre, em consenso, elas procuravam explicar do que se tratava aquele assunto e algumas narravam suas experiências em sala de aula e o que deveria ser feito para que o aluno não chegasse a quinta série com determinadas dificuldades.

O fato de o grupo possuir mais de setenta por cento das professoras com formação superior e a maioria graduada em pedagogia, mostra o interesse delas pela questão da educação básica.

Os encontros obedeceram a uma rotina: leitura deleite; retrospectiva do encontro anterior, um momento aberto para algum relato de experiência docente, apresentação dos slides e a releitura de partes do módulo, principalmente dos relatos dos docentes e das atividades sugeridas. Um ponto que considere negativo foi o fato de que elas, na maioria, não faziam uma leitura detalhada dos capítulos com antecedência; isto atrapalhava o desenvolvimento. Como estava sendo constante, entramos num acordo e passamos a incluir a leitura deles em nossa rotina de trabalho.

Uma preocupação minha era enfatizar sobre o perigo do “Óbvio”, pois o que pode ser simples para o professor, certamente não o é para o aluno e se o professor já repetiu várias vezes a atividade, e o aluno não compreendeu, é sinal de que o aluno pode estar não entendendo o significado da expressão usada pelo professor, ou algum vocábulo não é de seu conhecimento. Para exemplificar isto, trabalhamos com uma frase de um general romano, consagrada pelo poeta Fernando Pessoa: “*Navegar é preciso, viver não é preciso*” e parafraseando, *Casamento é preciso, amor não é preciso*. Eu afirmei que ambas eram corretas e coerentes com o espírito humano. Elas protestaram dizendo que viver é necessário e que o amor é mais necessário do que o casamento. Neste momento eu expliquei que não estava dando ao vocábulo *preciso* o significado de *necessário* e sim de exatidão. Elas

compreenderam aonde queria chegar e surgiram comentários sobre experiências em sala de aula que serão descritas no relatório do fascículo 4.

Fazendo uma reflexão sobre o meu trabalho como tutor, observei que poderia ter feito mais atividades práticas em sala de aula, visando fixar melhor a reflexão sobre os cinco eixos e uma troca maior de experiências entre as professoras. Tivemos atividades práticas, mas penso que deveria ter sido em um número bem maior. Quanto a reflexão sobre a prática docente, fiquei satisfeito com o resultado, pois conseguimos discutir assuntos importantes como a valor da avaliação como instrumento pedagógico; a importância da leitura de literatura infantil pelo professor; a transformação da leitura em uma constante na rotina da sala de aula; a importância do lúdico na aprendizagem; a preocupação com o óbvio; a necessidade de registrar não só as experiências como também os fatos que serão importantes para uma avaliação mais abrangente sobre o desenvolvimento dos alunos e para finalizar esta parte, conversamos sobre a importância da oralidade, da necessidade de incentivar os alunos a falarem em público, e se possível, ao microfone.

O limite do trabalho como tutor era a falta de experiência, o pouco tempo de formação, uma vez que um dia só e pouco para assimilar todo conteúdo de um fascículo e na semana seguinte retransmiti-lo. Agora é que posso falar com mais conhecimento sobre os fascículos, porque o tempo de vivência foi maior, e as dúvidas levantadas durante os encontros com as professoras mostraram detalhes que não se percebe quando a preocupação maior é estudar os conteúdos dos fascículos para planejar os encontros.

Das atividades propostas pelo Pró-Letramento, a mais difícil de trabalhar foi a do livro didático, isto porque mesmo não tendo resistência, reconhecendo a importância de se escolher melhor o nosso material de trabalho, reconhecendo que a forma como os escolhemos é muito superficial, não os analisamos racionalmente, ficamos muito preso ao impacto da diagramação e a alguns detalhes que variam de professor para professor e, este vazio não consegui preencher nas minhas professoras e nem em mim mesmo. Aprender a analisar um livro didático não é tarefa tão simples. As professoras ficaram sensibilizadas, mas ainda falta muito conhecimento sobre o assunto para que elas façam uma escolha segura.

Os demais assuntos foram fáceis de serem trabalhados. Os jogos, por exemplo, encantaram a todas, e não foi de forma superficial, era algo mais, como se cada uma delas procurassem um modelo, um “método”, uma fórmula para sanar as deficiências de alguns alunos. As pesquisas, as trocas de experiências, os relatos, tudo era muito intenso. A leitura, com ou sem sala de leitura também foi bastante dinâmica, com rodas de leituras, análise dos comportamentos das próprias professoras e a descoberta de se criar alguns projetos ou situações para incentivar a leitura de livros infantis pelos professores e facilitar o conhecimento pelo mesmo do acervo da escola. Na leitura deleite deste fascículo eu fui muito feliz, porque reencontrei dois textos interessantes: Ler com Alma; Ler sem Alma. O primeiro fala de um

professor que encantou os alunos quando mostrou para eles como deveriam ler um texto literário, e o segundo, mostra um professor preocupado apenas em analisar sintaticamente o texto, não aproveitava o momento de leitura para ampliar os horizontes dos meninos. Este módulo também foi muito bem trabalhado.

Os principais resultados, estes sim, enchem-me de orgulho! Posso falar que nossas alunas gostaram do material, assimilaram a idéia do alfabetizar letrando e montaram oficinas sobre temas como leitura, arte, jogos e apropriação do sistema de escrita para todos os professores do ensino básico, que ao avaliarem as oficinas se disseram satisfeitos. Nossas cursistas tiveram cem por cento de aprovação.

As oficinas, bem como os objetivos das mesmas são:

- Brincarte: valorizar as brincadeiras, jogos e as artes como estratégias para a construção do desenvolvimento infantil.
- Com-Texto-Atualizando: estimular o uso da leitura e da escrita como forma de inserção no meio social.
- Joletrando: reconhecer as fases da escrita na alfabetização; levar os professores a intervirem para o avanço das fases da escrita na alfabetização; proporcionar-lhes a construção de jogos para aplica-los com segurança na prática do dia-a-dia.
- O Lúdico na Aprendizagem: mostrar ao grupo participante a importância e as vantagens de trabalhar com jogos no processo ensino-aprendizagem.

OFICINA: A Apropriação do Sistema de Escrita na Prática Pedagógica

Introdução

No dia 14 de setembro de 2007, foi realizada a oficina: A Apropriação do Sistema de Escrita na Prática Pedagógica, no CIEP Vila Maria, localizada no bairro Vila Maria, no município de Barra Mansa. Onde o objetivo foi levar sugestões de atividades práticas que proporcionem o desenvolvimento das capacidades lingüísticas de ler e escrever no início da vida escolar dos alunos.

Desenvolvimento:

Começamos a oficina com transparências que continham textos imagéticos, que proporcionou diferentes leituras, ampliando a reflexão que cada indivíduo vê o mundo com diferente olhar.

Emília Ferreiro foi colaboradora de Jean Piaget, realizou investigações científicas sobre a idéia de que a criança reconstrói o código lingüístico pensando sobre o que o escrito representa e como ela se estrutura. Assim acontece com as crianças que iniciam a

alfabetização, sendo necessário compreender que cada um possui um olhar, um ritmo diferente de ampliar seu conhecimento, respeitar o nível de evolução do desenvolvendo do sistema da escrita alfabética.

A primeira palavra que o aluno aprende em casa e na escola é o nome, com ele trabalhamos a identidade do aluno e a auto-estima, sendo esse o ponto de partida para a compreensão da escrita. Através da visualização, do reconhecimento e da escrita. Sendo assim as professoras presentes confeccionaram crachás com seus nomes escrevendo a primeira letra em evidência com a cor diferente. É importante, usarmos o alfabeto para que a criança conheça todas as letras que podemos usar para escrevermos as palavras. Montamos um alfabeto com os nomes das professoras presentes e sugerimos a construção de outros usando rótulos, objetos, etc.

Para motivar fizemos a dinâmica: Fala Nome, onde em círculo cada integrante diz o seu nome e uma qualidade que comece com a primeira letra do seu nome, exemplo: Roberta = radiante, foi um momento de descontração e que trabalhamos a concentração e memória. Trabalhando de forma lúdica e motivadora utilizamos o balão, a pescaria de letras, a trilha do alfabeto, jogos didáticos com letras do alfabeto e a música “Alfabeto da Xuxa”.

Uma sugestão para que o aluno comece a construir frases é a confecção de fichas e o uso do frasário. Com esses recursos, os alunos compreenderão a estruturação das frases, noções de iniciar com letras maiúsculas, espaçamento entre as palavras, pontuação. Abordamos as importâncias da produção de textos coletivos, através dos quais as crianças se familiarizam com a estrutura do texto escrito e se apropriam do sistema da escrita alfabética. Para aumentar a criatividade da aplicação dos textos, sugerimos a confecção de uma caixa surpresa, na qual contém fichas com figuras e palavras variadas onde os alunos sortearão duas ou três fichas que deverão estar inseridas no texto a ser produzido. Sugerimos também o trabalho com a identidade do aluno, “O personagem do dia”, um aluno é escolhido para ser entrevistado sobre a sua vida, utilizamos perguntas chave como: _ Quem é? _ Onde você mora? _ O que mais gosta? _ O que menos gosta?, após informações levantadas, os alunos produzirão um texto coletivo, a professora poderá anotar no papel pardo para que o texto fique exposto na sala de aula.

Continuando o trabalho com a identidade, fazer uma auto-produção na qual cada aluno explorará a sua vivência.

Fechamos a oficina fazendo a avaliação do nosso trabalho, onde colocamos as opções: satisfeito (a), insatisfeito(a) e outros, obtivemos um índice total de satisfeitas.

Grupo participante:

Cláudia Araújo Monteiro

Luciane Lopes Alves

Marinete de Souza Braga

Michelle Antonieta da Silva Barros

Roberta de Araújo Ribeiro Pereira Sandra A. S. Olympio

Vanilda da Silva Lima Boaventura

A descrição das outras oficinas seguirão no relatório do fascículo 4

Cabe enfatizar que o Pró-Letramento em Barra Mansa já é um sucesso, pois bastou uma oportunidade para que os professores cursistas mostrassem para toda a Rede Municipal de Ensino o que é o Programa, quais os seus princípios norteadores e como suas idéias podem tornar a prática pedagógica mais atraente e produtiva. Todos estes fatos relatados acima justificam a continuidade do curso, não só em Barra Mansa, mas em qualquer lugar do Brasil.

ENSINAR E APRENDER: UMA CONSTRUÇÃO PERMANENTE

Suzana Grimaldi Machado

*“Voltar ao magistério é voltar a um dos lugares que mais mexem conosco,(...)
Voltar ao magistério é lembrar a nossa própria história.(...)
e lembrar as marcas que nos deixaram e o profissional que nos fizemos.
Reencontrar colegas de escola, de área, de rede, é lembrar projetos, inovações e
transgressões pedagógicas onde reinventamos o sentido para o cotidiano de nosso ofício...”
Miguel Arroyo.*

Falar do Pró-Letramento e do trabalho de tutoria é falar também de todo o caminhar que teve início quando decidi ser professora. É impossível desvincular toda essa história do que vivenciei este ano. Por isso, decidi iniciar falando um pouco dessa trajetória que, sem dúvida, se reflete na minha atuação como tutora da área de Alfabetização e Linguagem, pois é essa caminhada que respalda o meu trabalho com as professoras. É nela que me embaso e é por ela que as cursistas me autorizam a adentrar as suas salas de aula e saber um pouco mais daquilo que, lá, acontece.

Como docente de turmas de Educação Infantil, Ciclo de Alfabetização - que compreende os três primeiros anos de escolaridade - e de Classes de Aceleração da Aprendizagem - projeto que objetivava reduzir o índice de distorção série-idade na Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias - já percebia a necessidade urgente de um trabalho de formação em serviço mais sistemático com os professores. Esta experiência me ofereceu informações e conhecimentos práticos sobre a dinâmica da sala de aula, sobre os sujeitos que compõem esse espaço, sobre o cotidiano escolar, no seu aspecto geral, que contribuem significativamente para a percepção e compreensão das dificuldades que enfrentam as cursistas em seu fazer pedagógico. Foi esse trabalho, desenvolvido na Escola Municipal Albert Sabin, localizada no 2ª distrito do município, que fez com que eu fosse convidada, no ano de 1999, a participar da Divisão de Ensino Fundamental, hoje, Equipe de Educação Infanto Juvenil, na Secretaria Municipal de Educação, para implementar os Programas de Formação Continuada desta Secretaria.

Acredito que a Formação Continuada é a principal via para melhorar a qualidade da Educação, pois alia a teoria à prática, em um movimento constante de ação-reflexão-ação. É nesta tríade que pauto o meu trabalho como formadora de professores e, hoje, como tutora do Pró-Letramento. Porque acredito que apenas a reflexão permanente sobre a própria prática pode dar ao professor subsídios para mudar, de forma consciente, o seu trabalho.

“Sem uma reflexão sobre a própria prática, esta se torna automática e corre o risco de distanciar-se cada vez mais da realidade mutante da sala de aula.

A reflexão é a única via para melhorar o nosso trabalho.”

Rosa Simó & Neus Roca

Este relato é, portanto, fruto de uma experiência que perpassa os últimos quatorze anos, oito dos quais venho trabalhando permanentemente nos Programas de Formação Continuada implementados pela Rede Municipal de Duque de Caxias, não apenas para os professores, mas também para gestores, orientadores educacionais e orientadores pedagógicos. Tais Programas destinam-se, em especial, a área de Alfabetização e Linguagem, mas também abordam questões mais específicas de cada um dos elementos presentes no cotidiano escolar.

Para que o leitor possa entender um pouco mais como a Formação Continuada se dá em Duque de Caxias, faço uma breve exposição da proposta, caracterizando esse município, que é, também, objeto desse relato.

A proposta pedagógica da rede municipal de Duque de Caxias é fruto de um movimento coletivo que teve seu início por volta de 1990, com os estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky sobre a Psicogênese da Língua Escrita. Tais estudos deram origem à implantação do Ciclo de Alfabetização, que compreendia as duas primeiras séries do ensino fundamental, se estendendo para as três primeiras séries a partir do ano letivo de 1996. O investimento em Formação tem sido uma constante desde então. Iniciamos, meio timidamente, com encontros bimestrais, realizados no que chamávamos de “Escola-Pólo”, escola que recebia outras escolas da mesma localidade para que a SME pudesse oferecer a Formação. Hoje, temos diferentes frentes de trabalho, algumas com encontros mensais, mas a maior parte delas, como o Pró-Letramento, com encontros semanais entre SME e professores regentes.

O Município de Duque de Caxias, localizado na Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, é dividido em quatro distritos, a saber: Duque de Caxias,

Campos Elíseos, Imbariê e Xerém. No município, a Rede Pública de Educação atende a diferentes níveis e modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental (1º ao 9º anos de escolaridade), Educação Especial e Ensino Regular Noturno. Atualmente, o município possui 116 escolas, 17 creches, além de 21 Instituições que foram municipalizadas recentemente, totalizando 154 Unidades Escolares, distribuídas entre os quatro distritos citados.

Para desenvolver o trabalho proposto pelo Pró-Letramento, a Secretaria Municipal de Educação conta com quatro tutoras na área de Alfabetização e Linguagem. Foram formadas oito turmas e cada tutora tem a responsabilidade de tutoria em duas turmas, que são atendidas semanalmente. Foram contempladas 55 (cinquenta e cinco) escolas, que representaram todos os distritos, níveis e modalidades de ensino do município, totalizando cerca de 150 (cento e cinquenta) professores cursistas.

Entendendo que a Escola é feita por todos os que nela atuam e, portanto, todos necessitam estar em Formação para que se estabeleça uma linha de ação conjunta e coerente com a linha pedagógica da Rede, que é baseada na proposta sociointeracionista de aprendizagem, os Orientadores Pedagógicos, Orientadores Educacionais, Gestores e Professores que desenvolvem atividades extra-classe, como Dinamizadores de Sala de Leitura, foram convidados a participar da Formação do Pró-Letramento.

O trabalho desenvolvido pela Equipe de Tutores do Pró-Letramento incluiu além dos encontros semanais com as turmas, os encontros mensais com a Equipe do CEEL – Centro de Estudos em Educação e Linguagem, da Universidade Federal de Pernambuco e do LEDUC – Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura, Escrita e Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e reuniões semanais, organizadas pelas próprias tutoras, para planejamento, estudos e avaliação das pautas realizadas com as cursistas. Essas reuniões periódicas tem o objetivo de adequar a proposta vinda das Universidades que integram a Rede Nacional de Formação Continuada à realidade que vivemos em nosso município, considerando que a formação dos docentes, mesmo que, com encontros mensais, sempre foi uma preocupação da Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias. Elas também nos garantem um momento para troca de experiências entre as tutoras e a constante avaliação do caminhar das cursistas,

embora, por vezes, a grande demanda de atividades nos limite um pouco nessa questão.

Após esta exposição geral do trabalho no município, vou abordar, mais detalhadamente, a experiência vivenciada durante esses nove meses, onde ao longo de 30 (trinta) encontros, realizei, com muita satisfação, a tutoria do Pró-Letramento com as duas turmas a mim destinadas.

No início, por mais que já tenha experienciado o processo de formação permanente de professores, vivi um misto de satisfação e ansiedade. Isto porque, “cada turma é uma turma” e cada experiência é sempre uma nova e gratificante experiência. O histórico em relação à Formação que o município tem também foi um fator importante. Não poderíamos chegar nas turmas desconsiderando toda essa trajetória da Rede. Por isso, até conseguir estabelecer uma relação de parceria com as cursistas, me senti um pouco apreensiva. Em alguns momentos, parecia que o Pró-Letramento estava trazendo algo dicotômico com tudo que a SME já vinha fazendo e, desconstruir essa idéia também nos trouxe uma ansiedade, inicialmente. Porém, essa sensação parecia estar mais em mim mesmo do que propriamente nas cursistas.

Após a primeira semana de aula, já consegui sentir, pelo menos a turma de sábado, extremamente curiosa e disposta a rever as suas próprias certezas, como foi registrado nas expectativas iniciais. Repensar minha prática, rever, reconstruir, desconstruir conceitos, ampliar conhecimentos foram pontos abordados por muitas cursistas.

Na turma de quarta-feira, isso levou mais tempo, mas a partir do terceiro encontro, o clima favorável e necessário ao trabalho já havia sido instaurado. As expectativas, em geral, apontavam a necessidade de ampliar conhecimentos para melhorar a prática pedagógica, o que já era um bom começo.

Assim, junto com as professoras cursistas, fui me fazendo, delas, professora e, nessa busca pela melhoria do próprio trabalho, fomos crescendo enquanto grupo de estudo e de formação.

As turmas, embora com características bastante diferentes, apresentavam similaridades também. Nas duas turmas existia uma heterogeneidade significativa, o que aumentava ainda mais a troca de experiências. Professores de todos os níveis e modalidades, além de gestores e pedagogos, formaram as turmas, o que trouxe

sempre, reflexões surpreendentes. Professores que nunca participaram de nenhuma das formações já oferecidas e professores que vêm participando sistematicamente delas, ajudaram a manter uma dinâmica de vivacidade nas aulas. Sempre tinham algo a relatar, a acrescentar, a dizer, e assim, transformaram todos os encontros em momentos de grande troca de experiência. O que fez, sem dúvida, com que o desejo de permanecer se mantivesse forte até o final.

O sentimento de respeito e união entre elas era enorme, tanto que solicitaram permanecer juntas no Pró-Letramento de Matemática. A troca de experiência foi uma constante. Expunham-se sem receios e sem medo de críticas. Construíram e reconstruíram conceitos. A segurança e a satisfação em fazer parte do grupo, ficaram cada vez mais evidentes entre as cursistas. Enfim, foram se constituindo, verdadeiramente, um grupo. Utilizo Madalena Freire e seu poema “Grupo é... Grupo”, para ilustrar as turmas.

“A cada encontro: imprevisível.

A cada interrupção da rotina: algo inusitado.

A cada elemento novo: surpresas.

A cada elemento já parecidamente conhecido: aspectos desconhecidos.

A cada encontro: um novo desafio, mesmo que supostamente já vivido.

A cada tempo: novo parto, novo compromisso fazendo história.

A cada conflito: rompimento do estabelecido para a construção da mudança.

A cada emoção: faceta insuspeitável.

A cada encontro: descobrimento de terras ainda não desbravadas.

Grupo é grupo.”

Por que estou falando isso? No que esta relação tem a ver com o relato de formador, que, agora escrevo? Falo sobre isso, primeiramente, porque considero que a formação só deu certo porque realmente estabelecemos, eu e as cursistas, uma relação de parceria, de apoio e auxílio mútuos. Depois, porque acredito que eu também faço parte desses dois grupos e, também, porque eles são o foco do meu trabalho e deste relato.

Recordo, agora, de um de nossos maiores mestres, Paulo Freire, que fala tão claramente desta relação que deve permear toda prática educativa, lembrando-nos do fato de que trabalhamos com seres humanos, com pessoas, com suas ansiedades, expectativas, limites e possibilidades.

*“O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta,
mas gente em permanente processo de busca.*

Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, (...).”

*E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer
entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente ou discente,*

recusar a minha atenção dedicada e amorosa (...)

jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma,

em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos (...).”

A maior preocupação que eu tinha era fazer com que as professoras me vissem como uma parceira “mais experiente”, que poderia auxiliá-las na reflexão sobre a sua prática para que mudanças efetivas pudessem acontecer. Não posso falar de uma concepção de aprendizagem se não viver essa concepção em minha prática pedagógica e diária. E, pelos comentários das próprias cursistas, consegui alcançar esse objetivo.

Em relação aos objetivos do Pró-Letramento, acredito que o maior diferencial para as professoras tenha sido a distinção dos eixos necessários ao Ensino da Língua Portuguesa e as capacidades a serem desenvolvidas em cada um deles. Esse foi talvez, o conhecimento que tiveram que construir. Ao lado dele, é claro, foi preciso ressignificar e reconstruir alguns outros, mas pelos relatos apresentados e pelo avanço dos alunos pude perceber claramente que este também foi alcançado com êxito. Algumas professoras passaram não só a planejar observando as capacidades, mas também a avaliar seus alunos utilizando, para tal, não apenas o diagnóstico da escrita, com base nas idéias de Ferreiro e Teberosky, prática já comum a maioria das professoras, mas também contemplando as capacidades já desenvolvidas e as que precisam ainda ser desenvolvidas ou potencializadas.

Algumas atividades se fizeram mais marcantes do que outras, embora todas as propostas desenvolvidas tenham sido encaradas pelas cursistas com o mesmo entusiasmo e interesse. Descrevo, a seguir, algumas delas.

Uma das atividades que trouxe grande satisfação foi a corrida pedagógica, realizada no fascículo um, onde tínhamos o objetivo de refletir sobre a prática avaliativa dos professores. Jussara Hoffman, em *Avaliar para Promover: As setas do caminho*, embasou nossas reflexões e a leitura deleite, de seu diário ao fazer a peregrinação ao Caminho de Santiago, emocionou bastante as professoras.

A produção do livro da turma, realizada no fascículo dois, com respostas as questões do tipo “O que faria se...” também motivou bastante e foram produzidos textos surpreendentes. Com esta atividade, introduzimos a reflexão sobre as

práticas de produção textual nas salas de aula e como enriquecer essas propostas. Para nos embasar teoricamente, utilizamos o artigo sobre Produção de textos, de João Wanderley Geraldi, publicado no livro *Portos de Passagem*, que aborda a questão de maneira bem pontual.

No fascículo três, o momento que mais encantou o grupo, foi, sem dúvida alguma, a aula destinada aos Relatos Docentes, onde quatro professoras de cada turma puderam expor, com mais propriedade o seu trabalho, oportunizando uma troca de experiência enorme entre as cursistas. Tanto as que ouviram os relatos quanto as que foram as relatoras aprenderam e ensinaram bastante nesse dia.

No fascículo cinco, as atividades que mais envolveram os professores foram as atividades lúdicas envolvendo a produção textual e a leitura. Foram produzidas atividades excelentes e nessa dinâmica as professoras ressignificaram antigas práticas, que eram utilizadas como mais um exercício, tirando delas a ludicidade natural. Falamos sobre as parlendas, a forca, o caça-palavras, a cruzadinha, as adivinhas, que são brincadeiras e que foram transformadas em mais uma atividade, fazendo muitas vezes com que o aluno perca o interesse por elas. Esse era o meu maior objetivo nesse fascículo e conseguimos alcançá-lo.

A professora Márcia Spadetti, que foi cursista do PROFA, em 2005, também comigo, em seu relato, encantou-me ainda mais, dizendo: *“percebi que devia aproveitar as parlendas para que pudessem aprender brincando. (...) tenho brincado mais com eles... cantado mais...”* Muitas cursistas trouxeram depoimentos semelhantes, mas optei por registrar aqui o da Professora Márcia, pelo fato de já ter estado com ela em outros momentos e perceber, com clareza, o seu crescimento pessoal e profissional ao longo das formações que participa.

A análise dos livros didáticos, proposta pelo fascículo sete, com base no Guia Nacional do Livro Didático, foi um momento igualmente enriquecedor para as turmas, pois a maioria nunca havia manuseado o Guia do PNL. Conhecer o histórico desse processo também motivou bastante, porém as críticas feitas ao processo de escolha foram grandes.

As atividades sobre a Oralidade e a Escrita, realizadas a partir da leitura do livro “A verdadeira história dos três porquinhos”, fizeram o segundo semestre começar trazendo de volta a satisfação de estar na formação. A reflexão sobre as diferenças entre falar e escrever permearam todo o fascículo seis e, com ela,

podemos apresentar e discutir com as professoras diferentes tipologias textuais que se enquadram nessa relação. Magda Soares, que já é um referencial teórico para a formação, surgiu novamente nessa etapa e, junto a ela, Luiz Antonio Marcuschi e Angela Paiva Dionísio, aumentaram a reflexão sobre a relação existente entre a fala e a escrita, dando o tom dos encontros.

As atividades de revisão textual envolvendo a análise lingüística trouxeram grandes reflexões. Nelas utilizamos Artur Gomes de Moraes, Luiz Carlos Cagliari, Jaime Luiz Zorzi, como referenciais teóricos para o grupo. O objetivo maior era fazer com que as professoras percebessem que não podemos revisar todas as questões ao mesmo tempo e construir formas diferentes de trabalhar com os aspectos apresentados. Propostas de atividades significativas e coerentes trouxeram mais informação prática aos professores e uma grande troca de experiência foi promovida nos encontros destinados ao fascículo quatro.

Os Relatos Docentes, realizados ao final da Formação e entregues por escrito foram mais uma atividade que envolveu tão intensamente as professoras, que realizei uma pauta apenas para que pudessem falar sobre o que pretendiam escrever e ao mesmo tempo, ouvir a opinião das demais. “Falar ajuda a escrever”, foi a conclusão tirada pelas duas turmas, articulando o fascículo seis com a proposta de trabalho final.

Avaliando o meu percurso como tutora, posso dizer que com o Pró-Letramento, me vi ressignificando antigas práticas e reconstruindo conceitos, que eram tidos como verdadeiros e quase que absolutos. Essa é a grande mágica da formação docente. Aprender enquanto ensina, ensinar enquanto aprende...

Faço uso, novamente, de nosso mestre - Paulo Freire - que em seu livro Pedagogia da Autonomia, nos mostra quantos “saberes” são necessários à prática docente.

*“É preciso que, (...), desde os começos do processo,
vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si,
quem forma se forma e re-forma ao formar e
quem é formado forma-se e forma ao ser formado.
É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos,
nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma,
estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado.
Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos,*

apesar das diferenças que as conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro.

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

Mesmo já tendo participado de inúmeros Programas de Formação Continuada, o Pró-Letramento me trouxe um grande aprendizado. O maior diferencial dele consiste no fato de ser, você, e só você, como também o é na escola, em nossas salas de aula, a responsável pela condução da proposta. Por mais que se planeje junto, que se busque estratégias com as demais tutoras, lá na sala de aula, é com você. É você quem conduz a dinâmica da aula e faz com que os professores se sintam parte desse processo ou não. É você, que, com um olhar atento, precisa perceber se a dinâmica pensada inicialmente está dando certo ou não, e, mudar, se for preciso. É você que deve avaliar constantemente o seu trabalho, as suas falas e a sua postura frente às alunas-professoras. Não tem mais ninguém, é só você.

Sempre apostei, desde que decidi fazer parte dos Programas de Formação Continuada da Rede, que o estabelecimento de um clima de parceria entre cursistas e formador é a mola mestra para que a formação alcance seu objetivo. Porém, como em todos os programas que tive a oportunidade de participar, o trabalho era desenvolvido por dois ou mais formadores, esta parceria tinha um papel menor do que o que teve no Pró-Letramento. Acreditava, realmente, que esta organização em duplas ou trios de trabalho era primordial, pois garantia um “outro olhar” sobre os avanços e dificuldades, garantia à troca sobre as cursistas e isso me parecia fundamental na condução da formação. Com a tutoria do Pró-Letramento percebi o quanto a parceria com as próprias cursistas, pode nos render outros olhares. Novos, múltiplos, diferenciados e verdadeiros olhares, sobre você, sobre as demais cursistas e sobre elas próprias.

Durante todo esse ano predispus-me a ser avaliada por elas e a avaliar-me mais constantemente do que antes fazia. Esta postura me aproximou ainda mais das cursistas, estabelecendo um clima extremamente dinâmico, envolvente, participativo, comprometido e saudável de troca, parceria e aprendizagem mútuos.

Estávamos sempre em busca de um mesmo objetivo, onde eu era, simplesmente, a parceira mais experiente, com a função de orientar as reflexões, as trocas, a dinâmica dos encontros.

Esta postura de abertura constante ao diálogo, de respeito aos saberes de cada cursista, fez com que propostas surpreendentes surgissem e fossem aceitas pelas duas turmas. Pois sempre que uma delas trazia uma sugestão, esta era encaminhada também a outra turma. Mesmo não se encontrando em nenhum momento durante o ano, as trocas entre as duas turmas foram ricas. Destaco três propostas como grandes diferenciais. A primeira foi a idéia de fazerem o registro reflexivo de cada um dos encontros. A cada semana, uma das cursistas se responsabilizava pela elaboração do mesmo. A segunda foi a criação de um grupo de discussão na Internet, que foi intitulado de “*Art&Manhas do Cotidiano Educacional*” e, a terceira foi a confecção de uma pasta com propostas de atividades e sugestões de textos para serem utilizados nas salas de aula. Esta última surgiu nas duas turmas, quase que concomitantemente.

Nessa dinâmica de pensar certo, de fazer certo, em que se concentra a prática do professor, ainda mais aguçada na prática do professor-formador, “me fiz e me refiz gente”. Gente que ensina e que aprende em um movimento constante de ação-reflexão-ação.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- ARROYO, Miguel G. – *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2ª ed., 2000
- BASTOS, Neusa Barbosa (org). *Língua Portuguesa: histórias, perspectivas, ensino*. São Paulo: Educ, 1998.
- CAGLIARI, Luiz Carlos – *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Scipione, 10ª ed. 2006
- FREIRE, Paulo – *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 19ª ed, 2001
- GERALDI, João Wanderley – *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 4ª ed, 1997.
- GROSSI, Esther Pillar e BORDIN, Jussara (org) – *A Paixão de Aprender*. Petrópolis: Vozes, 12ª ed. 2001
- HOFFMANN, Jussara – *Avaliar para promover: As setas do caminho*. Porto Alegre: Mediação, 2001

MARCUSCHI, Luiz Antonio, DIONISIO, Ângela Paiva - *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autentica, 2005

MORAIS, Artur Gomes – *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Atica, 4ª ed, 2002

NADAL, Beatriz e RIBAS, Marina Hoizmann – *Manual do Tutor – Formação de Professores Orientadores (tutores)*. Brasília: MEC. SEB / SED. UEPG, 2006

ZORZI, Jaime Luiz – *Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico*. Porto Alegre: ARTMED, 1998

TEBEROSKY, Ana e TOLCHINSKY, Liliana (org) – *Além da Alfabetização: A aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática*. São Paulo: Atica, 1996

**PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES
DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGEM

Tutora: Valda Lúcia Souza Panizzi Soares

Coordenadora: Luciana Linhares

Barra do Piraí- RJ

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO



RELATO DE EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO

Valda Lúcia Souza Panizzi Soares

I- Relevância do Trabalho

Trabalho como Supervisora Pedagógica na Secretaria de Educação no município de Barra do Piraí. No final de 2006, recebemos um convite para a implantação do Pró-Letramento – Mobilização pela Qualidade da Educação que é um programa de Formação Continuada de Professores visando a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura/escrita e matemática nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Após ler a proposta do programa e ver que se tratava de uma parceria entre o MEC e as Universidades da Rede Nacional e que muitos estados e municípios estariam envolvidos aceitei o desafio de ficar como tutora de Alfabetização e Linguagem visto que minha formação acadêmica é em Língua Portuguesa.

Penso que a formação continuada deva ser uma prática na vida de todos os professores. Afinal, a formação inicial serve apenas como ponto de partida para uma longa caminhada que sem dúvida tem seus percursos alterados. Nossos alunos não se parecem com os alunos de outrora, nem, tão pouco, os de hoje serão como os de amanhã. Se, nós, professores não buscarmos novos conhecimentos estaremos condenados a ser simples repetidores de conteúdos.

Desta forma, o curso do Pró-Letramento traz para nós, educadores, uma renovação de conceitos teóricos, a valorização de nossas experiências e, acima de tudo desenvolve em cada um de nós ações reflexivas.

II – Caracterização do Município e Turmas envolvidas.

Minha cidade, Barra do Piraí, está localizada no Médio Paraíba I. Possui uma população em torno de 92 mil habitantes. Sua principal atividade econômica concentra-se na pecuária de corte, na agricultura e na plantação de eucalipto.

Atualmente tem apresentado uma expansão significativa no setor industrial e comercial.

O Sistema de Ensino é constituído pelos segmentos: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA. Vale ressaltar que a inclusão de alunos portadores de necessidades educacionais especiais vem sendo implantada gradativamente de forma satisfatória.

A Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) tem procurado oferecer a seus educadores palestras, cursos, capacitações visando o aperfeiçoamento profissional trazendo desta forma a melhoria na qualidade do ensino.

Eu e a tutora Tânia, responsável pelo Pró-Letramento em Matemática, começamos a nos reunir para estudarmos o material e analisá-los. Decidimos fazer primeiro com apenas uma turma cada, pois não poderíamos deixar a supervisão do segundo segmento do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Marcamos uma reunião no dia 20 de dezembro para a apresentação do Programa e fizemos a inscrição de 20 professores para cada uma e já entregamos o calendário previsto para o ano seguinte dos dias do curso. Entretanto, alguns professores não compareceram ao primeiro encontro porque foram chamados em concurso de magistério realizado em outro município. Precisei fazer nova chamada e fiz as substituições. Para estes professores foi dada uma aula de reposição. Apenas 17 professores concluíram o curso representando 12 escolas.

III - Fundamentação Teórica

Desde seu nascimento a criança já começa a receber informações que, cada vez mais, vão ficando complexas e vão integrando-a ao meio. Assim, percebe-se que, desde cedo, o sistema de escrita alfabética está presente em toda parte: em seus brinquedos, alimentos, roupas, meios de transporte, músicas, desenhos. As crianças gostam de ouvir, desenhar, criar e dramatizar histórias. Precisamos aproveitar isto em nosso ambiente escolar e mais que isso, oferecer tais oportunidades àquelas crianças que não trazem um "maletinha" cheia para a sala de aula.

É um direito de cidadania do aluno ter acesso aos meios expressivos construídos historicamente pelos falantes e escritores da língua portuguesa para se tornar capaz de ler e compreender todo e qualquer texto já escrito nessa língua. Ensinar a ler é levar o aluno a reconhecer a necessidade de aprender a ler tudo o que foi escrito, desde o letreiro do ônibus e os nomes das ruas, dos bancos, das casas comerciais, leituras fundamentais para a sua sobrevivência e orientação numa civilização construída a partir da língua escrita; ler jornal, que vai relacioná-lo minimamente com o mundo lá fora; ler os poemas, que vão dar concretude, qualificar e expandir os limites de seus sentimentos; ler narrativas, que vão organizar sua relação com a complexidade da vida social, ler as leis e os regulamentos que regem a sua cidadania, ler os ensaios que apelam a sua racionalidade e a desenvolvem.

Paulo Coimbra Guedes (2006: 137)

Com esta fala Paulo Coimbra Guedes nos mostra a necessidade de se alfabetizar letrando uma vez que a leitura e a escrita exercem papel fundamental na vida em sociedade. Não podemos pensar no Sistema de Escrita Alfabética apenas no ambiente escolar. Precisamos mostrar ao nosso aluno que é possível levar o ensino para além do muro escolar.

No Brasil, nessas últimas décadas, vem se discutindo a necessidade de melhorar a qualidade do ensino no país, dada a alta taxa de evasão e repetência. De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais, Língua Portuguesa (PCN) do 3º e 4º Ciclo, Brasil, 2001, p.17*, o fator responsável por este fracasso é a falta de domínio da leitura e da escrita e de sua apropriação.

O ensino da Língua Portuguesa sofreu crítica, pois o ensino tradicional era bastante limitado a uso de texto para se trabalhar valores morais, pretexto para se chegar à gramática. Desconsiderava-se a realidade e não era visto o interesse do aluno. Valorizava-se muito mais as exceções que as regras. Os textos, muitas vezes, eram usados como forma de castigo através de cópias enormes.

A proposta de transformação do ensino da Língua Portuguesa põe em prática o uso da linguagem e do letramento. É da escola a responsabilidade de promover diferentes situações utilizando textos, gêneros e métodos para que o aluno tome contato com as mais variadas formas lingüísticas tornando-se assim cidadãos capazes de ler, compreender, produzir e utilizar apropriadamente a linguagem a propósitos definidos.

“O domínio da linguagem como uma atividade discursiva e cognitiva, e domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade lingüística, são condições de possibilidades de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visão de mundo, produzem cultura.”
PCN 5 a 8 séries, p 19 Língua Portuguesa.

Vygotsky (apud Iara C. Bittencourt Neves, 2006) afirmava que trabalhar a linguagem escrita é uma tarefa constante e que requer atenção e esforços enormes tanto para o professor quanto para o aluno. *“Até agora a escrita ocupou um lugar muito estreita na prática escolar em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança.”*

Em suma, o ser humano precisa da linguagem para expressar suas idéias e pensamentos. Com ela, o homem é capaz de influenciar ou ser influenciado; de usá-la numa conversa informal ou num julgamento, num livro, num documentário etc. É capaz de interagir com a sociedade tanto oferecendo como recebendo informações.

“Nessa perspectiva, língua é um sistema de signos específicos, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprender a língua é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seu significados culturais e com eles os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesma.”
PCN 5 a 8 séries, p 20, Língua Portuguesa.

Assim, vimos que o tema Alfabetização e Letramento esteve presente em todos os fascículos sendo necessário seu estudo em cada fase do desenvolvimento do aluno.

IV - Objetivos de Formação

A Secretaria Municipal de Educação aceitou esta parceria por acreditar na formação continuada como forma de crescimento profissional contribuindo para elevar a qualidade do ensino em nosso município.

Também através desta formação foi possível trabalhar com os professores diversas reflexões que permitiram a construção de novos conhecimentos e a quebra de velhos pré-conceitos.

O Curso visa incentivar a formação dos professores das séries iniciais contribuindo para elevar a qualidade do ensino na rede pública fazendo com que nossos professores se tornem mais reflexivos; oferecer suporte à ação pedagógica e a toda comunidade escolar.

O desejo da secretaria é de que a formação continuada seja uma prática efetiva no dia-a-dia do professor.

V - Experiência de Formação

Na primeira semana, em Mendes, quando fui apresentada ao programa e recebi o material cheguei a pensar em desistir. Achei que estava mais voltado para professor do 1º segmento do Ensino Fundamental e que seria melhor a presença de uma das supervisoras delas.

A princípio, não me senti segura para realizar esta tarefa visto que não trabalho com as professoras dos anos iniciais e vi que as angústias não eram apenas minhas, mas de muitas colegas. Mesmo assim, resolvi continuar porque a formadora Andréia passava muita segurança no que fazia e, nos encoraja a continuar.

O modo como foi organizado o curso contribuiu para o seu sucesso. O encontro mensal para o estudo de cada fascículo, com certeza, foi o ponto máximo do programa, pois tirava as dúvidas do livro e eu recebia as orientações necessárias para trabalhar com as minhas professoras.

Foi muito trabalhoso, é verdade. Precisei dedicar muitas horas ao trabalho para conseguir dar conta das atividades solicitadas como: leitura do fascículo, organização do planejamento, material para desenvolver as atividades sugeridas e acrescentar outras.

O maior prazer foi me perceber crescendo junto com o grupo. Precisei pesquisar e estudar alguns temas para poder ter confiança no que estava fazendo. Procurei preparar os planejamentos de maneira a combinar as propostas sugeridas pela minha formadora com as minhas possibilidades de aplicação.

Os três encontros referentes a cada fascículo aconteceram sempre em um sábado por mês no período de 8h às 17h com um intervalo de 1h para o almoço que foi servido no mesmo local e numa sexta-feira de 18h às 22 h totalizando os 21

encontros exigidos mais o de reposição que aconteceu no início da formação. A formação aconteceu fora do horário de aula evitando que o professor se ausentasse da turma.

O local escolhido para a realização foi a própria Secretaria Educação por oferecer suporte mais adequado para a realização das atividades como: TV, DVD, computador, data-show.

Pude contar em todos os encontros com a presença da coordenadora Luciana Linhares de Souza e de mais um funcionário, Luis Carlos Mota, que nos deu o suporte técnico.

Em cada encontro procurava fazer uma leitura deleite e fazíamos as devidas considerações e reflexões. A leitura servia como ponto de partida para o estudo que vinha a seguir.

A turma participou ativamente de todas as atividades solicitadas no dia do curso, entretanto, a leitura dos fascículos geralmente não era concluída em casa pois reclamavam de falta de tempo.

Os professores tiveram uma ótima integração e os encontros possibilitaram uma grande troca de experiências entre elas. Muitos depoimentos foram sobre a importância de terem um espaço e um momento para trocarem as atividades, as angústias, os anseios etc..

Claro que alguns fascículos foram mais questionados que outros, uns mais atrativos e interessantes. Por exemplo, achei que o primeiro fascículo foi muito importante, pois a partir dele se fez todos os outros. Os professores puderam ver que já faziam muitas coisas, mas não se davam conta de qual objetivo estava contemplando. É importante que os professores saibam quais as capacidades a serem desenvolvidas pelos alunos das séries iniciais para que desta forma possam escolher as atividades que melhor vá desenvolver tais capacidades. Este fascículo poderia, pela sua complexidade, ter mais encontros pois traz muita teoria importante para o entendimento dos demais.

O fascículo que fala da biblioteca escolar serviu para que vissemos que existem várias maneiras de se trabalhar com a leitura em sala de aula independente de haver ou não biblioteca na escola. Isto foi ótimo, pois a maioria de nossas escolas não possui uma biblioteca para nossas crianças, mas temos uma equipe da secretaria com o Projeto da Biblioteca Itinerante que leva, semanalmente, as

histórias infantis nas escolas. Mas, isto não deixa a professora desincumbida de desenvolver em seus alunos hábitos saudáveis de leitura.

A escolha do Livro Didático, também, trouxe um grande crescimento, pois não tínhamos o hábito de ler o Guia Didático. Os professores, e eu, ficamos admirados por ver como que o GUIA auxilia na escolha e não nos dávamos conta disto.

Só posso dizer que todos os assuntos tratados foram muito bem aceitos e discutidos por todos os professores. Cada fascículo trouxe para nós oportunidade de reflexão em nossa prática escolar.

O que no início era desespero e medo tornou-se numa grande realização. Organizar os encontros, ler os fascículos, preparar o material e os slides era tarefa de muita responsabilidade e precisava de tempo. Tempo este que muitas e muitas vezes tornou-se madrugada.

A cada encontro era gratificante ouvir depoimentos dos professores sobre suas atividades em sala de aula. E, por fim, ouvir deles que reconhecem a importância de se alfabetizar letrando, de respeitar e entender que cada aluno já traz a sua bagagem para escola.

Hoje, posso dizer que todos nós ganhamos: eu, enquanto tutora e professora, as cursistas, a secretaria, as escolas e por fim os alunos que passarão a receber ensino de melhor qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUEDES, Paulo Coimbra, SOUZA, Jane Mari. **Leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de português** In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt (org). **Ler e Escrever: Compromisso de todas as áreas.** 7ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt (org). **Ler e Escrever: Compromisso de todas as áreas.** 7ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

PCN 5ª a 8ª séries – **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Secretaria de Educação Fundamental.- Brasília:MEC/SEF, 2001.

PCN 5ª a 8ª séries – **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa,** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília:MEC/SEF, 2001.

O LÚDICO NA APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA PELO EDUCANDO.

Professor formador: Maria do Carmo Lemgruber de Castro Bastos.

Coordenador Pedagógico: Rachel Pires Habib.

Teleposto do Colégio Estadual Francisco Varela – Carmo-RJ.

CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO, TURMA DE FORMAÇÃO, NÚMERO DE PROFESSORES E ESCOLAS PARTICIPANTES.



Praça Presidente Getúlio Vargas, com destaque para a matriz de N.S. do Carmo

MUNICÍPIO DE CARMO

Localização geográfica: Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro

Economia: baseada na agropecuária; micro indústrias de metalurgia e confecção de roupas; pequenas casas comerciais; Cooperativa Agropecuária de Carmo.

No setor elétrico possui a *Usina Hidrelétrica da Ilha dos Pombos* que pertence à Light e fornece energia para parte do Estado do Rio de Janeiro.

Cultura e Educação: possui um dinâmico Centro Cultural, onde se realizam festivais de poesia e apresentações de peças teatrais.

A igreja Matriz de N.S. do Carmo, em estilo neoclássico, foi tombada pelo I.P.H.A.N., em 1964. Possui um belo beiral de telhas de porcelana pintadas à mão com motivos portugueses.

Há sete Escolas Estaduais, quatro Escolas Municipais, cinco Pré-Escolas e duas Creches.

Através do censo/2007 foi constatado pelo IBGE que Carmo possui um baixo I.D.H. (Índice de Desenvolvimento Humano).



Visita ao Ciep 280 – Tutora, cursistas e alunos

CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

O curso Pró-Letramento iniciou em 28/02 com 28 cursistas e está concluindo-se com 16, pertencentes às seguintes Unidades Escolares: 10 cursistas do Ciep 280 – Profº Vasco F. S. Porto; 4 Cursistas da E.E. Pe. Aprígio; 1 Cursista da E.E. Independência; 1 cursista do C.E. Aurélio Duarte (CEPAD).

A turma concluinte possui um perfil bastante positivo. Realizaram as tarefas propostas sempre demonstrando prazer. No início de cada encontro havia um momento de relatos sobre a aprendizagem dos alunos onde cada professora procurava ressaltar os avanços alcançados por seus alunos de maneira crítica. Houve uma integração entre as diversas U.E., pois os trabalhos, tanto no curso como os desenvolvidos nas salas de aula, foram feitos em grupos compostos de professores de diferentes escolas. Quando alguma professora relatava qualquer dificuldade encontrada no desempenho em sala de aula, logo alguém dava sugestões que eram acatadas e colocadas em prática. Creio que conseguimos construir um grupo coeso e participante.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA, COM INDICAÇÃO DOS OBJETIVOS DIDÁTICOS, ETAPAS DE EXECUÇÃO E ATIVIDADES REALIZADAS.

- As sugestões apresentadas através do Fascículo 5 proporcionaram trabalhar de maneira lúdica, contemplando os objetivos propostos, que são:



Crianças brincando no caracol

- ✓ Refletir sobre o uso de jogos e brincadeiras no processo de alfabetização;
 - ✓ Refletir sobre a importância de aliar o ensino do sistema alfabético a práticas de leitura e produção de textos nos anos iniciais do ensino fundamental;
 - ✓ Reconhecer os objetivos didáticos que orientam a elaboração de projetos didáticos nos anos iniciais do ensino fundamental;
 - ✓ Analisar as alternativas didáticas elaboradas em projetos desenvolvidos por professoras e professores de escolas públicas;
 - ✓ Planejar atividades voltadas para o domínio de sistema alfabético, leitura e produção de textos para os anos iniciais do ensino fundamental.
- Assistimos ao DVD “Jogos e Brincadeiras” (MEC) e analisamos os principais pontos enfocados através das falas das tutoras;
 - Levantamento de conhecimentos prévios sobre o uso de Jogos e Brincadeiras em sala de aula;

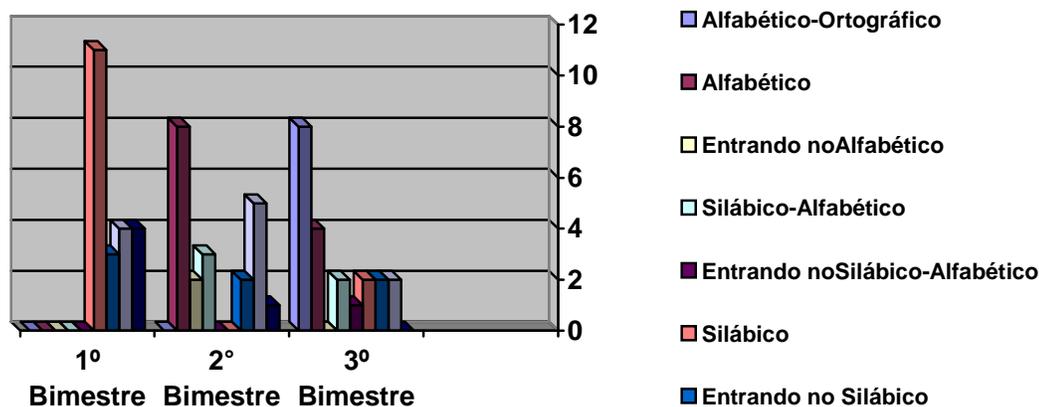
- Leitura compartilhada e comentada;
- Confeção de vários tipos e brincadeiras e jogos como: paródias, invenção de línguas, juntar personagens semelhantes de histórias infantis conhecidas e reescrever uma nova história, etc.
- Descrição de um jogo com o objetivo diferente, descrevendo o plano de funcionamento do jogo, justificativa do seu uso; análise dos aspectos positivos e das dificuldades que encontrou para realizar o jogo proposto, registro do que modificaria no seu planejamento inicial para realizar novamente aquela atividade, socialização no grande grupo com o objetivo de criar um banco de jogos voltados ao ensino do S.E.A.



Tutora Maria do Carmo e cursista Lucimar

AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS DA EXPERIÊNCIA SOBRE A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Em princípio, algumas professoras mostraram-se céticas em relação aos objetivos propostos. Mas, ao aplicar as atividades lúdicas com os alunos, elas mudaram de opinião, pois viram que os resultados foram positivos, isto é, conseguiram alcançar a dimensão educativa conforme demonstrado através do gráfico da turma de Lucimar.



Conclusões:

Entre outros pontos do curso Pró-Letramento Alfabetização e Linguagem, destacamos:

- ✓ É de fundamental importância, pois onde foi aplicado mudou substancialmente o perfil nas séries iniciais do Ensino Fundamental;
- ✓ Proporcionou uma valorização pedagógica aos professores do Ensino Fundamental;
- ✓ Estratégias apropriadas levaram os alunos a desenvolver o gosto pela leitura e escrita;
- ✓ Através de jogos e brincadeiras, os alunos descobriram uma forma prazerosa de aprender;
- ✓ A família e a comunidade foram envolvidas em várias ações no decorrer do Curso;
- ✓ Há esperança de que a partir dessa iniciativa e, contando com outras de igual qualidade, o Brasil possa se transformar num **PAÍS DE LEITORES**.



È SÓ QUERER!

PRÓ-LETRAMENTO/2007 – RIO DE JANEIRO

RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS TUTORAS

TUTORAS: Elaine Cristina Rocha Pinto

Luciana de Medeiros Freitas

APRESENTAÇÃO:

No ano de 2007 a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro aceitou o desafio de aderir ao programa Pró-Letramento (Programa de Formação Continuada de Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental), sob a responsabilidade da Subsecretaria de Planejamento da Educação e Superintendência de Estudo, Pesquisa e Avaliação, tendo como coordenadora estadual, a professora e Coordenadora de Formação Continuada Tânia Jacinta Barbosa.

Na Coordenadoria Regional Metropolitana I, que abrange os municípios de Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu e Queimados, formaram-se quatro turmas para duas tutoras, Elaine Rocha e Luciana Freitas. Com a finalidade de oferecer às professoras melhores condições de acesso e conforto, os encontros presenciais realizaram-se em duas escolas estaduais, sendo uma delas um Instituto de Educação, em Nilópolis e outra, um CIEP (Centro Integral de Educação Pública), em Mesquita.

O Pró-Letramento chegou a esta região em um momento de indagações e ansiedade, devido à falta de respostas aos problemas que se apresentavam. Principalmente, dúvidas referentes aos baixos índices de classificação das escolas obtidas na “Avaliação do Prova Brasil”, professoras desestimuladas devido os baixos salários e desvalorização do saber docente e escolas desacreditadas por sua comunidade escolar, já que subjugavam valor de ambientes de estudo, como as bibliotecas. Acreditamos que pelos motivos relatados acima, o trabalho didático-pedagógico desenvolvia-se morosamente e os alunos, por conseqüência, encontravam dificuldades em construir uma aprendizagem significativa.

Nos primeiros encontros questões como, a distinção de alfabetização e letramento e as propostas curriculares para o ensino da língua materna no Brasil, que apesar de pequenas variações, se organizam em torno dos eixos didáticos leitura, produção textual, oralidade e análise lingüística (antigamente chamada de gramática), geraram polêmica, pois a importância de se trabalhar, nas situações de produção textual, os conhecimentos que os alunos precisam desenvolver para articular as duas dimensões, textual e normativa, parecia algo impossível de ser realizado.

Podemos citar vários aspectos positivos do programa, mas neste relato nos prendemos àqueles latentes, por nós vivenciados. O Pró-Letramento veio esclarecer dúvidas de outrora, apresentando possibilidades de discutir o papel da produção de textos escritos na escola e da revisão na apropriação de habilidades textuais pela criança, a reflexão, diante das teorias apresentadas, sobre as características do texto oral espontâneo e dos saberes da oralidade na produção escrita dos alunos.

Nos apresentou experiências bem sucedidas, partindo do fato de que ao chegar à escola, os alunos, já são falantes competentes em sua língua materna, ou seja, já têm uma competência comunicativa bem desenvolvida, sugestionando o uso de atividades lúdicas de leitura e escrita, de canto, expressão oral e de compreensão do sistema de escrita alfabética, bem como colocá-las em prática, sem desprezar a formação inicial e o conhecimento já concebido pelas docentes, oportunizando assim, a reflexão contínua de sua prática.

Consideramos que o programa foi fundamental para a realização de novas ações educacionais, no âmbito do ensino da Língua Portuguesa da região.

CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO, ESCOLA E PROFESSORES:

Em geral, os municípios que compõem a Coordenadoria Regional Metropolitana I, são extensos e com muitos bairros, apresentam problemas socioeconômicos, a falta de saneamento básico, água encanada e pavimentação de ruas, enfim o necessário para viver com dignidade. Tem como atividade financeira principal o comércio e algumas indústrias, o que ocasiona diariamente, o deslocamento de grande parte da população trabalhadora ativa, para o Centro da cidade do Rio de Janeiro.

As escolas estaduais estão inseridas em comunidades carentes, onde a esperança de um futuro diferente da realidade vivida ainda esta vinculado à ação de enviar as crianças para uma instituição letrada, mesmo sem a perspectiva de que dali saiam “aprendendo a ler, escrever e contar”, ou apenas isto, assim já estão “salvando-os” e quebrando o ciclo de pobreza e analfabetismo dentro das famílias e da região.

A maioria das escolas estaduais com o primeiro segmento do Ensino Fundamental, são CIEPs (Centros Integrais de Educação Pública), construídos no governo de Leonel Brizola nas décadas de 80 e 90, com objetivo de funcionar em horário integral, o que atualmente, após sucessões governamentais, encontram-se em horário parcial, quando em horário integral, sem os recursos humanos de antes. Eles possuem 19 (dezenove) salas de aula, biblioteca, banheiros, quadra de esporte, pátios e refeitório, ou seja, uma infra-estrutura ideal.

As professoras que trabalham com o primeiro segmento do ensino fundamental são concursadas, algumas contratadas para suprir a carência na rede estadual, grande parte graduadas. Nossas cursistas apresentam, em sua maioria, o mesmo perfil, sendo algumas desviadas da função, atuando como, coordenadoras pedagógicas e professoras de prática de ensino no Curso Normal, mas todas relatando os mesmos problemas profissionais: baixos salários, que devem ser complementados com GLPs (Gratificação por Lotação Prioritária) e sem apoio ao seu crescimento acadêmico e intelectual, o que desestimula a participação nos encontros de formação continuada.

Houve desistências ao longo desses oito meses de formação contínua, pois no início do ano letivo, a região foi apontada como uma das mais carentes de professoras das séries iniciais do ensino fundamental, gerando assim, grande preocupação dos gestores escolares, que passaram a oferecer GLPs e até mesmo impedir a professora de freqüentar os encontros, que por acontecer semanalmente, acarretaria em prejuízos para a unidade (evasão) e reclamação dos responsáveis, impossibilitados de enviar os filhos às escolas por causa da falta da professora.

Iniciamos com 85 (oitenta e cinco) professoras inscritas, com as desistências devido aos motivos supracitados, concluímos com aproximadamente, 55 professoras. Porém, com o exercício de conquista do grupo e com a repercussão da seriedade e compromisso do programa, bem como as mudanças de atitude e da

prática, relatadas pelos gestores locais que acreditaram na proposta, por parte das participantes do Pró-Letramento, já recebemos pedidos de diversos professores, de todas as modalidades de ensino, para o ano de 2008, interessados em participar do processo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Fundamentamos o curso nos sete fascículos do programa Pró-Letramento, nos textos teóricos e orientações pedagógicas fornecidas pelas formadoras Telma Ferraz e Eliana Albuquerque ao longo do treinamento para tutores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

DESCRIÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS:

Há quatro anos trabalhamos com formação continuada de professores, pois atuamos como O. As. (Orientadoras de Aprendizagem) no espaço do Teleposto, mediando encontros presenciais de cursos a distância, aliando as mídias no processo educativo. No entanto, tivemos uma experiência ímpar, com o Pró-Letramento, por ser um programa de longa duração, com encontros presenciais semanais e diários a distância, sendo este via e-mail ou telefone, o que nos possibilitou uma aproximação maior das cursistas, de seus anseios e de sua prática docente, fazendo com que percebêssemos fatores que mesmo trabalhando na rede estadual, não nos eram visuais.

Há dificuldade em relatar uma única experiência, já que em cada fascículo tivemos novas experiências que geraram questões que juntas, tutoras e cursistas, buscaram respostas.

No fascículo I comprovamos o estranhamento por parte das cursistas, pois as mesmas não forneciam subsídios que desenvolvesse habilidades e competências dos alunos, quando os faziam não percebiam, ou seja, não percebiam antes do Pro-letramento. Acreditamos que o tempo para trabalhar o primeiro fascículo deveria ser maior, por ser o norteador de todas as etapas do programa, precisando ficar claro e passível de mais reflexões, para uma verdadeira mudança de hábitos e atitudes incutidos nas professoras.

Quando apresentamos o fascículo II, que trata da rotina, percebemos o brilho no olhar das professoras, pois muitas idéias que outrora foram vistas como tradicionais ou mecânicas, estavam contempladas nele. Isso fez com que as cursistas despertassem o interesse pela profissão e valorizassem os seus saberes docentes, que se encontravam escondidos entre a desmotivação e a vontade de ensinar significativamente.

Elegemos o fascículo III, que trata da importância de inserir a biblioteca e as salas de leitura no planejamento semanal das professoras, como o mais difícil e cruel para ser trabalhado com as mesmas. O fascículo gerou polêmicas acaloradas e descobertas, que nos causaram constrangimento, por desconhecer o caos que a educação básica, vinha enfrentando.

Professoras declaram que as escolas estavam fechando suas bibliotecas para construção de laboratórios de informática, algumas desconheciam formas e maneiras de inserir as visitas às bibliotecas escolares em seus planejamentos, outras negavam a existência das bibliotecas em escolas que nós conhecíamos e sabíamos que ali existia uma. Recebemos várias queixas que o profissional existente nas bibliotecas das escolas estaduais são funcionários readaptados, que não se adequam ao perfil e falta de horário permanente para o uso das mesmas, segundo as professoras, quando procuravam as salas, elas se encontravam fechadas, mesmo com horário previamente agendado, por falta de funcionário na função; e quando a escola possui livros, estes estão, no geral, comidos por traças ou mofados.

Os professores ficaram surpresos com a solução apresentada no fascículo para aquelas escolas que não possuem biblioteca: poderiam montar uma sala e ambientá-la como tal, compondo-a não só de livros, revistas e periódicos, mas de produções de seus alunos. Muitas cursistas decidiram “lutar” por esse espaço, mas no princípio encontraram resistência por parte dos gestores, porém com muita insistência conseguiram êxito.

Constatamos a mudança atitudinal em muitas, que hoje planejam suas aulas, inserindo em sua rotina, atividades que contemplem a leitura, jogos e atividades cognitivas para o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos. Declaram que compreenderam a importância de conceder significados concretos ao ensino da Língua Portuguesa e que para aprendizagem ser definitiva é essencial a

mediação adequada da professora, fornecendo subsídios para o processo ensino e aprendizagem acontecer.

EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO:

Começamos nossos estudos, no final do mês de novembro de 2006, em Mendes, com as formadoras Prof. Telma Ferraz e Prof. Eliana Albuquerque, o que nos proporcionou um grande contentamento, pois já as conhecíamos como autoras de alguns textos lidos e programas de TV, principalmente o *Salto Para o Futuro*.

Durante uma semana de clausura em meio a sapos, pernilongos e cheiro desagradável de esterco de cavalos, vacas e bois; comidas naturais como, sopa de alface e bolo de couve, fomos apresentadas ao programa Pró-Letramento, com uma carga horária de estudos imensa, com intervalo de 1 hora de almoço, do qual parte, passávamos na fila para buscar o alimento e 20 minutos de lanche, que também ficavam comprometidos com o número de professores participantes. Estudávamos sistematicamente o fascículo I e recebemos instruções dos outros fascículos a ser trabalhados com as professoras.

A cada encontro crescíamos e aprendíamos as “novidades” no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, houve momentos que tínhamos que retomar as aulas do Normal e os tempos em que éramos professoras nos CIEPs, para lembrar e compreender a psicogênese da escrita e as idéias de alguns teóricos, que há muito já não ouvíamos, pois nossa licenciatura é em Letras.

Acreditamos no projeto no ato e encaramos de braços abertos, pois não havia qualquer remuneração, teríamos que desenvolver as atividades na carga horária dedicada ao serviço público estadual. O que nos motivava eram os possíveis agradecimentos das cursistas, isso se alcançássemos sucesso nos encontros, e o estudo que seria periódico, possibilitando-nos informações na área onde toda professora quer dominar.

Declaramos que a experiência foi impagável, porque tivemos verdadeiras “mestras” no assunto. Lamentamos apenas ter um único encontro mensal e com o corre-corre dos dias, o tempo foi escasso para “sugar”, ainda mais o saber delas.

Tiramos a sorte grande por ter ao longo do curso, formadoras com um trabalho de excelência, não desmerecendo as outras professoras do programa, mas

ao grupo do qual pertencíamos (Orientadoras de Aprendizagem dos Telepostos do Rio de Janeiro), estava descrente e desestimulado com o trabalho, que nos foi imposto, especificamente neste ano. Com sensibilidade, as formadoras percebiam nossa ansiedade em mostrar nossa capacidade à frente de grandes grupos, em especial de professores e sempre nos estimulavam a nos concentrar, estudar e reflexionar durante os treinamentos.

Nos encontros com as professoras-cursistas, víamos em seus rostos a mesma face que apresentávamos às formadoras, lembrávamos de suas atitudes diante do nosso grupo e procurávamos agir da mesma maneira com aulas dinâmicas, nas quais a necessidade de participar era imensa e cada minuto perdido, era como o tempo que se esvai e não volta mais.

Os planejamentos tinham objetivos claros e sempre amplamente alcançados, pois as duas mostraram o prazer de dar aula e transformar toda a seriedade de se passar um conteúdo, em formas lúdicas de aprender. Assim, a lição que ficava para o grupo no final dos encontros, era que ensinar era sinônimo de prazer. E isso, também nos foi proporcionado nos treinamentos, aprendemos com elas e multiplicamos no ambiente do Pró-Letramento, o prazer ler e de ouvir histórias, o prazer de ensinar.

AValiação dos Resultados:

Houve uma sistematização sobre produção textual, leitura, escrita, análise lingüística e alfabetização na perspectiva do letramento e o que já conhecíamos fora consolidado, dessa maneira conseguimos repassar para as nossas cursistas de forma clara e objetiva, pois segundo Grossi¹ “só ensina quem aprende”.

O material do curso foi bem elaborado, os livros têm uma linguagem de fácil compreensão. Ressaltamos a necessidade de dividir o fascículo I, pois como já havíamos afirmado anteriormente, este é o norteador de todos os outros fascículos. O êxito no estudo deste seria maior, caso fosse dividido.

As professoras que tiveram a oportunidade de conviver com esse material ao longo deste ano, já estão citando-os como referência no ensino de Língua Portuguesa nas séries iniciais, para professoras de outras modalidades de ensino,

¹ GROSSI, Esther Pillar.

como a EJA (Educação de Jovens e Adultos) e como o Curso Normal. Que já se mostram interessadas em cursar o Pró-Letramento no próximo ano e as que estudaram conosco neste ano, já sinalizaram o interesse em fazer o revezamento para 2008.

CONCLUSÕES:

Ao concluirmos o trabalho de tutoria do programa Pró-Letramento, gostaríamos de retomar pontos que julgamos fundamentais nesse processo como, a reflexão sobre a ação das professoras, gerando assim, uma nova ação. Essa retomada tem sido um grande desafio para grande parte delas na Metropolitana I.

Os conceitos e exemplos tratados no Pró-Letramento defendem que, principalmente nas séries iniciais, se faz necessário investir em um tipo de reflexão sobre a língua mais profundamente articulado às situações de leitura e produção de textos.

Ao abraçarmos a idéia de alfabetização na perspectiva do letramento, passamos a tomar consciência de que levaremos o aluno a se dar conta quando precisa oferecer ao leitor, mais ou menos informação, quando terá de usar parágrafos ou outra distribuição gráfica para partes do seu texto, quando precisará ou não utilizar elementos coesivos em partes de seu texto, etc.

Acreditamos que os alunos deverão ser ajudados a ver, tendo em sua professora, uma mediadora que o direcione nos momentos em que precisarão usar o registro mais sofisticado e, em alguns casos, dependendo de seu interlocutor, poderão abrir mão das formas prestigiadas de concordância verbo-nominal.

Para ilustrar nosso pensamento, recorreremos a Galeano².

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - “Me ajuda a olhar!”.

² GALEANO, Eduardo. Livro dos Abraços

A EXPERIÊNCIA DO *PRÓ-LETRAMENTO / ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGEM* NO TELEPOSTO IESK: UMA PRÁTICA EM TRANSIÇÃO?

**ANA CRISTINA NISHIO DA SILVA
DERCILENE CRUZ DE ASSUMPÇÃO**

1. APRESENTAÇÃO

Este material tem como objetivo relatar uma das experiências vividas por nós, Orientadoras de Aprendizagem do Teleposto IESK, como tutoras do Projeto *PRÓ-LETRAMENTO/ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGEM/MEC*, em parceria com a UFPE e SEEDUC-RJ, desenvolvido nas dependências do Instituto de Educação Sarah Kubitschek, localizado no Bairro Campo Grande, Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro – RJ, no período de 28 de março a 4 de outubro de 2007.

O projeto, além de oferecer suporte à ação pedagógica de alguns professores em exercício das séries iniciais do ensino fundamental das escolas públicas de nossa região, contribuiu para a elevação da qualidade do ensino e da aprendizagem de Língua Portuguesa.

Durante os encontros presenciais, foram propostas situações que incentivaram a reflexão e a construção do conhecimento, possibilitando a compreensão da linguagem e seus processos de ensino e aprendizagem.

Procurou-se, também, estimular a prática da formação continuada, realidade tão distante de um número considerável de professores, já que muitos deles precisam trabalhar em várias unidades escolares, vislumbrando uma atitude investigativa e reflexiva que considera o professor sujeito da ação, não descartando suas experiências pessoais, suas bases teóricas e os saberes oriundos de sua prática pedagógica, transformando, dessa forma, o perfil deste profissional e a realidade na qual atua.

O material impresso e os vídeos, produzidos especificamente para o projeto em questão, além dos cursos de aperfeiçoamento oferecidos aos tutores, contribuíram significativamente para a obtenção de um resultado satisfatório capaz

de estimular a continuidade do projeto e a adesão de novos cursistas, bem como a criação e a execução de políticas públicas com práticas semelhantes.

2. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

2.1. Número de cursistas:

Turmas	Formadoras	Inscritos	Concluintes
1	Dercilene Cruz de Assumpção	16	3
2	Ana Cristina Nishio da Silva	23	12

2.2. Características dos professores/cursistas:

- ✓ integram a Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro;
- ✓ são originários das escolas pertencentes à Coordenadoria Regional Metropolitana IV;
- ✓ atuam nas séries iniciais do ensino fundamental regular e da EJA;
- ✓ possuem experiência na área educacional superior a cinco anos;
- ✓ apresentam formação de nível médio (Curso Normal);
- ✓ apresentam formação de nível médio (Curso Normal) e de nível superior.

2.3. Escolas participantes:

1. E.E.E.S. Joaquim da Silva Gomes;
2. C.E. Roberto Burle Marx;
3. CIEP 033 – Alfredo da Rocha Vianna Filho – Pixinguinha;
4. Instituto de Educação Sarah Kubitschek;
5. E.E.E.S. Cyro Monteiro;
6. IPEG.

2.4. Cronograma de desenvolvimento:

- ✓ Turma 1 (Dercilene): encontros semanais de quatro horas, às quartas-feiras, das 17 às 21 horas;
- ✓ Turma 2 (Ana Cristina): encontros semanais de quatro horas, às quintas-feiras, das 8 às 12 horas;

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Com os estudos da Lingüística Textual, o texto passou a ser tomado como objeto central de ensino. Assim, nas aulas de Língua Portuguesa, as atividades de leitura e de produção de textos ganharam mais espaço. Entretanto, a abordagem precisa ser ampliada, no sentido de entender-se o texto, também, como objeto de interação e, portanto, de aprendizagem, para além do contexto escolar e para além, é claro, das aulas de Língua Portuguesa.

(...) E é a forma de lidar com o texto, seja para a sua escrita, seja para sua inteligência, em suma, para a produção de sentidos, que permitirá desenvolver uma aprendizagem significativa com a linguagem na escola.

(...) Esse trabalho deverá desenvolver-se de modo a considerar o texto além da sua estrutura organizacional, englobando a linguagem que o caracteriza, o contexto de produção, os espaços de circulação e os possíveis interlocutores. Uma abordagem significativa para o texto em sala de aula, portanto, deverá compreendê-lo como uma proposta de sentidos suscetível às interações.” (CARVALHO e MENDONÇA, 2007)

“A leitura de um texto exige muito mais que o simples conhecimento lingüístico compartilhado pelos interlocutores: o leitor é, necessariamente, levado a mobilizar uma série de estratégias tanto de ordem lingüística, como de ordem cognitivo-discursiva, com o fim de levantar hipóteses, validar ou não as hipóteses formuladas, preencher as lacunas que o texto apresenta, enfim, participar, de forma ativa, da construção do sentido. Dessa forma, autor e leitor devem ser vistos como ‘estrategistas’ na interação pela linguagem.” (KOCH, 2007)

“Nessa perspectiva, o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não é algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. Isto é:

✓ a leitura é uma atividade na qual se levam em conta as experiências e os conhecimentos do leitor;

✓ a leitura exige do leitor bem mais do que o conhecimento do código lingüístico, uma vez que o texto não é apenas o produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo.

É esta a concepção sócio-cognitivo-interacional de língua que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processos de interação. O lugar mesmo de interação é o texto, cujo sentido “não está lá”, mas é construído, considerando-se, para tanto, as “sinalizações” ou pistas textuais fornecidas pelo autor e os conhecimentos do leitor que, durante todo o processo de leitura, deve assumir uma atitude “responsiva ativa” (Cf. Bakhtin, 1992, p. 290). Em outras palavras, espera-se que o leitor concorde ou não com as idéias do autor, complete-as, adapte-as, etc., uma vez que “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente, a produz” (Bakhtin, 1992, p. 290).

Pela consonância com essa posição, destacamos aqui um trecho dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998):

“A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de ‘extrair informação da escrita’ decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. É o uso de procedimentos desse tipo que permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas etc.”

Nesse trecho, encontra-se reforçado, na atividade de leitura, o papel do leitor enquanto um construtor de sentido, utilizando-se, para tanto, de uma série de estratégias, entre as quais a seleção, antecipação, inferência e verificação.

Assim, espera-se que o leitor processe, critique, contradiga ou avalie a informação que tem diante de si, que a aceite ou a conteste, que dê sentido e significado ao que lê (cf.: Solé, 2003, p. 21).

(...) É por essa razão que falamos de *um* sentido para o texto, não *do* sentido do texto, e justificamos essa posição, visto que, na atividade de leitura, é preciso ativar lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade, conhecimentos textuais (cf. Paulino et al., 2001).” (KOCH, 2007)

(...) Nessa perspectiva, o trabalho com textos nas aulas de Língua Portuguesa oferecerá subsídios para que a relação do aluno com o texto nas outras disciplinas escolares se amplie, de modo que os processos de compreensão/interpretação possibilitem a construção de conhecimentos e o desenvolvimento da autoria, princípios caros a uma prática pedagógica que se pretende crítica e participativa.” (CARVALHO e MENDONÇA, 2005)

4. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA SELECIONADA

4.1. Objetivos:

- ✓ reconhecer que a compreensão dos textos pela criança é a meta principal no ensino da leitura;
- ✓ valorizar as estratégias de decifração e reconhecimento necessárias à compreensão de textos;
- ✓ reconhecer que ler com compreensão incluiu, entre outros, três componentes básicos: a compreensão linear, a produção de inferências e a compreensão global;
- ✓ experienciar algumas estratégias de leitura;
- ✓ identificar finalidades e funções da leitura por meio do reconhecimento do suporte, do gênero e da contextualização do texto;
- ✓ antecipar conteúdos de textos a serem lidos em função de seu suporte, seu gênero e sua contextualização;
- ✓ levantar e confirmar hipóteses relativas ao conteúdo do texto que está sendo lido;
- ✓ buscar pistas textuais, intertextuais e contextuais para ler nas entrelinhas (fazer inferências), ampliando a compreensão;

- ✓ construir compreensão global do texto lido, unificando e inter-relacionando informações explícitas e implícitas;
- ✓ avaliar ética e afetivamente o texto, fazer extrapolações.

4.2. Etapas de execução:

1.a) Apresentação paulatina do poema *Telegrama*, de Carlos Drummond de Andrade, de modo que as perguntas feitas sejam capazes de explorar e valorizar as diversas estratégias de leitura, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de algumas capacidades, conhecimentos e atitudes necessárias à compreensão de textos.

Telegrama

- 1) O que é um telegrama?
- 2) Qual é a finalidade de um telegrama?
- 3) Como ele se organiza?
- 4) Esse texto que será lido é um telegrama?
- 5) O autor do texto é Drummond. Será que o texto é um telegrama?
- 6) O texto está organizado deste modo. Será que é um telegrama?
- 7) Qual será a finalidade do texto?

Chegou telegrama para Chico Brito.

Que notícia ruim,

que morte ou pesadelo

avança para Chico Brito no papel dobrado?

- 8) Por que a notícia é ruim?
- 9) Qual será o conteúdo do telegrama?

Nunca ninguém recebe telegrama que não seja de má sorte.

Para isso foi inventado.

- 10) Quem está falando aqui?
- 11) O telegrama foi inventado para isso? Qual é a finalidade do telegrama?

Lá vem o estafeta com rosto de Parca

Trazendo na mão a dor de Chico Brito.

Não sopra a ninguém.

Compete a Chico

descolar as dobras

de seu infortúnio.

12) O que é estafeta?

13) O que ele traz à mão? É a dor?

14) O que ele quer dizer com a expressão “Não sopra a ninguém”.

Telegrama telegrama telegrama

Em frente à casa de Chico o

voejar múrmure

de negras hipóteses confabuladas.

O estafeta bate à porta.

Aparece Chico, varando de sofrimento prévio.

Carece de um copo d’água

e de uma cadeira.

Pálido, crava os olhos

nas letras mortais.

15) Por que ele carece de um copo d’água?

16) Quando o autor diz que ele “crava os olhos”, o que ele está querendo dizer?

***Queira aceitar efusivos cumprimentos passagem data natalícia espero merecer
valioso apoio distinto correligionário minha reeleição deputado federal quinto
distinto cordial abraço Atanógoras Falcão.***

Drummond, A Palavra Mágica

17) Houve alguma mudança no estilo de linguagem dentro do texto? Por quê?

18) Quais foram as diferenças?

19) O que foi informado no telegrama? Sua previsão estava correta?

20) Você gostou do texto? Por quê?

Obs.: A atividade acima foi elaborada pela Formadora Telma Ferraz Leal, Professora Doutora da UFPE.

2.ª) Sistematização dos resultados obtidos durante o desenvolvimento da atividade da etapa anterior, utilizando uma apresentação em power-point com a seguinte estrutura:

► A leitura em uma perspectiva sociointeracionista:

- concepções de leitura que têm estado subjacentes às propostas curriculares de ensino;
- modelos interativos de leitura;

- o que é preciso para que os alunos se tornem bons leitores;
- algumas estratégias e capacidades de leitura.

3.a) Leitura compartilhada do texto “Leitura”, de Ana Miranda (*A leitura*. In: *Caros amigos*. São Paulo, n.º 93, dez./2004, p.10).

4.a) Preparação, por parte de cada pequeno grupo, de uma atividade baseada no livro infanto-juvenil escolhido dentre o material disponibilizado, que contemple a exploração de estratégias e capacidades de leitura favoráveis à compreensão de textos, apontando-as claramente durante a apresentação do produto final para o grande grupo.

5.a) Socialização das experiências vividas durante a realização da etapa anterior, como, por exemplo, motivo para a escolha do livro e sugestões para a prática pedagógica de cada um em especial, vislumbrando a elaboração de um projeto de incentivo à leitura (Poesia na Escola) a ser desenvolvido no seu respectivo contexto educacional, de modo que vários poetas sejam contemplados.

6.a) Avaliação dos resultados obtidos após a elaboração e a execução do Projeto “Poesia na Escola”, realizado nas respectivas turmas dos professores/cursistas.

5. AVALIAÇÃO GERAL

5.1. Dificuldades encontradas:

- ✓ Divulgação com repasse de informações incorretas.
- ✓ Demora quanto ao recebimento da lista de inscritos.
- ✓ Falta de tempo por parte dos professores do Ensino Fundamental.
- ✓ Falta de empenho por parte de alguns cursistas devido ao excesso de trabalho, já que eles são obrigados a se desdobrar, prestando serviço para várias escolas, em busca de um salário digno.

5.2. Receptividade dos cursistas em relação ao curso:

- ✓ Ao tomarem conhecimento da proposta do Projeto, os professores demonstraram muita satisfação e interesse, vendo tudo como uma grande

oportunidade de aperfeiçoamento profissional, até mesmo pelo fato de alguns estarem fazendo tal capacitação em serviço.

✓ Todos se propuseram a realizar as atividades previstas, não relatando nenhum tipo de empecilho para que tal momento se concretizasse.

5.3. Avaliação positiva:

Os professores da Rede Estadual de Educação - RJ, em sua maioria, demonstraram a necessidade que tinham de participar de cursos de aperfeiçoamento em serviço, pois muitos trabalham “às escuras”, sem apoio pedagógico, físico ou até mesmo humano, e cumprem uma carga horária exaustiva. Sendo assim, viram neste projeto uma chance imperdível de atualização profissional.

Segundo eles, os encontros foram bastante agradáveis, estimulantes, satisfatórios, produtivos, enriquecedores, tranquilos, diferentes e até mesmo “muito legais”. Lamentaram o fato de alguns colegas terem sido mal-informados e não terem ingressado no curso.

Todos se sentiram muito atraídos pelo material impresso que embasa o projeto e ressaltaram o cuidado e o capricho com os quais ele foi produzido. Expressaram-se dizendo que estavam se sentindo lembrados e surpresos com tanta organização.

Ao perceberem, logo no primeiro instante, que seria possível cada um trilhar o seu próprio caminho, os cursistas compareceram aos demais encontros com muito mais entusiasmo e “sede” de encontrar novidades e esclarecer dúvidas.

Todas as tarefas foram bem trabalhadas e discutidas durante todos os encontros, sendo possível valorizar as experiências do professor e torná-las referência para os demais colegas, que passaram a refletir sobre sua própria prática pedagógica.

Os professores ressaltaram, ainda, a importância de o curso ser desenvolvido pelas Orientadoras de Aprendizagem, permitindo-se, conseqüentemente, a utilização do espaço físico do Teleposto IESK, seus equipamentos tecnológicos e seu acervo, bem como a liberação de verba para compra de materiais didáticos como livros, por exemplo, e de “lanchinho” para os cursistas.

Como formadoras, procuramos mostrar bastante entusiasmo frente ao projeto e destacar o enriquecimento pessoal que nos foi proporcionado por meio dos encontros com a equipe da UFPE.

Cabe-se registrar que a utilização da verba para custear as despesas com transporte e alimentação, ao longo da preparação dos formadores, foi imprescindível para o êxito do “Pró-Letramento” em nossa área de atuação.

5.4. Avaliação Negativa:

O horário, apesar da possibilidade de dispensa, foi o maior problema para a maioria dos cursistas. Alguns gestores escolares não incentivaram seus professores e não procuraram estratégias para viabilizar a participação dos interessados no projeto em questão.

Outro fator relevante foi o descrédito em capacitações gratuitas, já que muitos professores não aderiram ou não quiseram tomar conhecimento das propostas do curso, segundo relatos de cursistas. Eles julgaram ser mais uma dentre muitas outras tentativas frustradas de melhorar a qualidade do ensino em nosso país, questão esta que nós lamentamos profundamente e trabalhamos para provar o quão importante e eficiente é o “Pró-Letramento”, assim como a possibilidade de sua utilização além dos muros da escola, invadindo práticas sociais e transformando a realidade cruel de muitos de nossos alunos, já sem muita perspectiva de vida e de alfabetização num contexto de letramento.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: ---, *Estética da criação verbal*, [trad. francês. Maria Ermantina Galvão; revisão, Marina Appenzeller], 3 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2000, p. 279-287.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria do Ensino Fundamental *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*. Brasília: SEF/MEC, 1998.

CARVALHO, Maria Angélica Freire & MENDONÇA, Rosa Helena de. *Proposta Pedagógica*. Boletim Um Mundo de Letras: Práticas de leitura e escrita. MEC/SEED/TV Escola/Salto Para o Futuro. Abril, 2007.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Leitura e produção do sentido*. Boletim Um Mundo de Letras: práticas de leitura e escrita. MEC/SEED/TV ESCOLA/SALTO PARA O FUTURO. Abril, 2007.

PAULINO, Graça et al. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

SOLÉ, Isabel. *Ler, leitura, compreensão: “sempre falamos da mesma coisa?”*. In: TEBEROSKY, Ana et al. *Compreensão de leitura: a língua como procedimento*. Porto Alegre: Artmed, 2003, p. 21.

Rio de Janeiro, 18 de outubro de 2007.

Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Estudos em Educação e Linguagem
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura e Escrita
PRÓ-LETRAMENTO RIO DE JANEIRO 2007
RELATOS DE EXPERIÊNCIA PRODUZIDOS PELOS PROFESSORES CURSISTAS A FORMAÇÃO.

PROGRAMA PRÓ-LETRAMENTO REGIÃO NOROESTE
FLUMINENSE III – RIO DE JANEIRO

**NOVOS PROFESSORES TRILHANDO NOVOS
CAMINHOS**

POR CARLA BERTÂNIA CONCEIÇÃO DE SOUZA

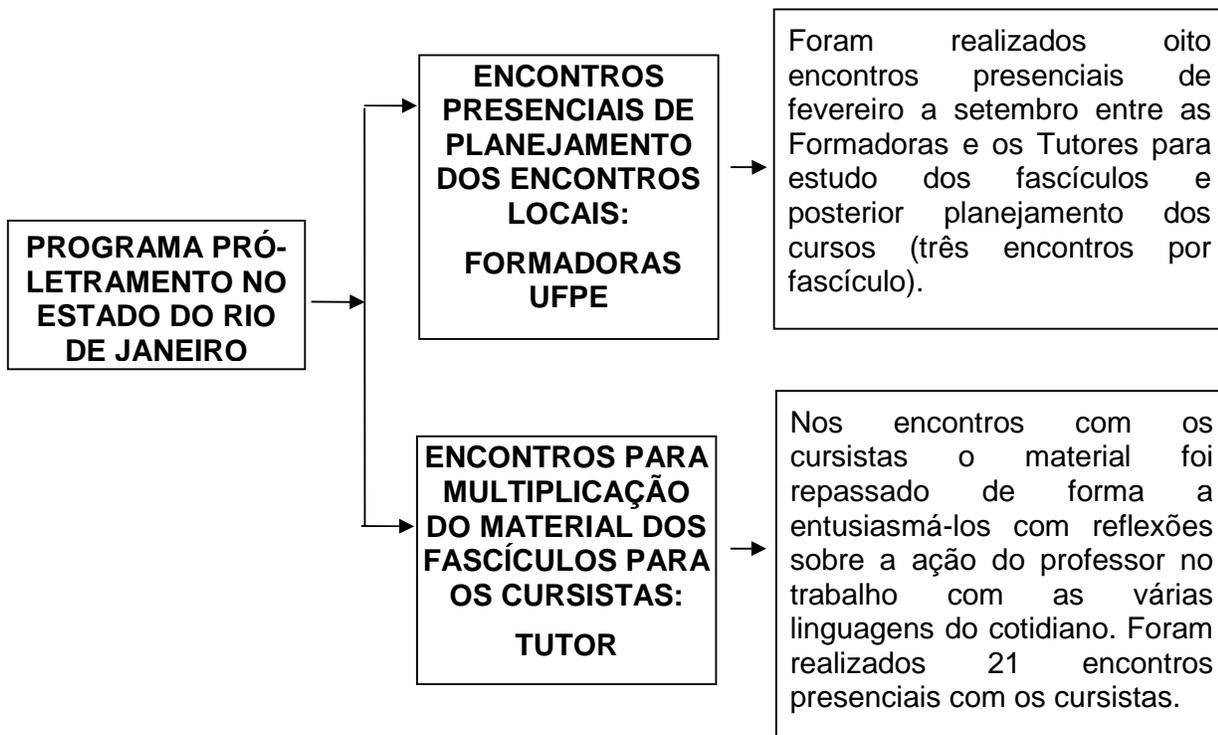
PROGRAMA PRÓ-LETRAMENTO RIO DE JANEIRO – REGIÃO NOROESTE FLUMINENSE III

O trabalho que se apresenta em tela é o resultado de um esforço coletivo em busca da melhoria da qualidade da educação. O MEC, através da SEB, e da SEED, coordena o Programa a nível nacional e, portanto elabora as diretrizes e os critérios para organização dos cursos e a implementação. Além disso, garante os recursos financeiros para a elaboração e a reprodução dos materiais, e a formação dos orientadores/tutores. A parceria com as universidades é formalizada por convênio, que constituiu a Rede Nacional de Formação Continuada. As universidades que integram a Rede Nacional de Formação Continuada nas áreas de alfabetização/ linguagem e de matemática são responsáveis pelo desenvolvimento e produção dos materiais para os cursos, pela formação e orientação do professor orientador/tutor, pela coordenação dos seminários previstos e pela certificação dos professores cursistas.

No mês de novembro de 2006 aconteceu durante a semana de 20 a 24 de novembro a capacitação dos Tutores para atuarem em seus municípios. Na Região Noroeste Fluminense III só houve capacitação na área de Alfabetização e Linguagem.

Durante o desdobramento do documento que ora se apresenta, é possível perceber a importância deste trabalho para a clientela atendida. A mudança de comportamento profissional tornou-se visível e novas formas de trabalhar foram aparecendo e tornando o trabalho ainda mais gratificante. Na história da Educação Fluminense há muito tempo não se investia em capacitação para professores do 1º segmento do Ensino Fundamental. O programa veio a superar todas as expectativas dos envolvidos.

Pelo organograma apresentado abaixo se pode ter uma visão geral do Programa Pró-Letramento na Região Noroeste Fluminense III da Rede Estadual do Rio de Janeiro, que abrange os municípios de Aperibé, Itaocara, Miracema e Santo Antônio de Pádua e também a Rede Municipal de Aperibé. Todos estes municípios foram atendidos pelo programa durante os meses de fevereiro a outubro de 2007.



É impossível deixar de ressaltar a importância do trabalho das Formadoras, em especial as Professoras Telma Ferraz Leal e Eliana Borges Correia de Albuquerque. Elas foram incansáveis em seus propósitos de atender aos diferentes contextos que se apresentavam, pois cada Região do Rio de Janeiro tinha uma peculiaridade. Ouviram os relatos dos tutores com paciência e sempre tiveram cuidado em atender aos questionamentos feitos, fazendo sugestões e orientando com muita seriedade.



ATORES DO PROGRAMA

Durante o desenvolvimento do Programa foram atendidos 104 professores, sendo 68 da Rede Estadual de Educação (municípios de Aperibé, Itaocara, Miracema e Santo Antônio de Pádua) e 36 da Rede Municipal (somente o município de Aperibé).

Os encontros de Alfabetização e Linguagem foram realizados no Teleposto de Aperibé e o número total de professores foi dividido em quatro turmas flexíveis, pois a grande maioria dos cursistas trabalhava nos dois turnos e assim poderiam alternar as ausências sem nenhum prejuízo. Com isso foi feito somente um planejamento, independente do horário. As turmas funcionaram às quartas e sextas-feiras no período da manhã e tarde, das 7h30min às 11h30min e 13h às 17h, respectivamente.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os termos *Alfabetização e Letramento* ficaram muito comuns dentro do processo de aquisição do Sistema de Escrita Alfabético e passaram a representar também o uso da linguagem nas práticas sociais. Senso assim as teorias de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a *Psicogênese da Língua escrita* foram abordadas constantemente e nortearam todo o trabalho do curso.

A avaliação e suas dimensões de acordo com as políticas públicas brasileiras foram alvo de reflexão deste trabalho. Os estudos de Maria Teresa Steban que ressaltam a importância de se avaliar buscando novos sentidos para a prática educativa utilizando variados instrumentos que contemplem os diversos contextos.

Foram analisadas situações de ensino e aprendizagem a partir da organização do tempo escolar e do planejamento de atividades por parte do professor, através de relatos de experiências.

Os fundamentos teóricos referentes à Análise do Discurso também foram contemplados dentre outros, tendo como base os estudos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin na área da linguagem. Os gêneros textuais variados, os aspectos da fala e da escrita e suas influências na leitura e na escrita infantil. Além disso, foi tratada a questão da variação lingüística, da oralidade e da escrita de acordo com Marcuschi e Bagno.

Os próprios fascículos fundamentaram todo o trabalho e acima estão relacionados os pontos mais questionados e analisados durante os encontros.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A formação continuada de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental estava completamente defasada na Região Noroeste Fluminense III quando o Programa Pró-Letramento surgiu como um “divisor de águas”, dando oportunidade aos professores de se capacitarem em Alfabetização e Linguagem e rever seus conceitos almejando novos horizontes. Afinal de contas, a mudança era urgente, mas para mudar uma estrutura de anos era necessário uma parada bem grande para reflexão sobre a ação. Sendo assim, os objetivos didáticos traçados para o curso vinham ao encontro dos desejos dos profissionais. A saber, os objetivos gerais são:

- “Oferecer suporte à ação pedagógica dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, contribuindo para elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem de Língua Portuguesa e Matemática”;
- “Propor situações que incentivem a reflexão e a construção do conhecimento como processo contínuo de formação docente;”
- “Desenvolver conhecimentos que possibilitem a compreensão da matemática e da linguagem e seus processos de ensino e aprendizagem;”
- “Contribuir para que se desenvolva nas escolas uma cultura de formação continuada;”
- “Desencadear ações de formação continuada em rede, envolvendo Universidades, Secretarias de Educação e Escolas Públicas dos Sistemas de Ensino.” (Guia Geral do Programa Pró-Letramento);”

No início do trabalho pude perceber que a grande maioria dos professores estava ávida por informações e colaborações e aproveitaram tudo com muito interesse. A cada dia os laços e as trocas aumentavam. Todos começaram a usar os termos Introduzir, Consolidar, Trabalhar, Retomar, como subsídio para o trabalho pedagógico em sala de aula. Neste momento percebia-se que aqueles professores há muito não recebiam uma capacitação com tanta seriedade e comprometimento.

A cada início de fascículo era uma verdadeira festa, pois logo se sabia que apareceria alguma sugestão de leitura que deixaria os professores

fascinados. Durante o curso foram lidos 15 livros infantis nas “Leituras deleite”, além de textos de variados gêneros que serviam de apoio para os fascículos. A grande maioria dos livros infantis lidos foi por sugestão das formadoras, outros pela tutora e outros ainda pelos próprios professores. No momento da leitura posso afirmar que tanto eu como os cursistas entrávamos em profundo êxtase, de tão maravilhoso que era. O trabalho com variados gêneros textuais foi o ponto forte de todo o curso. Os professores, em sua maioria, não conheciam o trabalho com variados gêneros textuais e acabavam por utilizar sempre histórias infantis em detrimento de outros gêneros, como receitas, instruções, tirinhas e outros.

Quando trabalhamos o fascículo sobre Biblioteca e Salas de Leitura e tivemos a oportunidade de aprender e refletir sobre as estratégias de leitura, a comoção foi geral. Uma professora da quarta série me relatou o seguinte acontecimento:

“Trabalho com leitura há muito tempo, mas nunca tinha utilizado essas estratégias, não tenho vergonha de dizer, agora estou utilizando e estou vendo que a leitura ganha muito mais significado e os alunos participam mais. É muito legal!” (Rozeli Sanches – Professora do C.M. Oliveiros Pereira da Silva em Aperibé).

Após esse relato percebi a importância do curso na vida profissional dos professores.

Outros relatos foram importantes para a avaliação dos encontros e possíveis mudanças no meio do caminho. Como exemplo pode-se citar alguns:

“Todos os professores das séries iniciais tinham que estar fazendo esse curso. A troca está sendo muito boa e o aprendizado também.” (Vera Lúcia Malhano – Coordenadora Pedagógica da E.E. Coronel José Antônio Teixeira em Itaocara).

“Falar sobre Avaliação é fácil, difícil é vivenciar a falta de preparo dos alunos e principalmente dos pais deles que acham que a gente tem que dar *prova* para eles aprenderem mesmo!” (Lisiane Silva – Professora do Ciep – Brizolão – 419 Benigno Bairral de Aperibé).

Durante os encontros e no trabalho com os cursistas foram utilizadas muitas atividades em grupo, valorizando as trocas de experiências e reflexões

sobre a ação, colocando o professor como aluno, para que vivenciassem a situação em sala de aula. Muitas sugestões foram aparecendo e a cada fascículo trabalhado ia se formando um banco de atividades e recursos de dar inveja a qualquer oficinairo. As leituras compartilhadas dos fascículos também fizeram a diferença, pois os professores se identificavam com muitas das situações narradas. Os vídeos de apoio também foram muito importantes durante o curso. A fala das formadoras dava certa segurança, pois ratificavam as palavras do tutor e a experiência dos professores vista por outro ângulo foi muito válida e serviram como modelo para vários cursistas. Os exemplos do Almanaque, dos Ovos Falsos e das Parlendas foram muito utilizados por eles.

Enfim todo o trabalho foi organizado de forma a atender os objetivos propostos pelo programa.

ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

A experiência como Tutora de um programa deste nível foi ímpar na minha vida profissional. O enriquecimento que o curso me proporcionou foi imenso. Foi um trabalho árduo, pois tive um grande número de alunos que em sua grande maioria possuía Curso Superior.

Desde a capacitação inicial pude perceber a seriedade do programa. Acredito na educação como base para o desenvolvimento de qualquer país e todos os investimentos são válidos.

O Programa Pró-Letramento conseguiu atingir um público alvo muito desvalorizado. Os professores das séries iniciais raramente participam de capacitações. Quando o Programa foi lançado os professores se entusiasmaron porque notaram o seu diferencial. Do número total de inscritos inicialmente, poucos desistiram, todos participaram com muito afinco.

Os encontros mensais com as formadoras foram essenciais para o bom andamento do curso. O planejamento que elas faziam e as propostas de atividades, bem como as sugestões de literatura norteavam todo o meu planejamento para os fascículos. As alterações que fiz durante o curso foram embasadas nas próprias referências que vinham nos fascículos e eram necessárias, às vezes, por conta dos três encontros por fascículo. O 1º, por exemplo, por ser muito extenso e servir de base para todos os outros, durou mais de três encontros, fato este que não abalou a estrutura geral do Curso.

O Programa foi muito válido na Região Noroeste Fluminense III. Os frutos ainda estão sendo colhidos, pois as mudanças estão acontecendo. Mudanças na forma de ver o aluno, no planejamento, na execução de atividades diferenciadas e na avaliação. O mais gratificante e estimulante é saber que participei desse processo e de forma muito prazerosa.

CONCLUSÃO

Conclui-se após o trabalho que é função primordial da escola e dos professores a busca de metodologias que estejam voltados diretamente para a realidade dos alunos e que atenda às suas especificidades. Precisamos deixar de ser humildes quando falamos em educação pública. Buscar o melhor e se o melhor requer mais comprometimento, então que nos lancemos a esta procura. É época de avanços. A escola é uma instituição que não pode ficar aquém da sua era. Precisa estar adaptada aos novos paradigmas, às várias realidades. E é investindo na formação de profissionais que viveremos as mudanças.

O ano 2007 ficou marcado positivamente na área educacional com o lançamento e execução do Programa Pró-Letramento no Estado do Rio de Janeiro. Houve o investimento e o início da caminhada, basta agora seguirmos em frente em busca de mais melhorias para a qualidade da educação.

"Se não houver frutos, valeu a beleza das flores; se não houver flores, valeu a sombra das folhas; se não houver folhas, valeu a intenção da semente."

Henfil

**Centro de Estudos em Educação e Linguagem
Universidade Federal de Pernambuco
Curso Pró-Letramento**

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO

Relato de Experiência de Formação,
realizado pela Tutora
Elma de Souza Araújo,
sob a orientação das Coordenadoras
Eliana B. C. Albuquerque e
Telma Ferraz Leal, apresentado ao
Curso Pró-Letramento.

Rio Claro - RJ

2007

1. Apresentação

O presente trabalho busca mostrar a importância do Curso Pró-Letramento para o desenvolvimento do trabalho de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Através dos encontros, nas discussões e reflexões da prática pedagógica, Nós professores buscamos repensar o fazer pedagógico numa perspectiva de crescimento profissional.

O interesse mostrado por todos nos debates foi significativo para mostrar que o desejo de crescimento em nossa área de trabalho é muito grande, pois todos abrimos mão de compromissos e horas de lazer com a família para estarmos juntos a fim de refletirmos a prática pedagógica como um todo.

2. Caracterização dos municípios e das turmas.

Os municípios com os quais foi trabalhado o Pró-Letramento Foram Barra Mansa e Volta Redonda.

Em Barra Mansa foi atendido o CIEP 486, no próprio local, com a participação de 13 professores.

Os CIEPs 403, 292 e o C. E. Baldomero Barbará, também de Barra Mansa, ficaram em Volta Redonda, juntamente com o CIEP 403 e a E. E. Acácia Amarela e o local dos encontros foi o C.E.Rio Grande do Sul, que é o mais próximo possível de todas as escolas atendidas.

Em Volta Redonda formaram-se duas turmas a fim de atender aos professores em seus horários disponíveis, da seguinte forma: uma turma na parte da manhã, com 11 professores e uma na parte da tarde, com 13.

3. Fundamentação teórica

Todo o trabalho realizado foi fundamentado, principalmente pelos fascículos do Pró-Letramento, os quais trazem excelentes autores e referências bibliográficas que fundamentam toda a teoria trabalhada com os professores.

Alguns autores foram: Magda Soares; Neusa Barbosa Bastos; Emília Ferreiro; Telma Ferraz Leal; Gladys Rocha; Lev Vygotsky; Artur Gomes de Moraes e Alessandro da Silva; Ana Carolina Perrusi Brandão, Ana Coelho Vieira Selva e tantos outros que alicerçaram esse curso.

4. Descrição da Experiência

O principal objetivo, enquanto formadora, é compreender o sentido e a importância da formação continuada de professores para seu desenvolvimento profissional e repassar essa compreensão.

Outros objetivos são:

- Fazer com os professores um momento de reflexão sobre a prática pedagógica, refletindo sobre os eixos do ensino da Língua portuguesa, delimitando os objetivos específicos em cada um deles;
- Elaborar e analisar situações didáticas de ensino do sistema alfabético, da leitura, da produção de textos, da oralidade e da cultura e valorização da escrita;
- Refletir sobre o processo de avaliação na perspectiva diagnóstica;
- Refletir sobre diferentes estratégias didáticas para a formação de professores.

Com todos esses objetivos em mente, passamos para a ação, que foi uma experiência inigualável, pois estar com os professores, conversando, conhecendo a fundo o seu trabalho com as crianças fez com que o respeito que sempre tivemos para com os alfabetizadores crescesse ainda mais.

Nos encontros pudemos perceber o esforço de todos para que o trabalho realizado fosse sempre o melhor possível. Durante os relatos de experiência alguns professores comentaram o quão importante é estarmos juntos, trocando idéias, pois alguns colocaram em prática não só o que víamos nos fascículos, mas também o que os colegas relatavam como experiências bem sucedidas que tiveram.

5. Avaliação dos resultados

Os resultados foram, a meu ver, importantes para o crescimento de todos nós, professores e tutores. Ao refletirmos sobre a nossa prática estávamos fazendo uma introspecção, verificando, se erramos, onde erramos e o que está dando certo trocamos com os colegas, a fim de que o nosso trabalho bem feito fosse compartilhado com todos e pudéssemos corrigir onde erramos.

Tivemos algumas baixas ao longo do período do curso, mas os que ficaram demonstraram muita garra e desejo de crescer profissionalmente cada vez mais.

6. Conclusão

O Curso Pró-Letramento foi de fundamental importância não só para os professores do 1º segmento do Ensino Fundamental, mas também para mim que nunca passei pela experiência da alfabetização. Crescemos muito durante o curso e cremos que o que aprendemos através das atividades realizadas, dos debates e reflexões nos acompanharão por toda nossa vida.

Alguns momentos inesquecíveis:



Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Estudos em Educação e Linguagem
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura e Escrita
PRÓ-LETRAMENTO RIO DE JANEIRO 2007
RELATOS DE EXPERIÊNCIA PRODUZIDOS PELOS PROFESSORES CURSISTAS A FORMAÇÃO.



Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Estudos em Educação e Linguagem
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura e Escrita
PRÓ-LETRAMENTO RIO DE JANEIRO 2007
RELATOS DE EXPERIÊNCIA PRODUZIDOS PELOS PROFESSORES CURSISTAS A FORMAÇÃO.



Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Estudos em Educação e Linguagem
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura e Escrita
PRÓ-LETRAMENTO RIO DE JANEIRO 2007
RELATOS DE EXPERIÊNCIA PRODUZIDOS PELOS PROFESSORES CURSISTAS A FORMAÇÃO.





AÇÃO X REFLEXÃO X AÇÃO

JANETE DA MOTA LOPES

MACAÉ / RJ
OUTUBRO / 2007

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ao reportar-me ao passado e à minha trajetória pessoal e profissional pude refletir sobre minhas indagações e inquietações, para as quais busco respostas, pois tenho convicção que não estamos nesse mundo de passeio. Qual o meu papel na sociedade? Qual o meu papel como professor e agora como tutor? Estas são apenas algumas delas.

Refletindo sobre o passado observo que tenho boas lembranças da escola, da convivência com crianças que também iniciavam suas trajetórias de vida e do envolvimento da família em todo o processo da minha educação.

Meus estudos iniciais (1960), até o curso normal, ocorreram em escolas públicas, onde era visível a predominância da elite macaense, pois a escola, naquela época, era para poucos. O contexto histórico era rico em transformações e mudanças, pois tratava-se de um período pós-guerra. Esse período inclui a revolução de 1964 e todos os seus desdobramentos.

Nascida em família operária, vivi todos esses acontecimentos sociais e políticos e ao ingressar no ginásio percebi a importância da educação como meio para a formação do cidadão consciente e da Escola pública para a democratização do saber.

Em 1974, iniciei o exercício do magistério e simultaneamente os estudos na Faculdade de Pedagogia. Partindo em busca de novos conhecimentos fiz cursos na área de Educação Especial, Psicopedagogia, Gestão Escolar, Língua Brasileira de Sinais, atuando como professor, Coordenador Pedagógico, Tutora no Progestão-RJ, etc.

Dividindo e compartilhando dúvidas e desafios chego ao Pró-Letramento (Programa de formação continuada de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental): Alfabetização e Linguagem/2007.

A Lei 9.394/96 (LDBEN) no “Caput” do art. 80 estabelece: “O poder público incentivará o desenvolvimento e a veiculação dos programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino e de educação continuada”.

A expansão da educação a distância se dá em razão do avanço dos meios de comunicação e tecnologias digitais, pela necessidade de democratizar e

universalizar o acesso à educação em todos os níveis e modalidades de ensino. Utiliza meios de comunicação que podem ser acessados a qualquer momento e de múltiplas formas transformou-se na modalidade de ensino ideal para utilização na formação continuada e em serviço.

Ação x Reflexão x Ação

A busca da melhoria da qualidade de ensino, baseada numa proposta de ação x reflexão x ação pela interação constante entre os conhecimentos teóricos propostos pelo curso e a prática profissional é o caminho ideal a ser seguido. Este processo se dá em três etapas. Na primeira a ação é a prática profissional desenvolvida no momento, com muitas dúvidas, angústias e recheada de desconhecimentos, porém repleta de atitudes criativas e capazes de proporcionar uma atividade no âmbito escolar que satisfaz as necessidades do processo de alfabetizar, porém ao confrontar-se com os conhecimentos teóricos, contidos nos fascículos, que apontam novas possibilidades para o aprimoramento e melhoria do processo ensino-aprendizagem abre as portas para a segunda fase do processo, a reflexão, que é o momento dos questionamentos e descobrimentos proporcionando condições para a continuação do processo de transformação através de novas abordagens no processo de alfabetização e ensino da linguagem.

A terceira etapa, a ação modificada pelas reflexões e conclusões obtidas pelo confronto da prática antiga e os conhecimentos teóricos, quando novos paradigmas e novas atitudes são colocados em prática e quando o profissional reflexivo ao revê-la percebe, em muitos casos, que a sua forma de agir também pode enriquecer a teoria. Através de um processo de retro-alimentação as novas ações subsidiam a teoria que se renova e desenvolve um novo ciclo ação x reflexão x ação. É um processo permanente, pois a ação fornece elementos para aprimoramento da teoria que influenciará novas ações e assim aprendemos e ensinamos constantemente.

Pró-Letramento: Alfabetização e Linguagem

A Formação Continuada:

Um dos objetivos do curso de formação continuada e em serviço é promover uma reflexão sobre a prática cotidiana no interior das escolas. Dessa forma, as

dinâmicas desenvolvidas buscavam atingir esse objetivo, na medida em que cada conteúdo estudado nos fascículos proporcionou uma ação x reflexão x ação, pelas trocas de experiências entre os cursistas, atividades desenvolvidas em pequenos grupos, atividades individuais, atividades desenvolvidas com alunos em sala de aula, repassadas para o grupo, acompanhadas de relatos docentes.

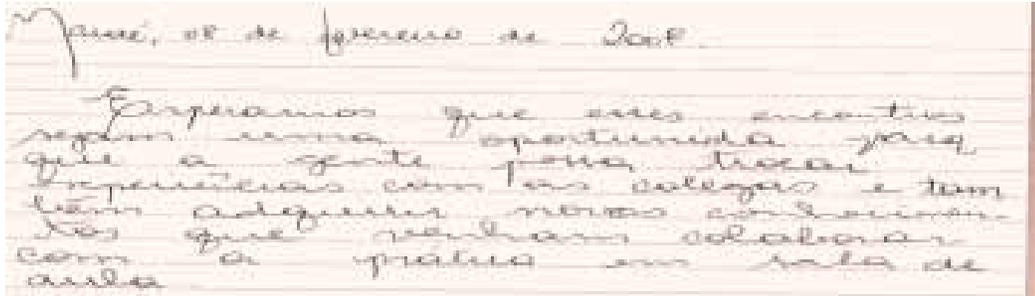
Um dos grandes desafios da educação brasileira é promover um ensino de qualidade como apontam os resultados do SAEB nesses últimos anos. Participar do Pró-Letramento, como Tutora, é contribuir para a melhoria da qualidade do ensino, levando os cursistas a uma reflexão sobre sua prática docente.

Neste sentido, Pimenta (2006, p.21) diz que “a formação contínua não se reduz a treinamento ou capacitação e ultrapassa a compreensão que se tinha de educação permanente”, com isto reforça-se a importância da formação continuada e do papel do tutor.

O curso Pró-letramento: Alfabetização e Linguagem: permitiu-nos repensar o papel das escolas públicas, num momento tão importante na vida brasileira, onde os dados apontam que nossos alunos estão terminando a 4ª série do Ensino Fundamental, sem saber escrever, ler, interpretar, ou seja, apresentam um precário desempenho. Momento este traduzido pela busca da melhoria da qualidade do ensino, baseado numa proposta de ação x reflexão x ação, que se observa nas atividades realizadas pelos cursistas.

O Pró-letramento – Programa de Formação Continuada dos Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Alfabetização e Linguagem: realizado pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, na Coordenadoria Regional da Região Norte Fluminense II – Macaé- RJ, com a participação inicial de trinta e um cursistas e finalizando com uma turma de vinte e um cursistas, representantes das seguintes escolas estaduais: E. E. Nosso Senhor dos Passos, E. E. Rachel Reid P. de Souza, C. E. Dr. Télió Barreto, E. E. José de Paula Barreto, CIEP Brizolão 271- José Bonifácio Tassara, C. E. Casimiro de Abreu, CIEP Brizolão 257 – Joaquim do Rego Barros, C. E. Rocha Leão, C. E. Matias Neto.

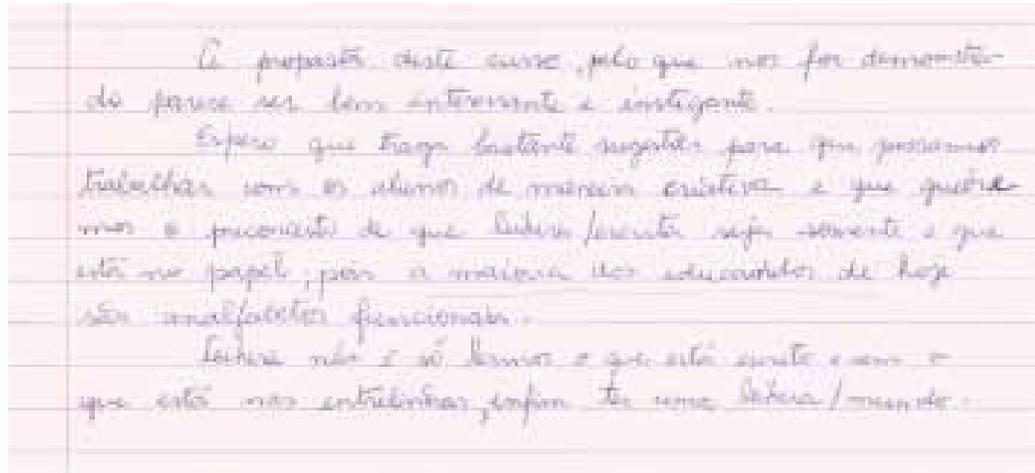
Neste sentido foram selecionadas algumas expectativas dos cursistas:



Maria, 08 de Janeiro de 2007.

Esperamos que esse encontro seja uma oportunidade para que a gente possa trocar experiências com os colegas e também adquirir novos conhecimentos que possam colaborar com a prática em sala de aula.

Professora "x"

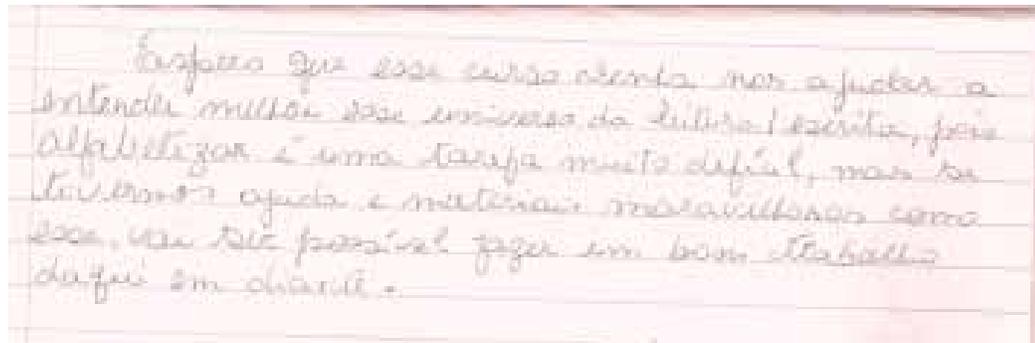


A proposta deste curso, pelo que nos foi demonstrado parece ser boa, interessante e inteligente.

Espero que tenha bastante suporte para que possamos trabalhar com os alunos de maneira criativa e que queira nos o incentivo de que leitura/escrita seja somente o que está no papel, pois a maioria dos educadores de hoje são analfabetos funcionais.

Leitura não é só ler, é que está escrito e com o que está nos entrelinhas, enfim, ter uma letra/mundo.

Professora "M"



Espero que esse curso ajude nos a ajudar a entender melhor esse universo da leitura/escrita, pois alfabetizar é uma tarefa muito difícil, mas se tivermos apoio e materiais maravilhosos como esse, vai ser possível fazer um bom trabalho daqui em diante.

Professora "L"

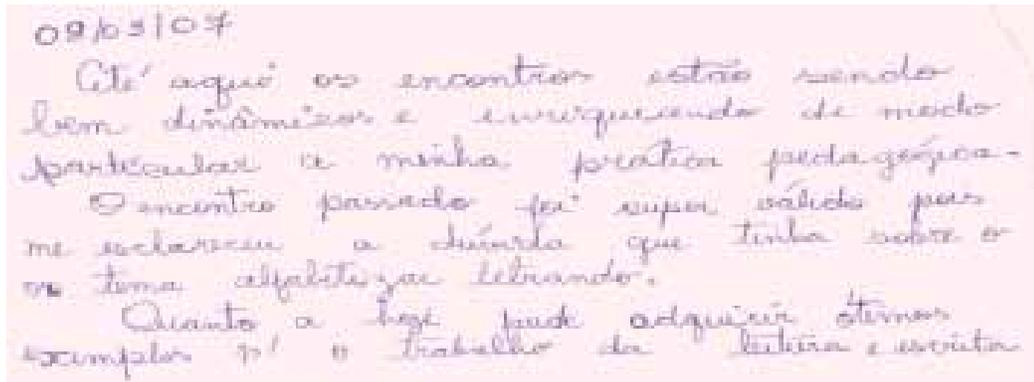
Os temas abordados pelos fascículos foram selecionados e apresentados buscando estabelecer um diálogo efetivo entre as questões críticas para o ensino de Língua Portuguesa e as condições do trabalho do professor brasileiro.

Fascículo I – Capacidades lingüísticas da alfabetização e a avaliação – Apresenta conceitos fundamentais que dão sustentação ao curso, elenca as principais capacidades a serem desenvolvidas pelos alunos das séries iniciais e discute a questão da avaliação.

Fascículo II – A organização do tempo pedagógico e o planejamento do ensino – a melhoria da qualidade de ensino após organização do tempo escolar e planejamento das atividades docentes.

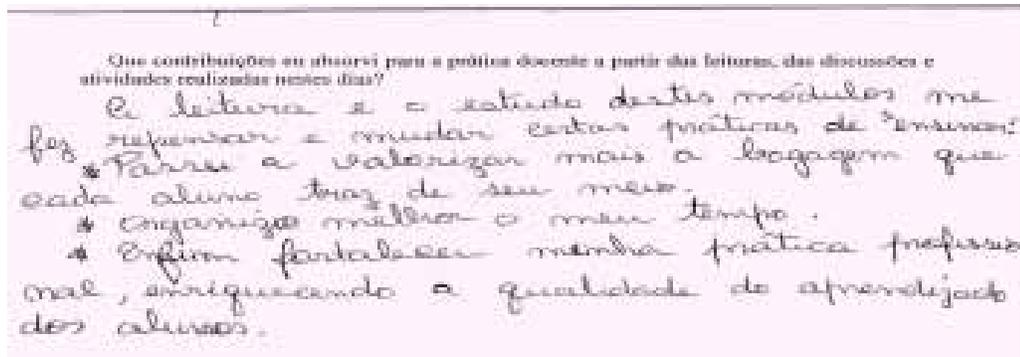
Fascículo III – Organização e uso da biblioteca escolar e das salas de leitura – A importância, a organização e uso dos espaços dedicados a leitura, suas modalidades, suportes de textos e a mediação do professor e o uso do dicionário no processo de letramento.

É interessante destacar algumas reflexões docentes:



02/05/07
Aqui os encontros estão sendo bem dinâmicos e enriquecendo de modo particular a minha prática pedagógica. O encontro passado foi super válido pois me esclareceu a dúvida que tinha sobre o tema alfabetização letrando. Quanto a hoje pude adquirir alguns exemplos de trabalho de leitura e escrita.

Professora "A"



Que contribuições eu ofereci para a prática docente a partir das leituras, das discussões e atividades realizadas nestes dias?
A leitura e o estudo destes módulos me fez refletir e mudar certas práticas de ensino: * Fazer a valorizar mais a bagagem que cada aluno traz de seu meio. * Organizar melhor o meu tempo. * Enfim fortalecer minha prática profissional, enriquecendo a qualidade do aprendizado dos alunos.

Professora "B"

Fascículo IV – Práticas lingüístico-pedagógicas desenvolvidas com o tem “história de vida”: possibilidades de reflexões no processo de formação docente – Aborda questões sobre leitura e escrita da Língua Portuguesa nas séries ou ciclos iniciais do Ensino Fundamental.

Fascículo V – Jogos e brincadeiras no ensino da Língua Portuguesa – Apresenta exemplos de jogos e brincadeiras, onde os alunos colocam em prática habilidades relacionadas à Língua Portuguesa.

Fascículo VI – Modos de falar/Modos de escrever – Aborda a integração entre os modos de falar e escrever e as suas relações com a aprendizagem da escrita.

Fascículo VII – O livro didático em sala de aula algumas reflexões: o uso do livro didático de alfabetização e de Língua Portuguesa, suas características, o processo de escolha e o uso dos mesmos pelos professores.

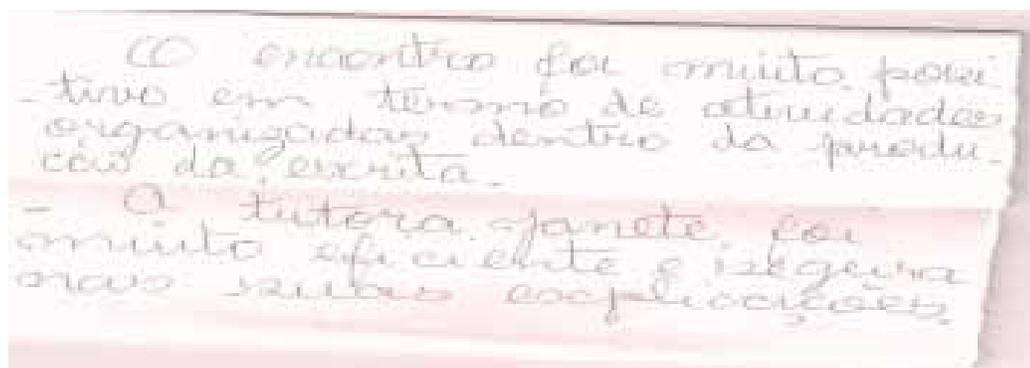
Devo destacar que para cada fascículo a ser estudado pelos cursistas ocorria anteriormente uma reunião com os tutores na cidade do Rio de Janeiro, para estudo dos mesmos. Todas as questões, dúvidas e reflexões eram analisadas e discutidas exaustivamente, para que ao apresentar o fascículo para estudo aos cursistas o tutor tivesse embasamento suficiente para uma boa orientação aos professores e as questões que não eram esclarecidas devidamente eram apresentadas na reunião de tutores da semana seguinte buscando os esclarecimentos necessários.

O fascículo VI – Modos de falar/Modos de escrever, que tem como foco principal a relação entre oralidade e escrita e ensino das oralidades, baseia-se na competência comunicativa “que o aluno possui antes de chegar à escola e como esta modalidade discursiva interage com o aprendizado do texto escrito, tanto em relação à leitura quanto em relação à produção do texto escrito”. As características do texto oral espontâneo de alunos da série inicial, as regras variáveis das várias comunidades da fala, os saberes da oralidade e sua integração com a produção escrita dos alunos, as convenções da língua escrita, atividades de leitura e interpretação.

É tema fascinante que inclui uma gama imensa de manifestações culturais e em um país plural como o Brasil é fonte de riqueza e de valorização humana. A competência comunicativa é a capacidade que todo indivíduo possui para produzir enunciados em língua materna, formar sentenças e adequar a fala às normas sociais e culturais em seu contexto geográfico e histórico.



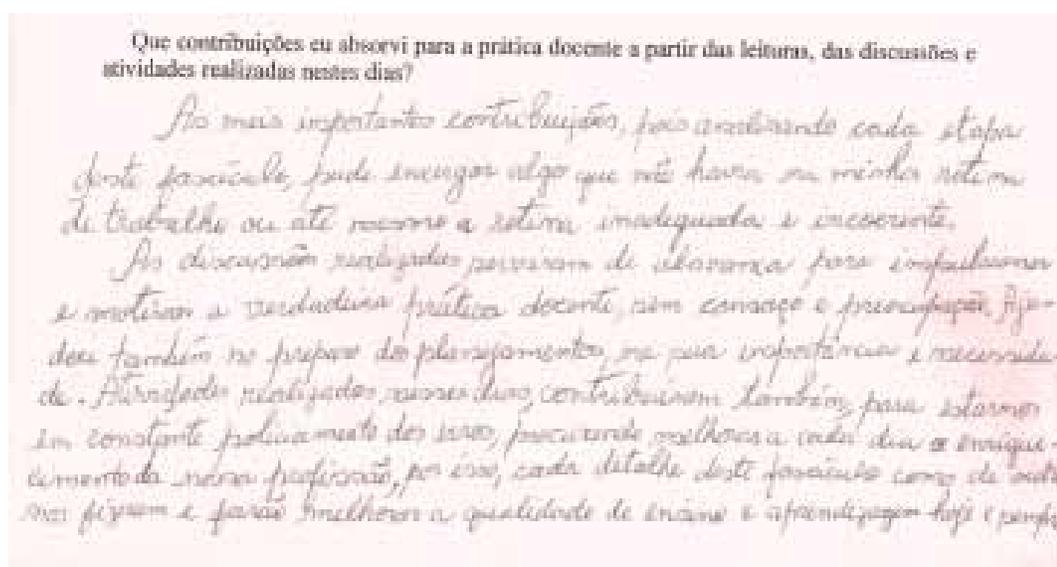
Para concluir é imprescindível destacar que após a análise dos relatos docentes foi selecionado o Projeto: “O teatro educa para a vida”, elaborado com base no fascículo VI, pelos professores da Escola Estadual Rachel Reid P. de Souza, a partir do qual se evidenciou que o processo ação x reflexão x ação, objeto deste estudo, ocorreu de forma efetiva contribuindo para a transformação da prática docente. Como comprova os relatos abaixo:



O encontro foi muito proveitoso em termos de atividades organizadas dentro da prática da escrita.

- A tutora Janete, foi muito eficiente e esclareceu meus vários questionamentos.

Professora “P”



Que contribuições eu observei para a prática docente a partir das leituras, das discussões e atividades realizadas nestes dias?

As mais importantes contribuições, foi perceber em cada etapa deste processo, pude enxergar algo que não havia em minha rotina de trabalho ou até mesmo a rotina inadequada e insatisfatória.

As discussões realizadas permitiram de elaborar para implementar e motivar a realidade prática docente, com convicção e preocupação. Fiquei também no preparo do planejamento, na sua importância e necessidade. Atividades realizadas, como discussões, contribuíram também, para estar em constante aprimoramento do ser, procurando melhorar a cada dia o desempenho da minha profissão, por isso, cada detalhe deste fascículo como de outros me fizeram e farão melhorar a qualidade de ensino e aprendizagem hoje e sempre.

Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Estudos em Educação e Linguagem
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura e Escrita
PRÓ-LETRAMENTO RIO DE JANEIRO 2007
RELATOS DE EXPERIÊNCIA PRODUZIDOS PELOS PROFESSORES CURSISTAS A FORMAÇÃO.



Prezados cursistas,

Estamos chegando ao final do nosso curso e gostaríamos que você respondesse às seguintes questões:

1- Que idéias principais você retiraria? Por que?

Foi muito, pesquisar e trabalhar sempre com o conhecimento do que o aluno de casa, pois a criança sempre tem uma bagagem muito rica.

2- Que contribuições eu absorvi para a minha prática docente, a partir das leituras, discussões e atividades realizadas durante os encontros?

Aprendi como se trabalhar de maneira prazerosa, buscando atividades inovadoras, que tenha foco com que o aluno sinta vontade de estar na sala de aula.

3- Como você avalia a relação tutor x conhecimentos x cursistas?

Foi muito importante esse curso, pois trouxe vários conhecimentos através do tutor, das debates entre os cursistas e das muitas atividades feitas no grupo.

4- Como você avalia o seu compromisso, desempenho durante o decorrer do curso?

Ótimo

Bom

Regular

Tutor: Janeira da Mota Lopes

Cursista: M. Colma E. D. Machado

Data: 12/07/2007

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação: (Lei 9.394/96)/apresentação
Carlos Jamil Cury. – 7. ed. – Rio de Janeiro: DP&A. 2004

BRASIL,Ministério da Educação,Pró-Letramento, 2006

PIMENTA, Selma Garrido; GHENDIN, Evandro (Orgs.). Professor Reflexivo no
Brasil: Gênese e Crítica de um Conceito. 4 ed. São Paulo. Cortez. 2006

CONTINUIDADE NA FORMAÇÃO: UM DESAFIO

Janice Marçal da Conceição
Rozângela Bizzo Cypriano

Apresentação

Convivemos com um mundo de letras e imagens que necessitam ser compreendidas, para tanto temos que desenvolver habilidade de “leitores competentes”.

Para que um indivíduo possa exercer sua plena cidadania, é imprescindível que, além de ler e de escrever com autonomia, ele consiga utilizar a língua em suas práticas sociais.

O Pró-Letramento tem como objetivo oferecer suportes à ação pedagógica dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, contribuindo para a elevação da qualidade do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa; propõe que levem à reflexão e à construção do conhecimento como um processo contínuo de formação docente; contribuindo para que se desenvolva nas escolas uma cultura de formação continuada, envolvendo Universidades, Secretarias de Educação e Escolas Públicas.

Caracterização das turmas de formação

Nós, Orientadores de Aprendizagem dos municípios de Santa Maria Madalena e de São Sebastião do Alto, estamos realizando a tutoria do curso de Pró-Letramento, em Alfabetização e Linguagem, atendendo aos municípios pertencentes à Coordenadoria regional da Região Serrana I, que são: Cantagalo, Cordeiro, macuco, São Sebastião do Alto e Trajano de Moraes; divididos em três turmas: uma no CIEP 277 – João Nicolau Júnior (Cantagalo) e duas no I.E. Inocência de Andrade (Cordeiro).

Podemos dizer que esse projeto foi um grande desafio, pois apesar desse não ser nosso primeiro trabalho como formadoras, foi a primeira vez que trabalhamos com uma clientela que, em sua grande maioria, além de uma Formação Superior, apresentava cursos de Pós-graduação. Todos os nossos cursistas têm uma rica experiência, por atuarem há vários anos no Ensino Fundamental. Isso enriqueceu muito o nosso trabalho, já que a troca entre cursistas e tutores, foi uma constante em todo decorrer deste processo.

Cursistas inscritos na turma de Cantagalo: 26

Cursistas freqüentando: 15

Cursistas inscritos na turma de Cordeiro: 40

Cursistas freqüentando: 30

Fundamentação teórica

Desconhecida por muitos profissionais da educação, a palavra letramento surgiu entre lingüistas e estudiosos da Língua Portuguesa e passou a fazer parte do cotidiano de vários professores.

“O letramento pode ser considerado como um processo complexo, que quase sempre é visto como associado à alfabetização. Contudo, existem letramentos de natureza variada, inclusive, sem a presença da alfabetização. Trata-se de um termo que é conceituado de modo diferente por autores que estudam o fenômeno; mas em suma, pode-se dizer que o letramento é um processo histórico-social.” (Práticas de leitura e escrita –MEC)

O termo letramento tem sido usado como uma versão feita da palavra da língua inglesa “literacy”, que se liga à necessidade de se exercer o domínio sobre o sempre crescente universo informacional. Incorporando habilidades, conhecimentos e valores relacionados à busca, acesso, avaliação, organização e difusão da informação e do conhecimento.

Já o termo alfabetizado diz respeito ao indivíduo que somente aprendeu a ler e escrever, não se diz que é o que adquiriu o estado ou condição de quem se apossou da leitura e da escrita e que faz uso delas na sociedade.

Podemos concluir com a fala de Magda Soares que não faz dissociação entre os dois processos:

“Dissociar alfabetização de letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e

por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema/grafema, isto é, em dependência da alfabetização”. (SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas.)

Descrição da experiência, indicação dos objetivos didáticos, etapas de execução e atividades realizadas

Iniciamos o projeto do Pró-Letramento no Estado do Rio de Janeiro recebendo uma capacitação de cinco dias em Mendes com as formadoras do CEEL (Centro de Estudos em Educação e Linguagem – Faculdade Federal de Pernambuco), Eliana Borges Correia de Albuquerque e Telma Ferraz Leal.

Tivemos encontros mensais com as formadoras da Universidade, que trabalhavam todos os materiais referentes aos temas do fascículo a ser apresentado aos cursistas durante aquele mês e assim sucessivamente. O trabalho com os sete fascículos foi de fevereiro a outubro/2007.

Durante todo o processo, no início do trabalho com cada fascículo, realizamos uma leitura deleite, seguida de uma exploração do fascículo, através de leitura compartilhada, fichamento, resumo com apresentação oral para os demais cursistas, realização das atividades complementares propostas em cada módulo.

Além das atividades listadas acima, fizemos também socialização de experiências, conversas informais, confecção de jogos. Confecção de dicionário, confecção de almanaques, confecção de alfabetário, dinâmicas de grupo. Fizemos a exibição dos slides trazidos após curso com as formadoras do CEEL, assistimos aos DVDs do programa Pró-Letramento além de DVDs sugeridos pelas formadoras. Fizemos à reprodução dos slides e dos DVDs para os cursistas. Fizemos utilização de textos complementares extraídos dos boletins do Salto para o Futuro sobre a temática, entre outras fontes, leitura de livros de literatura infantil e infanto-juvenil.

Demos orientações baseadas nos encontros com as formadoras, para auxiliar os cursistas na elaboração dos projetos a serem desenvolvidos em sala de aula.

Analizamos com os cursistas exemplos de vários gêneros textuais, por exemplo: letras de músicas, receitas culinárias, literatura de cordel, bilhetes,

telegramas, poesias, textos informativos, artigos de jornal e de telejornal, manual de instruções para jogos entre outros...

Fizemos análise de livros didáticos de alfabetização e de Língua Portuguesa como também do guia para escolha de livros didáticos de alfabetização e de Língua Portuguesa como também do guia para escolha de livros didáticos enviado pelo MEC.

Exploramos a utilização do dicionário, das bibliotecas, incentivando o resgate dos jogos e brincadeiras do tipo (trava línguas, parlendas, jogo da memória, alfabeto móvel, rimas, trilha de palavras, cantigas, entre outras).

O material gráfico do programa é de muita boa qualidade, servindo muito bem aos propósitos explicitados em cada fascículo e superando as expectativas dos cursistas. Os DVDs foram de grande utilidade para elucidar os temas travados, tornando-os de fácil compreensão.

Os slides recebidos nos cursos de capacitação com os formadores, enriqueceram nosso trabalho e deram orientações importantes quanto à realização das atividades propostas para os cursistas (atividades complementares a serem desenvolvidas com seus alunos).

Temos que ressaltar todo o apoio material e humano recebido pelas escolas e pelos Telepostos dos municípios que sediaram os encontros.

Nós, orientadores de aprendizagem, estamos realizando a tutoria do curso de Pró-Letramento em Alfabetização e Linguagem, atendendo aos municípios pertencentes à CRRSI que são: São Sebastião do Alto, Cordeiro, Macuco, Cantagalo e Trajano de Moraes.. Divididos em três turmas: uma no CIEP 277 – João Nicolau Junior (Cantagalo) e duas no I.E. Inocêncio de Andrade (Cordeiro).

Os temas abordados em cada fascículo foram:

Fascículo 1. Capacidades Lingüísticas da Alfabetização e a Avaliação:

Neste fascículo, apresentam-se vários conceitos fundamentais, que subsidiam o projeto do Pró-Letramento e que serão retomados nos fascículos seguintes, tais como: Alfabetização, Letramento e Ensino de Língua. Também se apresentam as principais capacidades a serem desenvolvidas pelos alunos nos anos iniciais da escolarização. E, por fim, discute-se a questão da avaliação, através de estratégias de avaliação formativa e continuada. No Anexo, apresentam-se sugestões de

atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, a fim de se atingirem algumas das capacidades elencadas no fascículo.

Fascículo 2. A Organização do tempo Pedagógico e o Planejamento do Ensino:

Analisa-se situações de ensino e aprendizagem a partir do ponto de vista da organização do tempo escolar e do planejamento das atividades por parte do docente, através de relatos de experiências. Dá-se especial atenção às práticas de leitura e escrita na rotina escolar, recuperando e desenvolvendo a noção de letramento apresentada no fascículo anterior.

Fascículo 3. Organização e uso da Biblioteca Escolar e das Salas de Leitura:

Discute-se a importância da Biblioteca Escolar ou da sala de Leitura, sua organização e possibilidades de uso. Analisa-se diferentes modalidades de leitura, a diversidade de suportes de textos e a fundamental mediação do(a) professor(a) ao longo do processo de letramento. Por fim, discute-se a relevância do Dicionário como aliado no dia-a-dia da sala de aula.

Fascículo 4. Práticas Lingüístico-Pedagógicas desenvolvidas com o tema “História de vida”:

Possibilidades de reflexão no processo de formação docente:

Este fascículo trata de questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem da língua escrita, nas séries ou ciclos iniciais do Ensino Fundamental, a partir de relatos sobre ação pedagógica desenvolvida com o tema História de Vida. Retoma e aprofunda também questões a respeito da leitura e da produção textual na formação lingüística do aluno e na sua constituição como sujeito-leitor e produtor de textos.

Fascículo 5. Jogo e Brincadeiras no Ensino da Língua Portuguesa:

Neste fascículo, veremos alguns exemplos de jogos e brincadeiras realizados por professoras de escolas públicas do Estado de Pernambuco. Em todos eles, os alunos colocam em prática habilidades diretamente relacionadas à Língua Portuguesa: na produção de um almanaque, em atividades lúdicas de leitura e

escrita, de canto e expressão oral e de compreensão do sistema de escrita alfabética.

Fascículo 6. Modo de Falar/Modos de Escrever:

Discutem-se neste fascículo modos de falar e modos de escrever, bem como a integração entre essas duas práticas e suas relações com a aprendizagem de escrita. Analisa-se o trabalho de uma professora de escola pública do Distrito Federal, em atividades de leitura e produção de textos que levam em consideração a competência comunicativa dos alunos.

Fascículo 7. O Livro Didático em Sala de Aula: Algumas Reflexões:

Apresenta questões relacionadas ao uso do livro didático de Alfabetização e de Língua Portuguesa em sala de aula. Discute o processo de modificação dos livros didáticos a partir da institucionalização do PNLD; o processo de escolha e as características dos novos livros didáticos; e o uso que os (as) professores(as) fazem do livro didático em suas práticas de ensino.

Fascículo 8. Formação de Professores Orientadores (Tutores):

Contém instruções e informações importantes para o professor orientador de estudos. Discute sobretudo questões relativas à educação de adultos, à educação à distância e à formação de grupos de estudos, a fim de contribuir para a preparação e a organização do orientador de estudos em relação ao trabalho a ser desenvolvido junto aos professores cursistas.

Análise da experiência e avaliação dos resultados

Os encontros para planejamento são feitos ora no Teleposto de São Sebastião do Alto, ora no Teleposto de Santa Maria Madalena. De nossos municípios até as cidades onde estamos atuando temos uma distância considerável com poucos horários de ônibus, o que criou a necessidade de nos deslocarmos de carro, aumentando os gastos.

Sobre o aspecto de benefícios para os cursistas, cremos que o programa veio atender as necessidades dos professores, principalmente a de refletirem sobre sua prática pedagógica. Eles viram nessa proposta uma forma de sustentação do trabalho que a maioria já vinha realizando e tiveram a oportunidade de um maior aprofundamento, já que os assuntos, todos relevantes, vinham separados em

fascículos de forma bem detalhada. O que devemos ressaltar foi o fato da maioria dos cursistas terem feito comentários positivos sobre a durabilidade do curso, permitindo uma troca constante entre cursistas, tutores e universidade, no decorrer de todo o programa.

Baseados nas atividades entregues pelos cursistas, observamos a disposição desses professores em colocar em prática o que vinha sendo proposto pelo Pró-Letramento.

Quanto à nossa atuação como tutoras, podemos dizer que esse projeto foi um grande desafio, pois, apesar desse não ser nosso primeiro trabalho como formadoras, foi a primeira vez que trabalhamos com uma clientela que, em sua grande maioria, além de sua formação superior, apresentava cursos de Pós-graduação.

Outro fato pelo qual consideramos desafiadora essa tarefa foi o deslocamento a outros municípios, com realidades muito diferentes das nossas. Esse “pescar” em outras águas, no início, sempre faz com que nos desestruturemos para depois reconstruirmos nossos ideais, nosso modo de ver o mundo, nosso fazer pedagógico.

Após essa caminhada, podemos dizer que não somos mais as mesmas profissionais, já que recebemos tanto ou mais do que demos. Ampliamos, significativamente, o nosso campo de relações, pois além de aumentarmos o nosso campo de atuação como profissionais, fizemos inúmeras amizades, que enriqueceram nossas vidas profissionais e pessoais.

Temos a consciência de que superamos muitas de nossas expectativas e esperamos ter alcançado os objetivos do curso.

Consideramos que os resultados foram satisfatórios e esperamos que os investimentos nessa área – as turmas iniciais do Ensino Fundamental – sejam freqüentes, posto que é necessário esse trabalho.

Concluindo, queremos registrar que, como é na perspectiva do letramento, todo aprendizado é constante e contínuo, portanto nós educadores não devemos nos acomodar, devemos buscar novas formas de conhecimento, mesmo que para tanto, muitas vezes, seja necessário enfrentar novos desafios.



CRONOGRAMA DO CURSO DE PRÓ-LETRAMENTO
(ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGEM)

TUTORAS: Janice Marçal da Conceição (O.A. Teleposto de São Sebastião do Alto)
Rozângela Bizzo Cypriano (O.A. Teleposto de Santa Maria Madalena)



18/05/2007	8h às 17h	Rio de Janeiro
25/05/2007	8h às 17h	Cordeiro



FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

TUTORA: MARIA APARECIDA DOS SANTOS E SILVA

QUISSAMÃ, RJ

INTRODUÇÃO



“Letramento é diversão
É leitura à luz de vela
Ou lá fora, à luz do sol.

É uma receita de biscoitos
Uma lista de compras,
recados colados na geladeira.
Um bilhete de amor,
Telegramas de parabéns e cartas
De velhos amigos.

É um Atlas do mundo
Sinais de trânsito, caça ao tesouro,
Manuais, instruções, guias
É orientações em bulas de
remédios,
Para que você não fique
Perdido”.

CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

O Município de Quissamã localiza-se na Região Norte Fluminense com distância de 242 km do Rio de Janeiro, tendo como limite ao norte o Município de Campos dos Goitacazes, ao Sul e ao Oeste com o Oceano Atlântico e ao Leste com Conceição de Macabu e Carapebus tem uma população de 13.674 habitantes, sendo 6.972 homens e 6.747 mulheres numa área total de 715,877 Km². O site oficial do Município é www.quissamã.rj.gov.br.

A turma de formação conta com 28 professores abrangendo 8 Escolas da Rede Municipal de Quissamã.

Turma caracterizada como interessada, criativa e preocupada com a sua formação, entendendo-a como grande responsável pela qualidade da educação. São professores participativos e procuram sempre refletir sobre sua prática, trazendo as situações vividas em sala de aula para enriquecer os encontros.

É preciso considerar que os que chegaram ao final do Curso, venceram algumas barreiras, tais como o tempo, já que quase todos os professores que atuam nos dois turnos e pouco tempo tem para dedicação às leituras e realização das tarefas, mas estes profissionais souberam fazer a diferença, levando a sério o compromisso assumido no Curso.



PRÓ-LETRAMENTO

Programa de Formação Continuada de Professores



Atividade de participação de crianças



Trabalho de observação de crianças

Professores das séries iniciais do ensino fundamental da rede municipal fazem curso de capacitação continuada de leitura, escrita e matemática

Cada professor é único, pois não tem um, mas vários alunos, e eles sempre em condições de proficiência de leitura, escrita e matemática. O Conselho Técnico Pedagógico, como Ministério da Educação (MEC), através da secretaria municipal de Educação capacitou os professores que vivem de 7:30 às 19:30 horas em aulas de leitura, escrita e matemática, entre Alfabetização e Língua e Matemática.

A primeira aula foi ministrada logo no início do ano (2002), no Espaço Interponto, onde se realizam Cursos. O curso de Língua está sob a responsabilidade da orientadora pedagógica, Maria Aparecida dos Santos e Língua e Matemática com a professora Jane Baptista. Atualmente aproximadamente 60 professores da rede municipal.

De acordo com o diretor do Departamento de Ensino, Rosário do Barco Almeida, o objetivo maior é que se faça mais prática no ensino, através da busca permanente do professor na questão pedagógica. "Cada curso tem a duração de 120 horas", destaca Rosário.

O PRÓ-LETRAMENTO

O Pró-Letramento - Mobilização pela Qualidade da Educação - é um programa de formação continuada de professores, para melhoria da qualidade de aprendizagem da aprendizagem e matemática nas séries iniciais do ensino fundamental. O Programa é realizado pelo MEC, em parceria com Universidades parceiras e Rede Municipal de Formação Continuada com atuação nos estados e municípios. Assim, participar todos os professores que estão em exercício, nas séries iniciais do ensino fundamental das escolas públicas.

O Pró-Letramento tem como sua finalidade a leitura. Para isso, utiliza material impresso e vídeo e conta com atividades presenciais, que são desenvolvidas por professores orientadores, também durante o curso.

OS OBJETIVOS DO PRÓ-LETRAMENTO SÃO:

- desenvolver a qualidade pedagógica dos professores das séries iniciais do ensino fundamental, capacitando para elevar a qualidade do ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa e Matemática;
- propor situações que incentivem a leitura e a construção de valores básicos como generosidade, respeito de trabalho decente;
- desenvolver conhecimentos que possibilitem a compreensão da matemática de linguagem e suas aplicações do ensino e aprendizagem;
- contribuir para que se desenvolva nos escolas uma cultura de formação continuada;
- desenvolver ações de formação continuada em todo o movimento educacional, Secretaria de Educação e Fundos Públicos das Escolas de Ensino.

APRESENTAÇÃO

Às portas de uma década de um novo século, quando o Brasil apresenta índices crescentes de desemprego, de miséria, de violência, de doença, de analfabetismo é chegada a hora de recuperar o sonho e a esperança da sociedade colocada à margem dos bens socialmente produzidos e mais, recuperar o sonho e a esperança da escola pública tão desacreditada até mesmo pelos professores que vem aumentando o índice de evasão, deixando a profissão professor para fazer qualquer outra coisa que poderá lhe rende pelo menos o dobro do salário.

Mas é exatamente neste contexto de desesperança que é necessário resgatar o sonho, a esperança, a valorização e o prestígio de que tanto necessitamos.

É preciso que nos dispuséssemos a ir à luta buscando nossa valorização perante a sociedade. E uma das formas de busca é a apropriação dos conhecimentos necessários a uma Educação de qualidade.

Pensar em formação de professores nos remete a qualidade dessa formação para um novo tempo carregado de novas exigências sociais, culturais e econômicas, nos remete a que tipo de formação, estamos tratando: Inicial, em nível de segundo grau, normal superior ou em nível de terceiro grau ou de Formação Continuada, que se dá em sala de aula, no cotidiano da prática pedagógica ou ainda nos cursos de aperfeiçoamento.

Especificamente aqui trata-se, de um relato de experiência de formação continuada de professores das séries iniciais do Ensino fundamental que é o programa pró-letramento em alfabetização e linguagem, conforme traz abaixo a Revista Cultura & Educação, Ano III- nº. 004 – out./2007.

No dia 20 de outubro o curso será encerrado com o Seminário Final de Avaliação envolvendo todos os professores da Rede municipal, onde cada grupo de Cursista fará uma explanação do que foi o fascículo de estudo, envolvendo

apresentação, fundamentação teórica, descrição da experiência indicando os objetivos didáticos, avaliação e conclusão.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em nosso Curso do Programa pró-letramento foi proposto atuar no sentido de que os professores e professoras se transformem em pesquisadores e pesquisadoras num processo dialógico com as colegas e com a tutora sobre a teoria – prática, elaborada na sala de aula.

Neste dialogo que rompe com o saber constituído, os cursistas vêm revelando as capacidades indispensáveis para se tornarem pesquisadores , conforme Jerome Harste que defende a sala de aula como um espaço de produção de uma teoria-prática, elaborada a partir da investigação pela professora de como as crianças aprendem.

Muito nos tem ajudado, na busca por compreensão do conhecimento produzido pelos professores e pelas crianças, as contribuições de autores como: José de Souza Matins, Carlo Ginzburg, Bejamim e Paulo Freire, bem com as contribuições de Vygotsky Wallon.

Reconhecer a professora como capaz de teorizar sobre a sua prática é um principio epistemológico que alicerça nossa postura didática e que nos faz considerar a escola como o espaço permanente de construção, desconstrução e reconstrução de conhecimento.

ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO

*“Para ser grande,
Sê inteiro:
Nada teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és no mínimo que fazes
Assim em cada lago
A lua brilha,
Porque alta vive.”*

(Ricardo Reis)

Todos os fascículos trabalhados foram muito importantes, porém o fascículo 4 que a partir de relatos sobre a ação pedagógica, oportunizou a reflexão sobre questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem da língua escrita nas séries iniciais do ensino fundamental. Tais relatos foram produzidos por profissionais que atuam nesta modalidade de Ensino na Escola municipal professora Tânia Regina Paula.

Dentre os objetivos que embasaram o fazer pedagógico destacam-se alguns:

- Ter consciência de que a aprendizagem envolve um complexo processo de reorganização de conhecimentos e construções mentais para assimilar e interpretar os conteúdos escolares.
- Saber que a aprendizagem deverá ser significativa para o aluno – ele precisa saber por que e para que está aprendendo algo.
- Reconhecer as diferenças individuais e criar condições para que todos possam aprender de maneira equilibrada.
- Saber intervir positivamente, estimulando o aluno a reformular suas hipóteses para chegar ao resultado adequado.
- Conhecer cada aluno, sua história de vida e seus conhecimentos prévios.

O professor e a escola devem ter como objetivos desenvolver capacidades, superar limites, estabelecer relações de convívio social e produzir conhecimentos.

Dentro da concepção construtivista-interacionista, o processo de aprendizagem supõe que o aluno saiba não apenas o que lhe é formalmente ensinado. A visão que se tem do aprendiz é de um sujeito ativo diante de sua aprendizagem. Ele pensa o tempo todo, questiona, estabelece relações. Elabora as informações que o meio lhe oferece, transformando-as em conhecimento.

Cabe ao professor o papel fundamental no desenvolvimento desse aluno. Com consciência deverá desenvolver sua prática pedagógica tendo como referência teórica a idéia de que o conhecimento é construído pelo aluno em situações de interação, necessitando assim, dispor de estratégias que ajudem a compreender o que cada aluno já sabe e é capaz de desenvolver sozinho.

Para a alfabetização é de fundamental importância que o professor descubra o que cada aluno pensa sobre o funcionamento do sistema de escrita. Só terá bons resultados, o professor que estudar e pesquisar diretamente com a criança, discutindo e construindo o seu conhecimento sobre as hipóteses, as idéias construídas pelo aluno, pois a criança só aprenderá quando houver a intervenção de outras pessoas.

É muito importante o conhecimento básico da psicogênese da língua escrita, para descobrir o que os alunos sabem. Esse conhecimento propicia ao professor a montagem de instrumentos de diagnósticos.

É recomendável que o professor adote como rotina um caderno para anotações individuais de suas observações sobre os alunos ao longo de todo ano letivo. Nessas anotações deverão constar as idéias de como funciona o sistema de escrita, reprodução de alguns textos com suas respectivas leituras, com as datas da observação, para que se possa ter idéia e visão do processo de desenvolvimento da aprendizagem individual.

O professor tem papel determinante no processo de aprendizagem do aluno. Deve assumir uma postura ativa e atuar o tempo inteiro, seja nas propostas de atividade, seja na forma como encoraja cada um a se lançar na ousadia de aprender.

É oportuno e necessário derrubar alguns mitos quanto ao comportamento do professor diante do processo de aprendizagem do aluno numa proposta construtivista-interacionista, evitando assim, graves conseqüências. Cabe ao professor organizar situações de aprendizagem de forma a oferecer informação adequada. Sua função é observar a ação da criança, acolher ou problematizar suas produções, intervir sempre que achar necessário fazer a reflexão do aluno sobre o avanço da escrita.

PRÓ-LETRAMENTO
FASCÍCULO 5
DESCRIÇÃO DO PROJETO ALMANAQUE
PROFª LEIZE DE A. MACIEL

ETAPAS DO PROJETO	
1- proposta do projeto: delimitação dos produtos e da culminância (almanaque, organização do dia do lançamento do almanaque em mostra metadisciplinar)	- Leitura e apresentação de almanaques diversos levados pela professora; - delimitação das etapas gerais (definição do que irá compor o almanaque - os gêneros e o tema); - Escrita dessas etapas no quadro-negro para que todos copiem em seus cadernos.
2- Construção de um questionário para definição do que haverá no almanaque:	- Discussão sobre a estrutura do almanaque (quantos capítulos, quantos assuntos devem compor o material de forma que ele atenda aos seus objetivos enquanto almanaque? Qual a sua estrutura? Como confeccioná-lo?
3- Aplicação do questionário.	- Preenchimento individual do questionário; - Aplicação do questionário em outras turmas da escola.
4- tabulação de dados.	- Demonstração dos dados através de cartazes. - Redefinição das etapas (leitura, explanação dos gêneros que irão compor o almanaque)
5- Produção coletiva	- Produção coletiva de dois gêneros escolhidos. - Refacção, “ correção” no quadro de ajuda de todos. (esta etapa se repetirá até que todos “dominem” os textos (gêneros) escolhidos.
6- Leitura e exploração dos textos instrucionais a serem produzidos individualmente.	- Apresentação de diversos textos sobre os gêneros escolhidos para composição dos almanaques da turma; - Confeção de um cartaz com as “marcas” de cada gênero.
7- Elaboração dos textos;	- Produção em dupla de um gênero sorteado baseado no tema do projeto.

8- Revisão dos textos;	- cada dupla fará a correção dos “erros” cometidos por outra dupla, e passará o texto “ corrigido” num cartaz. Esta exporá para a classe suas conclusões. A seguir a professora fará interferências para a classe sobre os erros.
9- Elaboração do texto (Passando a limpo)	- Agora cada dupla passará seu texto para a folha do almanaque, podendo até ilustrá-la.
10- Elaboração da capa e dos outros componentes estruturais do almanaque.	- Cada grupo ficará incumbido de confeccionar, com material de apoio, uma parte que compõe a estrutura do almanaque(Capa, folha de rosto, sumário, bibliografia)
11- organização e reprodução do almanaque	- revisão de todos os textos produzidos e montagem de todo o material. - Decisão sobre como farão a reprodução e encaminhamento para esta ação.
12- Apresentação do Almanaque	- Mostra dos almanaques na Feira Metadisciplinar da escola com o tema: “Escola, Sociedade e Família – Uma aula de Cidadania” (O almanaque girou em torno deste tema).

AVALIAÇÃO

Foi possível constatar que o curso muito contribuiu para o desenvolvimento da prática cotidiana do professor e conseqüentemente para melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos.

Foi possível perceber logo do início a partir da reflexão sobre o que é Alfabetização, letramento e ensino da língua, bem como as principais capacidades a serem desenvolvidas pelos alunos nos anos iniciais da escolarização e ainda a avaliação com suas estratégias formáticas e diagnósticas onde os professores puderam concluir que a escola pode e deve optar por Alfabetizar letrando.

Mas o fascículo 2 foi o que melhor os professores cursistas se identificaram já que a mesma parte de situações de aprendizagem tendo como ponto de vista a organização do tempo escolar e do planejamento das atividades por parte do docente, através de relatos de experiências. E da relevância que precisa ser dada às práticas de leitura e escrita na rotina escolar dando ênfase a noção de letramento.

O fascículo 5 – jogos e brincadeiras no ensino da Língua Portuguesa foi bastante agradável observar os professores colocarem em prática habilidades relacionadas à Língua Portuguesa como na produção de um almanaque em que as atividades lúdicas de leitura e escrita, de canto e expressão oral e de compreensão do sistema de escrita alfabética foi experimentando, conforme modelo em anexo..

Creio que este material muito contribui como estratégia de formação continuada, visto que as questões cruciais para o ensino da língua Portuguesa foi trazida à tona neste curso.

CONCLUSÃO

Como formadora preciso ressaltar o quanto me foi agradável desenvolver este trabalho junto aos professores da Rede Municipal de Educação de Quissamã.

O contato com os que diariamente vivem as emoções, as incertezas, as dúvidas e os imprevistos que surgem na sala de aula muito me ajudaram a crescer como profissional da educação pois meu lema é compartilhar sonhos e utopias, pois escola que não sonha sonhos possíveis juntos, jamais contribuirá para que esses sonhos se tornem realidade.

Quero ressaltar ainda a satisfação de ter tido como formadora a professora Margareth Brainer que com seu jeito pernambucano e carismático soube ser a profissional que todos nós queríamos ter.

O LÚDICO NA APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA PELO EDUCANDO.

Professor formador: Maria do Carmo Lemgruber de Castro Bastos.

Coordenador Pedagógico: Rachel Pires Habib.

Teleposto do Colégio Estadual Francisco Varella – Carmo-RJ.

APRESENTAÇÃO, COM INDICAÇÃO DA RELEVÂNCIA DO TRABALHO

Quando comecei a ministrar as aulas do curso Pró-Letramento, Alfabetização e Linguagem, senti a enorme responsabilidade, mas também, a cada encontro, nascia uma nova alegria, juntamente com as descobertas das professoras através de relatos orais, fotos, avaliações. Nas visitas às escolas, fiquei emocionada, pois presenciei crianças com idade de seis a oito anos, que estimuladas pelas professoras, pegavam livros do “Cantinho de Leitura” e disputavam para ver quem lia mais e melhor! E não parou por aí, pois, voltando, outras surpresas aconteceram...

O livro estava entrando na vida dessas crianças.

CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO, DA TURMA DE FORMAÇÃO, NÚMERO DE PROFESSORES E ESCOLAS PARTICIPANTES.

O Município de Carmo, conhecido como Cidade Bela, situa-se na região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro. A economia baseia-se principalmente na agropecuária, com uma Cooperativa Agropecuária que faz o beneficiamento do leite, produz também queijos, logurte, manteiga, etc. Possui micro indústrias de metalurgia, confecções de roupas, mercados de alimentos, lojas de roupas e calçado.

Nossa cidade possui um dinâmico Centro Cultural Prof^o Jair Nunes Macuco, onde regularmente, no cine-teatro, há exibição de filmes para crianças e para o público adulto. Lá, também, ocorrem festivais de poesia e apresentações de grupos teatrais locais e de cidades vizinhas.

Na época da Semana Santa, acontecem no adro e na escadaria da igreja matriz de Nossa Senhora do Carmo (Tombada pelo I.P.H.A.N. em 1964, é um belo exemplar da arte neoclássica, com beiral em porcelana pintada à mão com motivos

portugueses) as encenações da Paixão e Morte de Jesus Cristo que atraem muitos fiéis. É um espetáculo de cultura e fé.

Contamos com cinco Escolas Municipais de 1ª a 4ª série e uma de quinta a oitava série; quatro Escolas Estaduais: um Ciep com turmas de 1ª série ao 3º ano do Ensino Médio; O CEPAD com turmas de 1ª série até o 3º ano do Ensino Médio com Curso Normal, além de possuir vários cursos na área técnica. Além dessas, há ainda a E. E. Independência (bairro da Influência) que possui turmas de 1ª a 8ª séries; a E.E. Luiza de Araújo Braz (localizada no 2º distrito de Carmo) com turmas de 1ª a 8ª série. Há, no bairro Valparaíso, a E.E. Pe. Aprígio com turmas de 1ª a 8ª séries. temos duas Escolas Particulares, sendo uma com turmas de 1ª a 4ª séries e a outra com turmas desde o maternal até o Ensino Médio.

Mas, segundo o I.B.G.E. Censo 2007, o Município possui 16.840 habitantes. O I.D.H de Carmo é considerado baixo, portanto baixa também é a taxa de escolarização.

Com que foi acima exposto, configura-se uma terra de contrastes que em nada difere do que se vê nas várias regiões brasileiras.

A turma do Pró-Letramento Alfabetização e Linguagem, está concluindo com 16 cursistas. Elas pertencem a quatro Unidades Escolares Estaduais: Ciep 280 – 10 cursistas; Escola Pe. Aprígio – 4 cursistas; Escola Independência – 1 cursista; CEPAD – 1 cursista. Após o encerramento do Curso e já com os conhecimentos consolidados pelas cursistas, esperamos mudanças positivas no quadro acima exposto.

A turma concluinte possui um perfil bastante positivo. Realizaram as tarefas propostas sempre demonstrando prazer. No início de cada encontro havia um momento de relatos sobre a aprendizagem dos alunos onde cada uma procurava ressaltar os avanços alcançados por seus alunos de maneira crítica. Houve uma integração entre as diversas U.E., pois os trabalhos, tanto no curso como os desenvolvidos nas salas de aula, foram feitos em grupos compostos de professores de diferentes escolas. Quando alguma professora relatava qualquer dificuldade encontrada no desempenho em sala de aula, logo alguém dava sugestões que eram acatadas e colocadas em prática. Creio que conseguimos construir um grupo coeso e participante.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

Brincar, jogar são importantes maneiras da criança transitar do imaginário para o real e vice-versa.

Jean Piaget, Lev Vygotsky, para citar apenas dois importantes teóricos, reconhecem a relação intrínseca entre jogo e desenvolvimento, muito embora com conceitos distintos.

É de fundamental importância que a escola explore a realização de jogos simbólicos em grupos ou individualmente, pois esses exercícios proporcionam o desenvolvimento cognitivo e o equilíbrio emocional das crianças.

No jogo de regras, a criança aprende a saber, delimitar o espaço que está jogando, o tempo da duração do jogo, o que é válido na atividade, o que pode ou não fazer. Com as regras cria-se a regularidade que organiza a ação.

Antes de acontecer o jogo de regras há o jogo simbólico que lentamente cede espaço, pois a criança passa do “exercício simples, às combinações sem finalidades e posteriormente com finalidades precisas. Com o tempo, esse exercício vai se tornando coletivo, tendendo a evoluir para o aparecimento de regras que vão fazer parte do contrato moral”.

Para Piaget “As regras são a prova concreta do desenvolvimento da criança”.

Para Vygotsky, é através do jogo que a criança aprende a agir, que sua curiosidade é estimulada e ela adquire iniciativa e autoconfiança. É através dos jogos que há o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração.

São as regras que fazem com que ao brincar a criança se comporte de forma mais avançada que a sua idade cronológica. Vygotsky analisou que pela criação da situação imaginária, como pela criação de regras específicas, o brincar favorece a criação de uma ZONA DE CONHECIMENTO PROXIMAL, daí a importância da escola, que deve promover situações lúdicas para atuar no processo de desenvolvimento das crianças.

O jogo, o brincar e a brincadeira devem ocupar um lugar de relevância no planejamento pedagógico, pois através deles, há a viabilização do processo de construção do conhecimento dos diversos conteúdos escolares.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA, COM INDICAÇÃO DOS OBJETIVOS DIDÁTICOS, ETAPAS DE EXECUÇÃO, ATIVIDADES REALIZADAS.

O Fascículo 5 que trata dos jogos na aprendizagem do S.E.A. e do domínio de algumas convenções gráficas, proporcionou trabalhar de maneira lúdica e atingir os objetivos propostos que são:

- Refletir sobre o uso de jogos e brincadeiras no processo de alfabetização;
- Refletir sobre a importância de aliar o ensino do sistema alfabético a práticas de leitura e produção de textos nos anos iniciais do ensino fundamental;
- Reconhecer os objetivos didáticos que orientam a elaboração de projetos didáticos nos anos iniciais do ensino fundamental;
- Analisar as alternativas didáticas elaboradas em projetos desenvolvidos por professoras e professores de escolas públicas;
- Planejar atividades voltadas para o domínio de sistema alfabético, leitura e produção de textos para os anos iniciais do ensino fundamental.

Após assistir ao DVD “Jogos e Brincadeiras” (MEC) discutimos sobre vários pontos abordados, entre eles as falas das tutoras do C.E.E.L. e as regras e objetivos de cada parte enfocadas no DVD pelas professoras em sala de aula com seus alunos.

Através de vários questionamentos, fizemos um levantamento prévio sobre o conhecimento do uso de jogos e brincadeiras em sala de aula. A leitura compartilhada e comentada da Unidade III do referido fascículo também possibilitou um domínio das diversas técnicas de jogos como: “A corrida das palavras” e “O jogo das vogais”, etc. Propusemos ainda, em sala de aula, várias atividades que envolviam o lúdico, como: paródia de músicas conhecidas e línguas inventadas, diálogo entre personagens de histórias infantis diferentes, como: “As madrastas da história de Branca de Neve e da Gata Borralheira”; “As bruxas das histórias da Bela Adormecida”, “Branca de Neve” e “João e Maria”.

Como tarefa de casa, propus atividades de reflexão 9, p. 34, do Fascículo 5, onde o professor cursista escolheu um jogo com objetivos diferentes.

A cursista Maria de Fátima Rodrigues Cunha, que leciona para 3ª série aplicou “Jogos e Brincadeiras do Mundo Inteiro: “Pipas”, e pude observar através de seu relato escrito que, apesar da turma agitada, ela conseguiu atingir a quase

totalidade de seus objetivos principais, pois apenas 8% no total de 24 alunos não alcançaram plenamente os objetivos propostos que em suma são: trabalhar em grupo de maneira ordeira; desenvolver o raciocínio lógico visando confeccionar as pipas; conhecimento de leitura do mundo (Pipa origem – China); conhecimento de novas palavras que podem ser empregadas no lugar da palavra pipa; técnica para empinar as pipas; amor à natureza, escrever pequenos textos a partir da palavra pipa.

De acordo com o relato da professora, a partir dessa experiência, ela irá aplicar diversos jogos, introduzindo esse recurso didático na sua rotina semanal.

O outro exemplo é da professora Lucimar, cujo relato, com mais detalhes, consta do tópico “*Análise da experiência de formação levando em consideração as etapas de planejamento, execução e avaliação*” que farei a seguir.

Enfim, creio que “Jogos e Brincadeiras” entrou definitivamente na rotina semanal para o Ensino da Língua Portuguesa pelas professoras do Pró-Letramento.

ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO AS ETAPAS DE PLANEJAMENTO, EXECUÇÃO E AVALIAÇÃO.

→ *Brincando, Pensando e Construindo.*

Durante as etapas do curso Pró-Letramento, fui conhecendo aos poucos a grande professora que Lucimar é. Tímida, quase nunca fala... mas absorve tudo e pensa além do que está sendo abordado durante as aulas. Já relatei e fotografei “a sala feita de sonhos e saber” no Ciep 280 – Profº Vasco F. S. Porto que é o cantinho de Lucimar e seus alunos. Essas fotos e relatos foram encaminhadas ao Curso Pró-Letramento ao longo desse ano.

Ao analisar as atividades feitas por ela a partir de vários jogos, percebo a preocupação com os diversos objetivos e a fundamentação teórica, mas o que mais me chamou a atenção foi a estratégia usada com muito cuidado na abordagem inicial, onde ela senta e conversa com os alunos; a importância que dá a cada um deles, usando como ilustração do jogo a foto dos alunos tirada na sala de aula. Quando chegamos à sua sala, logo visualizamos a “Galeria de Pessoas Importantes” com as 21 fotos de seus alunos. Esses gestos tornam a aprendizagem algo significativo, marcante.

Além desses cuidados essenciais, ela começa o jogo do Caracol do Alfabeto no pátio da escola onde brincam, pois o espaço é amplo, circundado por uma bela piscina e uma enorme biblioteca!

Outra preocupação que a professora teve foi a de explicar as regras aos poucos, conforme o andamento dos jogos, pois a ansiedade para jogar não os deixava prestar atenção às regras. Feito isso, os jogos fluíram normalmente, segundo ela.

A seqüência de jogos seguiu os princípios do S.E.A., Leal, Albuquerque e Rios (2005) dividem os jogos em três grupos:

- Aqueles que inserem atividades de análise fonológica sem fazer correspondência com a escrita. *Ex: Rimas, Aliteraões, Baralho Fonológico.*
- Os que levam a refletir sobre os princípios do sistema alfabético, ajudando os alunos a pensar sobre as correspondências grafofônicas. *Ex: reconhecimento de palavras, Bingo de Letras, Jogo das Duas palavras, Bingo de Letras Atrapalhadas, Bingo Forma-palavras.*
- Os que ajudam a sistematizar as correspondências grafofônicas e a desenvolver a fluência de leitura. *Ex: Trilha de Figuras, Caça Letra.*

Os jogos organizados pela professora contemplaram várias atividades reflexivas, como por exemplo, a análise fonológica, mas a ênfase foi dada no terceiro grupo de jogos que proporciona a sistematização das correspondências grafofônicas e a desenvolver a fluência da leitura.

Continuando a análise feita pelos autores acima citados: Por que muitos alunos chegam na hipótese alfabética e não conseguem ler nem produzir textos?

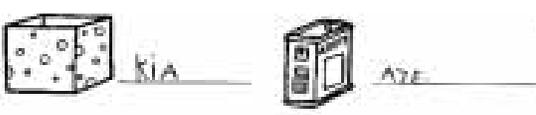
- Falta de familiaridade com os gêneros textuais que circulam socialmente;
- Falta de conhecimento prévios, referente aos temas tratados nos textos;
- Dificuldades relacionadas ao desenvolvimento de estratégias de leitura e de escrita;
- Falta de fluência de leitura ou agilidade de escrita.

Percebendo as dificuldades na maioria de seus alunos, Lucimar organizou uma série de jogos que possibilitou um desenvolvimento significativo com aplicação

de estratégias corretas e assim conseguiu atingir os objetivos nesse processo de aprendizagem.

Outra etapa importante também executada, foi a da avaliação que ela faz com os alunos ao final de cada jogo. Percebia nas respostas, um aprendizado significativo como “Descobri que estava escrevendo cavalo faltando o a” “Eu aprendi que carro tem dois **erres**”... e constatava que estava no caminho certo.

Por amostragem, Lucimar organizou atividades que demonstram o perfil de sua turma no mês de setembro/2007.

1º Bimestre	3º Bimestre
 <p>Nome: DANIEL R. Costa 6 anos</p>	 <p>Nome: PATRICK R. Costa 7 anos</p>
 <p>Nome: David 6 anos</p>	 <p>Nome: ADRIANO 7 anos</p>
 <p>Nome: LAIZA 5 anos</p>	 <p>Nome: Lucas 7 anos</p>
 <p>Nome: PABLO LUIZ 6 anos</p>	 <p>Nome: PATRICK R. Costa 6 anos</p>
 <p>Nome: DANIEL R. Costa 6 anos</p>	 <p>Nome: ADRIANO 7 anos</p>



Constatamos que houve uma grande evolução do primeiro para o terceiro bimestre, muito embora, alguns alunos, ainda precisam do acompanhamento e atenção por parte da professora

Brincando, pensando e construindo a turma do 1º Ano do 1º Ciclo do Ensino Fundamental, saltou de 10 alunos no nível silábico, no total de 21 alunos, para no final do terceiro bimestre ter 8 alunos no nível alfabético ortográfico e 4 alunos no nível alfabético. (Ver gráfico no final do tópico Avaliação)

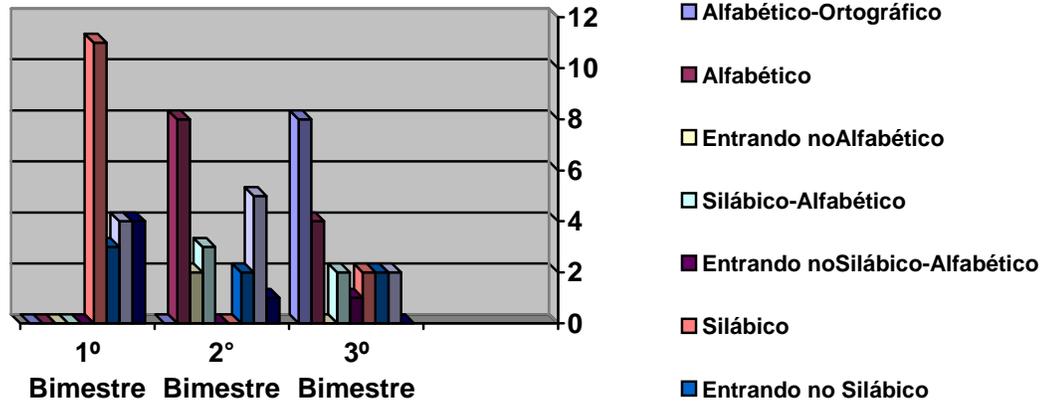
AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Avaliação s.f. - ato ou efeito de avaliar. Apreciação, análise. Valor determinado por quem avalia, etc. (Larrousse Cultural Dicionário da Língua Portuguesa p. 42 – Circulo do Livro – Ed. Nova Cultural – 1993).

Avaliar, fazer uma apreciação, uma análise do curso Pró-Letramento deveria ser uma tarefa que por ser ampla torna-se-ia árdua. Mas, durante as aulas do curso, com os estudos feitos pelas professoras, a cada fascículo, percebia o entusiasmo, a empolgação que tomava conta da sala com seus relatos sobre alunos até então rebeldes ou apáticos que tinham se transformado através das rodas de leitura, da leitura deleite, dos empréstimos de livros, dos jogos e brincadeiras, etc... em alunos se não brilhantes, mas participantes atuantes. Já mencionei em relatórios anteriores que até a hora do lanche ou almoço, o assunto sobre alunos no “Pró-Letramento” ganhava as rodas de conversa.

Quando chegamos ao Fascículo 5 que é objeto do relato de experiências percebi em algumas cursistas que chegavam a questionar a validade da brincadeira e do jogo na aprendizagem, mas foi uma grata surpresa quando, depois de lido e estudado todo o Fascículo 5, explicitado os objetivos e metas, elas através da prática em sala de aula, chegaram a conclusão que os jogos e brincadeiras facilitaram e muito a aprendizagem dos alunos.

Brincando, Pensando e Construindo, Lucimar conseguiu dar um salto de qualidade conforme já foi exposto e analisado em tópicos anteriores e, comprovado através do gráfico abaixo.



Citando (Kishimoto, 2003, p. 36, Apud Leal, Albuquerque e Leite) quando “os objetivos escolares orientam a oferta de situações de jogos para as crianças, assim, quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto, com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa”.

Constato, ao final dessa avaliação, que os principais objetivos propostos no tópico 4 – *Descrição da experiência...* - foram alcançados, pois conforme citação dos autores, a maioria das cursistas conseguiu fazer surgir uma dimensão educativa através de situações lúdicas.

CONCLUSÕES.

O curso Pró-Letramento Alfabetização e Linguagem, surgiu como mola propulsora no desgastado (e desacreditado) sistema de ensino público do Brasil. As estatísticas feitas pelo Governo e por Entidades Cíveis sérias, demonstram que, se nada for feito pela educação, num curtíssimo prazo, as conseqüências que já são graves, se tornarão catastróficas.

O curso procurou valorizar, não só os alunos envolvidos por um ensino de qualidade, mas principalmente priorizou os nossos colegas do Ensino Fundamental que carecem, devido principalmente aos baixíssimos salários e horas de trabalhos extenuantes, de meios para uma efetiva capacitação profissional. Experiências como essa, devem continuar multiplicando por esses “brasis afora”, mas aqueles que tiveram o privilégio de chegar ao “fim” do Pró-Letramento necessitam de um

acompanhamento, de incentivo para que como disse o poeta, “a vida nos dê flor e frutos” que possam ser repartidos com nossas crianças e jovens, senão a árvore morrerá.

Várias professoras afirmaram que no decorrer do ano letivo quando da visita dos pais à Escola, muitos deles contaram que “esse ano meu filho tomou gosto pelos livros”, “ele leva livro da biblioteca para casa, lê para nós ou pede que a gente lê para ele”... e esses gestos enchiam de alegria a professora, por ver seu trabalho valorizado!

Quem sabe nascerá daí um **PAÍS DE LEITORES!**
É SÓ QUERER!

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO EDUCACIONAL

LETRAMENTO EM PROL DA FORMAÇÃO

Tutora: Michelle Ferreira Alves

Armação dos Búzios

Outubro de 2007

APRESENTAÇÃO

Este relato tem por objetivo apresentar o trabalho realizado com os grupos do Pró-letramento de Linguagem, do Município de Armação dos Búzios.

Os encontros e as discussões deles decorrentes foram de grande valia para todas, inclusive para mim, tutora. Aprendemos muito, avaliamos, criticamos, reavaliamos nossa prática, colocamos nossas opiniões e ouvimos sobre a prática do outro. Temos consciência que conseguimos atingir os objetivos propostos pelo programa, como: desenvolver conhecimentos que possibilitem a compreensão da linguagem e seus processos de ensino e aprendizagem, construir situações que incentivam a reflexão e a construção do conhecimento como processo contínuo de formação docente e oferecer suporte para elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem de Língua Portuguesa.

Pró- Letramento no Município de Armação dos Búzios

Iniciamos o curso no mês de fevereiro, formamos 3 turmas para podermos atender a todas as pessoas interessadas. Algumas pessoas que iniciaram o curso desistiram, pois ingressaram na faculdade. Porém as cursistas que ficaram foram até o final. Posso então dizer que formamos do início ao fim um grupo de 37 pessoas, fazendo o pró-letramento de linguagem no Município de Armação dos Búzios.

O município, representado aqui, pela Secretaria de Educação sempre deu todo o apoio e incentivo necessário para a execução do projeto. Disponibilizou transporte para os encontros mensais no Rio, material para as cursistas e local adequado para os nossos encontros – CEPEDE (Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Educação). Toda a equipe sempre apoiou o projeto.

A proposta do Pró-letramento de levar o professor a refletir sobre sua prática, trazendo no próprio material exemplos de práticas de outros professores, foi muito bem aceito e elogiado pelo nosso grupo, pois juntos estivemos observando, avaliando e discutindo sempre sobre a nossa realidade, ajudando efetivamente o professor no seu trabalho diário e, ao mesmo tempo, nos fazendo perceber que as angústias e dificuldades também são encontradas por outros professores de locais distintos e distantes do nosso.

O que observamos é que a nossa prática tem caminhado no rumo certo; o que precisamos é refletir mais, trocar mais e tornar a prática da avaliação e da reavaliação constantes em nosso dia-a-dia.

O conhecimento teórico é de extrema importância e deve sempre estar embasando a nossa prática. O que muitas vezes nos falta é o registro daquilo que realizamos. Muitas idéias de atividades foram dadas nos fascículos e muitas idéias foram trazidas pelas cursistas, o que de certa forma ampliou o repertório de todas. A teoria foi bem discutida e tendo

visto que algumas cursistas já tinham um conhecimento sobre, conseguimos nos aprofundar e chegar num grau de compreensão satisfatório do estudo.

Em nossos encontros foi constante a prática da leitura deleite, em alguns momentos também encerramos os encontros com uma leitura final. Essa estratégia está sendo realizada também nas salas de aula de nossas cursistas. O incentivo a leitura foi uma questão sempre presente em nossas discussões e hoje percebemos que é uma prática presente nas salas de aula. Algumas atividades aqui sugeridas foram levadas para as escolas e outros profissionais que não estavam fazendo parte do nosso grupo, também estão fazendo uso delas.

Uma de nossas cursistas trabalha em uma escola particular e precisava ser liberada mais cedo, para assistir aos encontros. A escola permitiu, com a condição de que a mesma ficasse responsável por compartilhar tudo o que fosse discutido no Pró-letramento para a professora da classe de alfabetização. A escola hoje, segundo a professora, se mostra satisfeita pelo conhecimento adquirido de sua profissional e do resultado daquilo que foi repassado para a escola.

Juntas estivemos revendo os conceitos de alfabetização e letramento e aprendendo que são conceitos distintos porém indissociáveis, mas que é importante saber quando eles aparecem no processo para que na balança estejamos trabalhando os dois, sem beneficiar mais um do que o outro, pois ambos são importante para o desenvolvimento global do aluno.

O respeito pelas diferenças, a dedicação e o amor do profissional envolvido com a educação foram temas também que estiveram muito presentes nos nossos encontros.

Uma das falas que mais ficou marcada no início do curso foi: “estamos resgatando práticas há muito deixadas de lado e estamos repaginando-

as, ou seja, utilizando-as de outra forma, reconhecendo assim a importância dela”.

O professor é o mediador sim, mas ele está ali também para ensinar. É preciso que o professor ensine, e isso implica em formar e informar.

Magda Soares e seus estudos estiveram sempre permeando nossos temas, muitas cursistas conheceram sua fala e seus livros através do Pró-letramento.

Uma experiência que também foi muito rica em nossos grupos foi a construção do projeto. Cada grupo criou sua estratégia própria para essa execução. Muitas aprendizagens aconteceram nesses momentos. E mesmo diante das dificuldades alcançamos vitória e construímos nossos projetos.

Todos os conceitos aqui estudados foram de total importância para todas nós. Conseguimos avaliar de forma global o nosso trabalho em sala de aula, pois refletimos sobre várias questões, fazendo sempre uma relação com outros conceitos; por exemplo: ao falarmos sobre a avaliação e a importância do registro, discutimos sobre a atividade diagnóstica, sobre o olhar do professor para com o aluno, sobre a postura que esse professor deve ter, enfim, um tema sempre puxou um gancho para outras muitas questões de igual importância.

Muito aprendemos nesses momentos que o Pró-letramento nos proporcionou, fizemos novas amizades, aprendemos a respeitar a opinião do outro, rimos, falamos, elogiamos, crescemos, enfim, percebemos que podemos melhorar a cada dia como profissionais e como seres humanos. Tenho certeza que as lições aqui aprendidas ficarão guardadas na memória de cada cursista.

A dificuldade maior do nosso grupo foi a realização da leitura antecipada do material, pois muitas de nossas cursistas trabalham em dois turnos. Mas isso, não afetou a qualidade de nossos encontros, pois

criamos estratégias diferenciadas para os estudos e as cursistas sempre estiveram atuando de forma ativa em nossos encontros.

Eu me sinto muito satisfeita com o trabalho que aqui foi realizado, pois percebi o empenho e a força de vontade sempre presente em todas as cursistas. Os relatos em que colocam com têm feito em suas salas de aula nos enchem de alegria e nos faz perceber que muito foi aproveitado.

JOGANDO NA ALFABETIZAÇÃO

Tutoras:

Edila Rodrigues Arze

Edilar Maria Vieira Marques

Maria de Fátima Silva

Marlene Sousa Lopes

Apresentação

Refletindo sobre as atividades que servem para ensinar a ler e escrever, vale destacar a importância dos jogos durante o processo de alfabetização quando bem planejados.

Nosso ponto de partida foi vivenciar os jogos com os professores, da mesma maneira como deve ser com os alunos, dando ênfase para os momentos de intervenções. É importante mencionar a diversidade de textos que podemos levar para a sala de aula quando temos um jogo como proposta pedagógica.

Os professores também planejaram situações didáticas a partir dos jogos sugeridos e destacaram as habilidades lingüísticas que se desenvolverão com os mesmos.

Por fim, queremos destacar que durante as vivências e as reflexões com os professores ficou claro que o jogo não-planejado e sem orientação e sem intervenção é apenas um passatempo e não um recurso de aprendizagem.

Caracterização do Município e das Turmas

O município atende a cerca de 30.000 alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio, num total de 80 instituições de Ensino, sendo 57 destinadas ao 1º Segmento do Ensino Fundamental.

A adesão ao curso do Pró-Letramento foi maior por parte dos professores das séries iniciais, onde se encontra o “nó” da educação, não apenas em nosso município, mas sim em todo o sistema.

O curso foi organizado em 13 turmas, atendendo em 3 turnos, com 4 tutoras e 190 cursistas.

Fundamentação teórica

O jogo, quando bem orientado e planejado, pode ser um recurso pedagógico muito importante durante o processo de alfabetização. Esse recurso favorece a apropriação do sistema alfabético, auxilia no processo de interação social entre os envolvidos na atividade, como também pode favorecer a criação da zona de desenvolvimento proximal que se dá num processo interativo possibilitando a análise coletiva para solucionar um problema com a ajuda do outro; utilizando esse conceito, pode-se inferir para construir aprendizagens.

Para que o jogo tenha funcionalidade no processo de aprendizagem, é fundamental que este seja planejado, que o professor saiba intervir no momento certo com propostas desafiadoras para os alunos, e que todos possam participar do jogo do começo ao fim.

O jogo apenas, não garante a apropriação de conhecimentos sobre o sistema de escrita. É preciso que esses conhecimentos sejam sistematizados através de outras situações didáticas, de acordo com os objetivos que queremos alcançar.

Segundo KISHIMOTO (2003, pp. 37/38), a utilização do jogo potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros bem como a sistematização de conceitos em outras situações que não jogos.

Outro aspecto importante a considerar em relação aos jogos é que, por meio deles, os alunos aprendem a lidar com regras e também propiciam a relação afetiva entre seus pares e grupos, favorecendo avanços cognitivos.

Dentre os estudiosos que tratam do tema em destaque ressaltamos os estudos de Piaget e Vygotsky que contribuíram muito para o desenvolvimento de nossas estratégias de formação com o grupo de professores. Os dois reconhecem a íntima relação entre jogo e desenvolvimento. Destacamos ainda os estudos feitos

utilizando o material do Pró-letramento, principalmente a retomada constante dos quadros das capacidades lingüísticas.

Descrição da experiência

Iniciamos com a leitura deleite “Carta Enigmática”. Após a leitura registramos coletivamente as palavras da carta, todas terminadas em AR. Fizemos a leitura das palavras procurando refletir sobre a escrita das mesmas. Aproveitamos para realizar uma brincadeira que denominamos “falamos/escrevemos”; assim, com os professores sentados em roda, combinamos a seguinte estratégia: vou falar, você vai falar pronunciando e sonorizando bem a mesma palavra – como se escreve. Ex.: Vou *fala* / vou falar...

Em seguida entregamos aos professores um papel que deveria ser dobrado em seis partes iguais, em cada uma das partes, escreveria uma palavra dentre as seis escolhidas da lista. Perguntamos: o que iremos fazer? Deixamos que fizessem suas antecipações. Escrevemos a palavra BINGO no quadro e questionamos qual seria o nome do jogo que iríamos jogar, aproveitando este momento para fazermos a análise da palavra BINGO.

Indagamos ao grupo de professores como funciona esse jogo e como jogavam com suas turmas. Logo após as trocas de experiências, apresentamos um texto (instrucional) Como jogar Bingo... Realizamos as estratégias de leitura para explorar o texto. Prosseguimos fazendo uma análise sobre a importância daquele texto e porque o levamos para a sala de aula. Por fim fizemos uma leitura coletiva do texto para não esquecer as instruções.

Colocamos em discussão: será que só as instruções de como jogar nos bastam? Surgiram muitos questionamentos: as crianças mais espertas não gostam de jogar com os mais quietos, muitas outras gostam de escolher determinados pares com quem têm mais afinidade... O debate sobre essas questões foi importante, o que nos levou a construir juntos as regras para o jogo. A maneira de estruturar esse texto foi discutida com o grupo.

Iniciamos o jogo, à medida em que íamos tirando cada palavra da *caixinha* fazíamos intervenções junto aos professores, sendo essas coletivas e individuais.

Após a atividade, destacamos quais as capacidades lingüísticas foram desenvolvidas durante o jogo. Para esta atividade tomamos como referência os eixos da língua que eram sempre retomados nos nossos encontros.

E agora, o que fazer? É preciso sistematizar os conhecimentos sobre as palavras em foco. Juntos fomos construindo situações didáticas as quais serviriam para sistematizar os conhecimentos necessários para aquele momento.

Organizamos os professores em quatro grupos, para cada um deles entregamos um jogo: baralho fonológico, trilha, caça-letras e jogo da memória (figuras/palavras). Solicitamos aos professores que jogassem e planejassem esses jogos para realizá-los com as suas turmas, devendo também destacar os seus objetivos didáticos. A tarefa de como sistematizar esses jogos realizamos coletivamente, pois a troca de experiências seria maior.

Para finalizar propusemos aos professores que realizassem jogos com as suas turmas e escrevessem um registro reflexivo sobre essa atividade para serem retomados nos nossos encontros posteriores.

Os objetivos para o trabalho com os professores, foram:

- Saber da importância dos jogos no processo de alfabetização;
- Aprender a utilizar os jogos como recursos didáticos para apropriação do sistema de escrita;
- Favorecer momentos de interação de aprendizagens diferentes;
- Vivenciar os jogos propostos;
- Trocar saberes e experiências;
- Refletir sobre a importância do planejamento e orientação dos jogos junto aos alunos;
- Aprender a intervir junto aos alunos durante o jogo;
- Favorecer o acesso à diversidade textual comparando com aqueles já conhecidos pelos alunos;
- Planejar situações didáticas de sistematização de conhecimentos após o jogo com os alunos.

Avaliação

Foi garantido um espaço para muita troca e parceria. A atividade também possibilitou aos professores aprenderem que o jogo, quando bem planejado e orientado, pode contribuir para o desenvolvimento das capacidades lingüísticas.

Conclusão

Acreditamos que os jogos são recursos pedagógicos muito importantes durante o processo de alfabetização. Eles possibilitam aos alunos investigarem, formular hipóteses, obedecer a regras e construir outras, e assim vão desenvolvendo habilidades dentro dos eixos da Língua Portuguesa, principalmente na reflexão sobre o sistema de escrita alfabética e na oralidade.

Ressaltamos ainda a importância das intervenções do professor durante o jogo e sobre o cuidado de criar outras situações didáticas para sistematizar os conhecimentos em foco; o jogo sozinho não dá conta dessa sistematização.



Exposição de jogos de apropriação do sistema de escrita



Cursistas analisando as regras do jogo Baralho Forma-palavras



Jogando Trilha de Palavras



Vivenciando o Baralho Fonológico

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO.
COORDENAÇÃO DE FORMAÇÃO CONTINUADA.
COORDENADORIA REGIONAL DO MÉDIO PARAÍBA 1 – BARRA DO PIRAI**

IMPACTOS POSITIVOS DO PRÓ-LETRAMENTO NA PRÁTICA DOCENTE

TUTORA: SUZANA DUTRA ROCHA

2007

IMPACTOS POSITIVOS DO PRÓ-LETRAMENTO NA PRÁTICA DOCENTE

Tutora: Suzana Dutra Rocha

Turmas de Formação: 02 (Um grupo de professoras da rede estadual dos municípios de Rio das Flores e Valença e um grupo com professoras da rede estadual do município de Barra do Piraí).

Quantidade de Professores Atendidos: 40

Quantidade de Escolas Atendidas: 16

Quantidade de Encontros: 15 com cada grupo.

Carga Horária: 84 presenciais e 36 à distância, totalizando 120 horas.

1- Apresentação

Exerço minhas atividades profissionais no Teleposto do CIEP Brizolão 298 – Manuel Duarte, em Rio das Flores/RJ. O Teleposto é um centro de formação continuada dos profissionais da educação e afins, por excelência atuando com pesquisas, projetos, atualização em serviço presenciais, semi-presenciais e à distância.

Ligado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), através da Secretaria de Educação à Distância (SEED) e a nível estadual, à Coordenação de Tecnologia Educacional (CTED) da Secretaria de Estado de Educação do Estado do Rio de Janeiro, o Teleposto é também um espaço de utilização e de incentivo à inserção das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) na educação de forma crítica, criativa e cidadã. Recentemente o Teleposto foi transformado em Pólo de Tecnologia Educacional (PTE).

Atuando como Tutora do Pró-Letramento vivenciei muitas alegrias e surpresas. Foi interessante e gratificante perceber o envolvimento das professoras com o curso. Algumas chegavam mais cedo ao encontro, olhos brilhantes e confiança no trabalho que realizam. Relataram as atividades que fazem com os alunos e como estavam empolgadas e animadas com o que aprendiam e reaprendiam no curso. Diziam que as crianças sabiam que estavam participando de uma capacitação e gostavam de fazer as atividades de casa propostas nos encontros para que elas mostrassem no curso. Sendo assim, elas traziam para o encontro as atividades que faziam com os alunos em sala de aula, socializavam com

as colegas e me entregavam. Eram trabalhos muito bem elaborados, onde a criatividade, tanto da professora como do aluno estavam presentes.

Os momentos de socialização eram muito valorizados por todas. Ao avaliarem os encontros faziam questão de salientar este fato:

“As tarefas de casa são de grande valia para nossa prática pedagógica e também para nossos alunos, pois podemos fazê-las em nossas aulas engrandecendo nosso trabalho”. (Maria Francisca – Grupo Barra do Piraí).

“Estou adorando o curso, tenho utilizado todas as atividades em sala de aula e percebo que tem sido muito produtivo”. (Rosana Duarte – Grupo Barra do Piraí).

Decidi relatar como experiência de formação, os impactos positivos do programa Pró-Letramento na prática educativa das professoras a partir dos relatos e trabalhos que realizaram com seus alunos em sala de aula.

2 - Caracterização do município, das turmas de formação, número de professores e escolas participantes:

A capacitação que realizei foi para professores da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro. Trabalhei com 02 turmas. Um grupo de professoras que atuam em escolas estaduais nos municípios de Rio das Flores e de Valença e o outro grupo em escolas estaduais no município de Barra do Piraí. Realizei os encontros em Rio das Flores e em Barra do Piraí. Foram 40 professoras que concluíram o curso, atuando nas seguintes escolas:

Instituto de Educação Deputado Luiz Pinto

Escola Estadual Almirante Rodrigues Silva

Colégio Estadual Dr. Oswaldo Terra

CIEP 298 – Manuel Duarte

Colégio Estadual José Fonseca

Colégio Estadual Cel. Benjamim Guimarães

Escola Estadual Prof. ° Jehovah Santos

Escola Estadual Conde Modesto Leal

Colégio Estadual Adelino Terra

Escola Estadual Prof^a. Maria Aparecida Pegas Pereira

Escola Estadual Prof^a. Maria Nazareth S. Silva

Escola Estadual Hélio Cruz de Oliveira

CIEP Djalma Macedo

Colégio Estadual Joaquim de Macedo

Escola Estadual Dr. Álvaro Rocha

CIEP 287-Angelina T.Netto Sym

3 - Fundamentação teórica:

O professor no exercício da prática docente já é portador de uma teoria adquirida em seu curso de formação inicial. Essa teoria deverá ser atualizada e conseqüentemente, ampliada a cada dia e, em todos os momentos de sua prática cotidiana. É papel do professor fazer a ligação entre teoria (aprendida na escola) e em formação continuada e a prática (trabalhada em sua sala de aula), da melhor maneira possível. São evidentes os entraves e dificuldades que os sistemas de ensino têm para formar profissionais capazes de desenvolver práticas eficientes e competentes.

Atualmente, são muitos os autores que mostram a necessidade e a importância do professor estar sempre se atualizando na busca de uma educação de qualidade.

FREIRE (1996, p. 29) mostra, com bastante clareza, a necessidade do professor, estudar e atualizar-se. Afirma que o professor deve ser um grande conhecedor e um eterno pesquisador, com bastante sensibilidade para perceber o interesse de seus alunos, de sua classe. “*Pesquisa para conhecer o que ainda não conhece e comunicar ou anunciar a novidade*” (FREIRE, 1996) e propõe uma reflexão sobre como não há ensino sem aprendizagem, que o professor deve ser um eterno pesquisador, manter um espírito inquieto, buscar incertezas e questionar certezas.

O Pró-Letramento atuou no sentido de resgatar a auto-estima dos professores, despertando neles um pensar permanente, vontade de agir, mostrando-lhes que são partes do processo histórico da educação, que além de atores, também são autores dessa história que se constrói continuamente.

De acordo com Elias

“Para que se realize a formação profissional desejada, é indispensável consciência política, percepção de outras leituras do mundo e uso da

memória para construir o próprio discurso. Você deve ser agente de sua própria história, autor de sua própria prática” (ELIAS, 2004, p.16).

GARCIA (2001, p.85) reflete especialmente, sobre a necessidade do professor no exercício de sua prática docente, tornar-se um pesquisador de sua própria prática, aproveitar todos os estudos já realizados, desde sua formação, para tentar buscar respostas para as situações que poderão surgir no decorrer do seu cotidiano escolar.

O Pró-Letramento apontou a importância da atualização constante do professor, num processo de educação continuada, somente possível com um embasamento teórico, levando a uma postura crítico-reflexiva de sua atuação profissional.

Sabemos que não há uma receita que orienta de fato como modificar, sabemos também que com a cooperação de todos podemos idealizar e executar normas de ação na sala de aula que apresentam maior probabilidade de gerar soluções que funcionem, sejam duradouras e contribuam para o sucesso escolar.

O professor precisa revestir-se de uma postura colaborativa no sentido de trocar experiências com outros professores, possibilitando a construção de novos conhecimentos, mantendo uma atitude pedagógica, crítica e inovadora, de forma a redimensionar suas ações na sala de aula.

Os encontros do Pró-Letramento buscaram equilibrar teoria e prática, alternando momentos de debate, reflexão, atividades em grupos e plenárias possibilitando às professoras rever certezas e em diversos momentos superar dúvidas e incertezas.

4 - Descrição da experiência, com indicação dos objetivos didáticos, etapas de execução, atividades realizadas:

No decorrer dos encontros do Pró-Letramento, no estudo dos fascículos eram discutidas questões teóricas e propostas atividades práticas a serem desenvolvidas pelas professoras em sala de aula e relatadas nos próximos encontros. Esta organização permitiu a troca e a socialização de várias atividades.

Ao realizarem as atividades em sala de aula as professoras e os alunos demonstraram muita criatividade e organização, foram além do que era proposto e

apresentaram atividades maravilhosas. As tarefas trazidas para os encontros eram muito ricas e proporcionaram uma grande troca de experiências que favoreceram o enriquecimento da prática docente. Afinal todos nós temos muito que ensinar e o que aprender. Desta forma estaremos tecendo sólidos saberes, que propiciarão aos alunos um ensino de qualidade.

Os objetivos didáticos a serem desenvolvidos foram: analisar a experiência de capacitação de professores desenvolvida no âmbito do programa Pró-Letramento; investigar se o referencial teórico que norteia a prática dos professores capacitados pelo Pró-Letramento incorpora os fundamentos teóricos que embasam a proposta do mesmo, e, ainda, se houve modificação da prática docente a partir dessa capacitação e ouvir a fala de professores sobre as atividades desenvolvidas em sala de aula a partir da capacitação do programa Pró-Letramento.

As atividades realizadas pelas professoras e alunos em sala de aula foram várias tais como: inclusão da leitura deleite na rotina de aula; leitura, reescrita e ilustração de histórias; atividades diversas com o uso do dicionário; brincadeiras e execução de projetos didáticos; atividades diversificadas com listas; atividades com jogos; confecção de livros de histórias e atividades elaboradas a partir de propostas presentes no livro didático.

5 – Análise da experiência de formação levando em consideração as etapas de planejamento, execução e avaliação:

Muitas foram as angústias que vivi no período de novembro/2006 a fevereiro/2007. Período difícil. Tutora do Pró-letramento. Muita responsabilidade, medo e indagações. Será que as professoras gostarão do curso? Como agir como tutora? Darei conta? Como organizar os encontros?

Ao organizar os encontros decidi seguir as propostas sugeridas nos encontros de formação e fiz algumas adaptações. Fiquei um pouco ansiosa no dia do 1º encontro mas a receptividade das professoras foi tão boa que fiquei confiante.

No decorrer dos encontros percebi através das atitudes, da participação, dos relatos e da empolgação o quanto gostaram de participar do Pró-letramento. As professoras, algumas com 17, 20 anos de magistério, ainda trazem no olhar e em

suas falas o “brilho” da satisfação, da emoção e do prazer pelo trabalho que realizam.

As professoras sabem do importante papel que devem desempenhar com seus alunos para a formação de crianças leitoras, produtoras de textos, enfim pessoas com grau de letramento satisfatório às exigências da sociedade.

A cada encontro que realizei percebi maior envolvimento das cursistas e estabelecemos uma maior cumplicidade. Conseguimos estabelecer uma relação de respeito, amizade e confiança.

O Programa trouxe muitos benefícios para a minha formação e a dos professores.

O trabalho como tutora acrescentou muito à minha formação, pois acredito ter aprendido com a experiência, a leitura do material, os relatos das professoras sobre suas práticas, as trocas nos encontros de formação com as tutoras Eliana e Telma. O Pró-letramento foi especial e diferente do que faço normalmente. Percebi que ser tutora é uma tarefa de muita responsabilidade. Posso dizer que apesar de todo o trabalho com planejamentos, reuniões e relatórios gostei de ter participado do programa.

De forma unânime as professoras relatam que os encontros do Pró-Letramento têm contribuído muito para o crescimento profissional, pois possibilita discussões, reflexões e uma revisão da própria prática.

Nos encontros que promovi com as professoras percebi o envolvimento e o prazer que estavam sentindo em participar da capacitação. É muito importante para elas o fato de poderem expressar suas dúvidas, angústias, vitórias e também ouvir relatos das colegas. Ao final dos encontros, ao fazerem a avaliação expressam suas conquistas e vitórias. O relato da Prof^a. Cláudia ao final do 3^o encontro do fascículo 7 é muito emocionante:

“Aproveito a oportunidade para relatar que por causa das maravilhas do curso Pró-Letramento, das atividades propostas e dos fascículos lidos, consegui despertar nos meus alunos da 3^a série, o gosto pela leitura. Foi emocionante ver alunos totalmente avessos à leitura, freqüentando regularmente a biblioteca da escola. O meu entusiasmo pelas aulas, pelo curso e a leitura estão fazendo a diferença!”. (Cláudia – Rio das Flores)

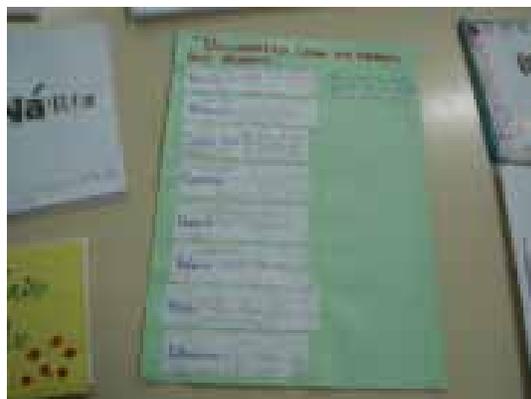
6 – Conclusão:

O Pró-letramento proporcionou alegrias e descobertas e isto é muito gratificante. É muito bom saber que estou fazendo parte deste trabalho de estudo, formação, reflexão e, principalmente, ação.

Concluindo apresento o “RAP do Pró-Letramento” que foi criado pelas professoras Patrícia, Rosana, Rita, Fabiana e Ana Olímpia do Grupo de Barra do Pirai.

RAP do Pró-Letramento

Pró-letramento aprendemos
e os nossos alunos merecemos.
Vamos dar-lhes atenção e boa educação
É tempo de escrita e de leitura
Pra um bom planejamento há sempre estrutura
Biblioteca ou sala de leitura não podemos
Deixar de lado
Senão vai tudo pro espaço!
Brincar é gostoso e brincando se
Aprende, isso ninguém pode negar
Cada um tem seu modo de falar
Não vamos banalizar, todos têm seu jeito
Fora preconceito!
Vamos escolher os livros didáticos
De forma mais cuidadosa
Não se esqueça dos Guias dos livros didáticos
Ele é uma matéria valiosa de usos práticos.



7 – Referências Bibliográficas:

ELIAS, Janete de O. **Prática de Ensino 1** v.1- Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Regina Leite. **A Formação da professora alfabetizadora: Reflexões sobre a prática.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Fascículos do Pró-Letramento.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE TUTOR NA FORMAÇÃO CONTINUADA
PROGRAMA PRÓ-LETRAMENTO - RIO 2007

LILIANE SOUZA DA SILVA TAVARES

- Apresentação

Na nossa formação, como tutores desse Programa, pudemos repensar o processo escolar que ocorre nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, refletimos sobre a alfabetização e a avaliação, a organização do tempo pedagógico e o planejamento de ensino, a organização e o uso da biblioteca escolar e das salas de leitura, as práticas lingüístico-pedagógicas, os jogos e as brincadeiras no ensino da língua portuguesa, modos de falar e modos de escrever e o livro didático em sala de aula sob novos parâmetros de eficácia, evidenciando progressos, avanços e o desenvolvimento de competências, habilidades, vivências e convivências.

Nesse trabalho, como os temas sugerem, não há novidade alguma, não se trata de apropriação de materiais novos, pois são as coisas com as quais já contamos. A idéia sim, essa muda, baseada na filosofia de Maurice Tardif sobre *Saber Docente* partimos do que já tínhamos e que é coisa por demais importante, como o livro didático, por exemplo, um senhor direito adquirido que muita das vezes não sabemos usá-lo, explorando todo o seu potencial ou a avaliação como instrumento de partida ou norteadora de nossos planejamentos, decisões e intervenções.

A professora Ludmila Thomé de Andrade da UFRJ, em seu discurso nos momentos inaugurais do Programa lá em Mendes RJ, no mês de novembro de 2006, falou-nos com muita propriedade sobre esse *Saber Docente*, muito me atraiu, porque eis a suma da formação continuada, edificar sobre pilares dantes erguidos, isto é, não derribar fazeres estabelecidos, a fim de parecer lançamento de um produto novo, mas aperfeiçoar uma obra já adiantada, que caminha em passos largos e que avança sobre alicerces sólidos que são as vivências e práticas experimentadas pelo professor no dia-a-dia.

Reaprendemos que o prazer e o hábito de leitura podem ser estimulados e devem estar sempre associados à leitura da vida. E que o exemplo prático é mais eficaz que qualquer teoria lida. Abrir um livro

para uma leitura deleite, dividir uma história, os sonhos, alegrias, boas gargalhadas, preocupações e aprendizados diversos em sala de aula constituem-se numa excelente ferramenta pedagógica.

- Caracterização do município, das turmas de formação, número de professores e escolas participantes.

Vassouras foi o município sede, pois é nele que atualmente se encontra instalada a Coordenadoria Regional Centro Sul II. Os municípios de Engenheiro Paulo de Frontin, Mendes, Miguel Pereira e Paty do Alferes distando-se cerca de 20 a 40 km, se destacaram com um número significativo de cursistas. Estamos finalizando o Programa com 22 professores.

CIEP 288 – Mendes (05 professores);

CIEP 278 - Paty do Alferes (04 professores);

CIEP 289 - Eng. Paulo de Frontin (03 professores);

Escola Estadual Jayme Siciliano – Mendes (03 professores);

CIEP 297 – Vassouras (02 professores);

Colégio Estadual Álvaro Alvim - Miguel Pereira (02 professores);

Escola Estadual Augusto Vaz – Vassouras (01 professora);

Escola Estadual Centenário – Vassouras (01 professora);

Colégio Sacra Família do Tinguá -Eng. Paulo de Frontin(01professora);



Fundamentação teórica

“ A idéia de reflexão - A necessidade de impulsionar a compreensão de que não é só aprender, mas fazer com que aquilo que se aprende na escola faça sentido.”

Jerome Bruner (1915 -) Fundador do Centro de Estudos Cognitivos de Harvard.

Penso que a pedra fundamental do Programa tenha sido essa máxima de Bruner. Durante a formação fomos percebendo a escola como uma agência de desenvolvimento da autonomia e como um espaço para conter as diferenças no jeito de ser; valorizando o jeito de viver e de pensar, de construir, de negociar, de institucionalizar e , finalmente, de ler a realidade (transformando-a e dominando-a), bem como a solução de problemas, a conceituação da realidade observada (por meio de sistemas de representação adequados), o raciocínio e o reconhecimento perceptíveis.

“Ser professor é desencadear o trabalho coletivo, recuperar as histórias, trabalhar com o conhecimento, ser mediador entre as pessoas e o conhecimento.”

Sonia Kramer (PUC-RIO)

Para Kramer como para Lydia Bechara – Coordenadora-geral da Formação de Professores do MEC, formação continuada significa capacitações que partam da experiência do educador, oferecendo uma teoria próxima de suas realidades e ainda que forneçam referências conceituais que sustentem a reflexão e a conseqüente criação e manutenção de uma nova prática.

- Descrição da experiência; objetivos didáticos, etapas de execução, atividades realizadas

Objetivos didáticos:

- ✓ Valorizar a experiência e a contribuição dos participantes;
- ✓ Explicitar o significado daquilo que se apresenta;

- ✓ Definir claramente objetivos e metas;
- ✓ Estabelecer recursos adequados e eficientes;
- ✓ Criar um sistema de feedback contínuo;
- ✓ Desenvolver uma reflexão crítica.

Tivemos 21 encontros de 4 horas de duração cada um deles, totalizando um carga de 84 horas presenciais, compreendidas entre os meses de fevereiro a outubro de 2007.

- Atividades realizadas e descrição da experiência

Os professores apreciaram a seleção dos temas dos fascículos, acharam bastante pertinentes e acreditaram num salto de qualidade na formação docente e por conseguinte, no processo escolar; compilaram seus resultados na pesquisa realizada com seus alunos em sala de aula - instrumento de avaliação diagnóstica sugerida no fascículo1 e apresentaram para o grande grupo.

Concluimos que há muito que fazer a fim de amenizarmos o problema do alto número de alunos ainda na fase silábico-alfabética, alguns na silábica e uns poucos na pré-silábica ao final do 1º ciclo. Interessante que a idéia de reprovação ainda era maciça, como solução das dificuldades no processo da alfabetização; porém o grupo chegou a conclusão que retê-los na mesma série, sob o mesmo trabalho e agora com faixa etária diferente dos demais, só tende a aumentar o insucesso.



A realização das atividades propostas no fascículo 2 apontam o déficit de atividades de leitura e a inadequação das atividades de escrita no que diz respeito a serem motivadoras e

próprias para cada uma das fases evolutivas da alfabetização.

O silêncio foi grande ao serem expostos a essa pergunta: *Das histórias que você já leu para os alunos e das quais as que eles mais gostaram?* Os professores não lêem para seus alunos, uma professora, apenas, relatou experiências com atividades de leitura. As atividades de escrita são pouco atrativas. O portfólio não é uma prática comum entre os professores que se atêm simplesmente ao relatório oficial dado pela Secretaria Estadual de Educação e o planejamento na maioria é o anual que não serve como instrumento de



avaliação, dessa forma os saberes diversos não são ponto de partida para o planejar diário.

O conhecimento desses fatos não serviu de desespero para o grupo, mas sim de uma luz no fim do túnel, pois entendemos que

estamos no caminho certo, descobrindo de onde, provavelmente, vem a promoção do insucesso escolar ou pelo menos a colaboração para isso e tomando ciência da necessidade de mudar práticas obsoletas, pouco ou nada eficientes. Hora de mudar!

O grupo concluiu que o tempo destinado às atividades de leitura e de escrita tem sido insuficiente e que é urgente o suprimento dessas atividades.

Os professores se deleitaram com o momento da leitura de abertura de cada encontro; refletimos sobre planejamento na perspectiva do pró-letramento e individualmente os professores apresentaram com muita propriedade as atividades interessantes descritas no nosso documento de Reorientação Curricular 2006 da Secretaria Estadual de Educação do RJ (pertinentes à proposta do

Programa) ao final de cada uma delas sinalizamos as competências estudadas nos quadros do fascículo 1.

Senti-me bastante segura, enquanto tutora, ao trabalhar as estratégias e capacidades de leitura, isso só foi possível pela contínua participação em cursos de atualização, isto é, a formação continuada e agora por último ao pró-letramento que além de um programa excelente em referência a seleção de conteúdos de estudo, conta também com o brilhantismo das professoras formadoras Telma Ferraz e Eliana Albuquerque da UFPE, dessa forma estamos realizando uma formação de qualidade.

Uma das atividades mais apreciada pelo grupo, tanto por experimentá-la com seus pequenos em sala de aula como por realizá-la com os colegas do programa (Pró-letramento) foi a criação de um dicionário da turma com características físicas e psicológicas dos colegas, se deu como um amigo oculto, foi muito legal. Mais uma vez, concluímos que a questão da educação emocional nas atividades pedagógicas podem ser um forte aliado para seu sucesso – O dicionário é a nossa cara, fala da gente, como as pessoas nos vêem ou como as vemos.



Algumas tarefas de casa foram pautadas sobre a coleção Pensamento Vivo de Rubem Alves, reproduzi o audiolivro em várias mídias e os professores puderam ouvi-lo em casa, trazendo os comentários para serem compartilhados em grande grupo. Todos puderam falar o que pensam e acabamos construindo idéias bastante interessantes sobre a educação à luz desse brilhante educador.

Os professores realizaram as atividades disparadoras com motivação, embora muitos tenham se mostrado meio tímidos e logo responsabilizaram a sua formação escolar e acadêmica que sempre

privilegiou a apropriação do código, mais exatamente o domínio das regras gramaticais em detrimento das atividades de oralidade e concluíram que essas atividades diversificadas e bem direcionadas são uma urgência nos nossos currículos.

Refletimos sobre os modos de falar, especialmente os modos de falar dos nossos alunos, em situações diversas e sobre a metodologia que podemos usar para produzir textos coletivos, para falar e apreciar seus próprios textos e ainda ler com eles e para eles textos variados. Aprendemos bastante, foi muito bom.



Sempre retomávamos os conceitos de letramento e alfabetização, após uma observação dirigida dos nossos livros didáticos adotados nesses últimos anos, relatamos umas

para as outras nossas reflexões sobre eles. Uma delas mais citadas foi a presença maciça de textos autênticos, integrais e a diversidade de gêneros textuais contextualizados e um fato negativo que observei foi a falta de segurança ao analisar atividades que contemplassem a aquisição do sistema de escrita à luz da proposta do pró-letramento.

Debatemos as mudanças que ocorreram no livro didático nas últimas décadas; discutimos a exposição dos professores no vídeo do programa e ouvimos de alguns o relato sobre o site do CEEL, nem



todos conseguiram ou puderam apreciá-lo, porque não conseguiram acessá-lo. Fizemos um estudo dirigido a partir da exposição dos slides de 08 ao 13 relativos a atividades de reflexão do livro

didático elaborados sob a orientação da prof^a Telma Ferraz Leal, onde

pudemos esclarecer dúvidas surgidas no encontro anterior, em especial sobre a aquisição do sistema de escrita alfabética.

Fizemos uma leitura compartilhada do fascículo 7 a fim de dirimir algumas dúvidas sobre língua, gênero textual e texto e ainda sobre a importância dos exercícios de oralidade nos livros didáticos, uma vez que *lemos mais do que escrevemos*. Entendemos que produzir um texto é uma atividade motivada, ou seja, *os usuários elaboram um texto para alcançar algum objetivo que têm em mente*. Por fim, realizamos oralmente as atividades de reflexão propostas na unidade.

- Avaliação dos resultados

Juntamos nossos saberes, refletimos sobre saberes de grandes filósofos, pensadores, pedagogos e outros mestres da educação, avaliamos nossas práticas, ponderamos os resultados alcançados e avançamos para o alvo ideal que é o de fazer uma escola de qualidade, inclusiva e de professores profissionalmente realizados.

Só lamento por alguns colegas não terem abraçado o Programa..

- Conclusões



A parceria MEC, UNDIME, UFPE, CEEL, Secretarias Municipais e Estaduais, Coordenadorias Regionais, Coordenadores do

Programa, Formadores, Tutores, professores e diretores deu certo. Estamos iniciando uma nova era na educação básica. Os resultados estão aparecendo e com certeza as grandes avaliações externas vão dizer o quanto foi importante esse investimento.



*“Separados somos ilhas,
Juntos, continentes.” Peixoto*

Professoras da UFPE -CEEL



Equipe da SEE/RJ e o subsecretário de Planejamento de Educação, Godofredo de Oliveira Neto.

VIVENDO O PRÓ-LETRAMENTO

Dulce da Silva Figueira

1. Apresentação

A Formação Continuada é uma necessidade Profissional e uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9394/96), que estabelece o aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com “licenciamento periódico remunerado para este fim”.

Neste sentido, o Pró-Letramento – que é um programa de Formação Continuada de Professores para a melhoria da qualidade de aprendizagem de leitura e escrita – ainda que tardiamente e em parte, vem contemplar os professores do 1º segmento do Ensino Fundamental (EF) e atender à legislação vigente, principalmente em relação à Rede Estadual.

O fracasso da Escola Pública tem sido contabilizado principalmente na conta do Professor das séries iniciais. No entanto, apesar das exigências da Lei e o Pró-Letramento ser realizado pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), em parceria com as Universidades que integram a Rede Nacional de Formação Continuada e com adesão dos Estados e Municípios, o número de professores contemplados com o acesso ao mesmo é muito aquém da necessidade. Isto porque Estados e Municípios ignoram a Lei e aderem ao programa “obrigando” os seus professores a se inscreverem, mas não lhes garantem o acesso e permanência, pois os professores não podem se ausentar das escolas (não lhes é concedido licenciamento periódico para estudo) e não recebem nenhuma bolsa para que possam freqüentar o curso fora do seu horário de trabalho. Até quando os professores continuarão a ser excluído das práticas de Letramento não sabemos.

A Formação Continuada é de tal relevância rumo a uma educação de qualidade que não pode ser reduzida a uma ação compensatória e o Pró-

Letramento vem exatamente condenando esta prática e apontando para o resgate e a valorização do professor, considerando-o sujeito da sua própria ação, valorizando suas experiências pessoais, suas incursões teóricas, seus saberes da prática “saber ser” e “saber fazer” e possibilitando-lhe que, no processo da formação continuada, atribua novos significados a sua prática e compreenda e enfrente as dificuldades com as quais convive no dia-a-dia.

O Pró-Letramento aponta, nos seus diferentes fascículos, a importância de um fazer pedagógico comprometido com o contexto social e uma dedicação permanente e contínua em relação ao educando, mas principalmente, com a sua própria formação enquanto profissional da educação.

2. Caracterização

A Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro solicitou às Coordenadorias Regionais a divulgação do Curso para as Unidades Escolares de sua abrangência e posteriormente providenciou o recebimento e o encaminhamento das fichas de inscrição dos professores interessados.

A Coordenadoria Regional Metropolitana VI abrange os Municípios de Itaguaí (12 Colégios), Seropédica (9 Colégios) e Paracambi (5 Colégios).

Itaguaí, hoje conhecida como a Cidade do Porto (maior porto do Atlântico Sul), foi cenário de “O Alienista” de Machado de Assis e uma região predominantemente agrícola, grande produtora de banana e quiabo, porém destaca-se hoje pela produção de cocos. Após a II Guerra Mundial, a cidade recebeu muitos imigrantes japoneses que contribuíram grandemente com o desenvolvimento do Município, principalmente no setor agrícola. Mas, a partir da década de 80, em virtude das diferentes e ilusórias expectativas políticas criadas (tais como: notícias oficiais de que a cidade seria Extensão da CSN, Zona Industrial, Pólo Petroquímico, a instalação de uma Usina Termoelétrica...), fez com que a mesma sofresse uma verdadeira invasão de pessoas em busca de trabalho e esperançosas de melhores condições de vida, oriundas de todas as partes do país. Esse fato fez com que o Município

– que não tinha e ainda não tem – nenhuma infra-estrutura para a nova realidade apresentada pelo aumento descontrolado e desorganizada da população em busca de emprego e com formação profissional pouca ou nenhuma na maioria das vezes – perdesse seu referencial agrícola. Por conseguinte, poderíamos dizer que Itaguaí é uma cidade difícil de ser definida e que, até hoje, ainda não possui uma identidade própria. É formada de diferentes culturas, considerando-se o grande número de pessoas que para cá migraram iludidas pelas possibilidades de emprego que não se concretizaram.

O Pró-Letramento foi realizado no Teleposto de Itaguaí e recebeu professoras do C.E. Clodomiro Vasconcelos (03), C.E. Eliana de Almeida Santos (04), C.E.C. Patronato São José (02), CIEP Irmã Dulce (01), CIEP Augustinho V. de Souza Paracambi (05).

O Curso teve início com vinte e quatro (24) inscritos, dos quais nove, por problemas de carga horária, não puderam permanecer. Chegaram ao final do curso apenas quinze (15) professoras.

As professoras são muito dedicadas, participativas, comprometidas com a qualidade da Educação. Algumas já possuem Curso Superior. No momento, frente à proposta do término do 1º segmento do EF nos Colégios Estaduais, as professoras vivem uma grande intranqüilidade e muita apreensão quanto ao seu futuro profissional.

3. Fundamentação Teórica

É notório que nossos profissionais de Educação do 1º segmento do EF são ainda profundamente funcionalistas, concebem o processo ensino/aprendizagem de forma burocrática, a Didática se restringe a normas, a relação professor/aluno é autoritária, o conteúdo é descontextualizado da realidade e a alfabetização é um processo mecânico. Isso levou a se acreditar por muito tempo que alfabetizar era apenas tornar o indivíduo capaz de ler e escrever, conforme definição contida no dicionário Aurélio. A alfabetização então seria a ação de alfabetizar, de tornar “alfabeto”. Só que não temos esta

expressão (positiva), pois só se tornou comum na sociedade a palavra negativa “analfabetismo”. E, neste sentido, surge a palavra letramento: pessoas eruditas, versada em letras (letras significando literatura, lingüística), ainda não estando dicionarizada a palavra “letramento”.

A palavra letramento apareceu pela primeira vez no livro “No Mundo da Escrita”: uma perspectiva psicolingüística, de Mary Kato (1986), mas foi realmente definida para o mundo da educação em 1988, quando se buscou distinguir letramento de alfabetização. (VERDIANI, 1988).

O termo letramento surgiu para dar conta de um fenômeno novo, um estado de quem sabe ler e escrever com significado e faz uso competente e freqüente da leitura e da escrita.

A definição das palavras se torna importante porque são culturalmente e socialmente construídas, carregadas de peso ideológico. A pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada. Ela passa a ter outra condição social e cultural. Sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais adquire uma nova forma. Acredita-se que tornar-se letrado, é tornar-se cognitivamente diferente.

Alguns estudos têm levantado a hipótese de que aprender a ler e a escrever e fazer uso da leitura e da escrita transforma o indivíduo.

Hoje entendemos claramente que não é suficiente que o indivíduo apenas decodifique. Faz-se necessário que o mesmo seja letrado para que possa exercer práticas sociais de leitura e escrita nesta sociedade. Artur Morais (2004) alerta que a apropriação do código não é simplesmente codificar e decodificar. O aluno precisa compreender como funciona o código, ou seja, o sistema de escrita alfabético. Para ele, *qualquer aluno-aprendiz de uma escrita alfabética, criança ou adulto, precisará dar conta de uma tarefa conceitual básica: **compreender como o sistema funciona**, isto é, aprender as convenções do código alfabético, decifrando o “segredo do código”.*

A Alfabetização, como propõe Freire e Macedo (1990), é a relação entre o educando e o mundo, medida pela prática transformadora deste

mundo e o Letramento, segundo Magda Soares (2000) “*é o estudo em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive*”. Assim, alfabetizar, na perspectiva do letramento, ou alfabetizar-letrando, é instrumentalizar os alunos com o código alfabético para que estejam aptos ao seu uso. Ensinar o código escrito na cultura centrada no letramento significa alfabetizar no “lugar certo”, ou seja, através das práticas sociais, culturais, de leitura, oralidade e escrita. O que mais propriamente se denomina letramento é a imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos de gêneros de material escrito (SOARES, 2003, p.13). Para Leda Verdiani Tfouni, enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupos de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade (TFOUNI, 2004, p. 20). Outros autores, como Emília Ferreiro, por exemplo, não usa os dois termos. Para ela, os conceitos de alfabetização e letramento significam a mesma coisa, ou seja, um conceito está inserido no outro.

Ou seja, Magda Soares, Artur Morais e muitos outros pesquisadores brasileiros defendem que a alfabetização é a inserção indissociável de dois grandes eixos: o sistema alfabético e a cultura letrada.

4. Metodologia

O trabalho de tutoria exigiu: dedicação exclusiva, muito estudo, acompanhamento contínuo, dinamização, reflexão e comprometimento.

O envolvimento constante com a leitura e produção de diferentes gêneros textuais, o estudo dos fascículos e a “Leitura Deleite” permitiram a compreensão e o alcance dos objetivos propostos.

Apesar dos Encontros de formação com as Professoras da Universidade terem sido momentos de integração, de troca de experiências, de novas aprendizagens e, sobretudo, de planejamento e considerando a excelência do material recebido, as modificações que ocorreram foi o toque

pessoal do tutor e o planejamento foi acontecendo passo a passo, garantindo a realização das atividades. Foram inúmeras as atividades realizadas com sucesso pelos professores, sendo uma delas a “Biblioteca Itinerante” um projeto já imaginado pelo grupo, mas que se materializou a partir dos Encontros. Este relato de experiência foi escolhido pelas professoras e será apresentado no Seminário Final.

O ponto alto dos encontros, sem sombra de dúvidas, foram os relatos, quando as professoras apresentavam os resultados das atividades desenvolvidas, com muito entusiasmo devido às novas conquistas, suas e de seus educandos (as).

Os principais focos do trabalho foram à produção textual e a leitura, visando à reflexão sobre: as características do texto oral espontâneo de alunos e dos textos escritos elaborado coletivamente em sala de aula com a mediação do professor; a integração dos saberes da oralidade na produção escrita dos alunos; as convenções da língua escrita; atividades de leitura e interpretação; todos estes objetivos trabalhados consideraram que as capacidades lingüísticas de ler e escrever, falar e ouvir com compreensão, não acontece espontaneamente, necessitam ensino sistemático. Uma das atividades desenvolvidas foi a que fez uso do livro de história “O Pote Mágico” – Rogério Borges – sem legenda, onde:

- ⇒ A turma foi dividida em pequenos grupos (PG);
- ⇒ Foi inicialmente omitido o título da história;
- ⇒ As páginas foram colocadas fora da seqüência original;
- ⇒ As páginas da história foram entregues aos diversos grupos
- ⇒ Coube aos grupos:
 - Ordenar a história;
 - Criar e recriar histórias;
 - Apresentação das histórias para o grande grupo (GG).
 - Comparar os títulos;

- Comparar a seqüência do autor e dos grupos.

As histórias recriadas foram bem criativas e a participação foi muito boa. Posteriormente as professoras realizaram a mesma atividade em suas escolas trazendo o retorno das realizações de seus educandos para socializar com a tutora e as colegas de curso.

5. Considerações Finais

Na atividade realizada no primeiro encontro, onde as cursistas realizaram perguntas sobre temas comuns relacionados ao nosso dia-a-dia (Oralidade, Rotina, Gêneros Textuais, Formação de Professores, Letramento...), obtivemos o seguinte percentual: 30% queriam saber o que significava “Letramento”?

O curso propiciou reflexões profundas no fazer pedagógico, não só das professoras, mas em minha própria prática, desenvolvendo conhecimentos e vivências que possibilitaram não só a compreensão da linguagem e dos processos de ensino aprendizagem.

Ao longo dos encontros as reflexões constantes sobre a prática do letramento, isto é o “Alfabetizar Letrando”, onde o professor, acredito, como sujeito central de sua prática educativa, tenha deixado a postura de um “consumidor passivo” de propostas já elaboradas e esteja a caminho de se formar um “interlocutor crítico”, profissional capaz de compreender, confrontar, analisar e propor, de posicionar-se enquanto profissional autônomo, sujeito do seu próprio saber e fazer.

Embora tendo sido por longos anos professora Alfabetizadora, professora de Didática no Curso Normal, Orientadora de Aprendizagem de Teleposto e esta ser minha segunda experiência como tutora, a experiência vivida hoje com o Pró-Letramento amadureceu a minha concepção de educação, possibilitando maior visibilidade quanto à necessária e fundamental importância de teoria e prática caminharem juntas, se buscamos realmente uma educação de qualidade para todos (as) os (as) filhos (as) desta nação.

Este Curso precisaria ser ampliado no sentido de atender aos professores do Curso Normal, que têm a responsabilidade de estar formando novos professores e assim, em cadeia, poder-se-ia estar contribuindo mais significativamente para uma educação de maior qualidade.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tutora: Elimara Moreira de Carvalho
Itatiaia – RJ

APRESENTAÇÃO

O presente relato de experiência tem por objetivo apresentar o trabalho feito no município de Itatiaia com as professoras do primeiro segmento do Ensino Fundamental com o módulo de Língua Portuguesa (fascículo 6).

Através do mesmo, será relatada a experiência adquirida nos encontros com as professoras, destacando a importância de tal atividade com o objetivo de trocar experiências e adquirir mais conhecimentos que possibilitem uma melhor prática docente.

É de grande relevância a apresentação de tal trabalho, pois, através do mesmo, é possível que se tenha uma visão geral de como foi realizado o projeto em Itatiaia, das dificuldades e avanços alcançados no decorrer do período de curso e das experiências adquiridas e compartilhadas pela tutora e pelas cursistas.

CARACTERIZAÇÃO

O município de Itatiaia, localizado na região das Agulhas Negras, sul do Estado do Rio de Janeiro, possui uma área de 225 km, 29.185 habitantes a 155 km do Rio de Janeiro e 255 km de São Paulo. É um município relativamente pequeno que conta com um colégio estadual (no qual funciona o Teleposto Ezequiel Freire) e 15 escolas municipais. As escolas municipais atendem a Educação Infantil e ao primeiro e segundo segmentos do Ensino Fundamental e o CIEP Brizolão 488 Ezequiel Freire atende ao segundo segmento do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.

Iniciamos o Pró Letramento Linguagem com 27 inscrições e terminamos com 10 cursistas pertencentes a quatro escolas da rede municipal e uma representante da Secretaria Municipal de Educação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

BORTONE, Márcia Elizabeth / Bortoni-Ricardo, Stela Maris. Modos de Falar / Modos de Escrever. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância. Universidade de Brasília. 2006. 41p. (Coleção: Pró-Letramento. Fascículo 6)

SCIESZKA, Jon. A Verdadeira História dos Três Porquinhos. São Paulo: Companhia das Letrinhas. 2005. 32p.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

1. Objetivos Didáticos:

- Debater a respeito dos modos de falar e escrever que vivenciamos em sala de aula e em nossa vida de um modo geral;
- Refletir a respeito das normas de adequação no uso da língua oral e integração dos saberes; sobre a diferenciação entre oralidade e fala na sala de aula, os diferentes usos da língua, a relação direta entre oralidade e fala, a importância das regras na oralidade e escrita.
- Discutir sobre gêneros orais e escritos.

2. Etapas de execução

- Leitura deleite: poesia de Patativa do Assaré “Aos poetas clássicos”;
- Debate: Há modos de falar “certo” ou “errado”? O que seria o “certo” e o “errado”? Há modos de escrever “certo” ou “errado”? O que seria o “certo” e o “errado”? A escrita é superior à fala?
- Apresentação do slide 4 referente às relações entre fala e escrita;
- Leitura do texto “Concepção de Linguagem e o Ensino da Língua Portuguesa” de Magda Soares;
- Debate a respeito dos falares do campo e da cidade e sobre as normas de adequação no uso da língua;
- Execução do DVD referente ao fascículo;
- Leitura do livro “A verdadeira história dos três porquinhos” de Jon Scieszka.

- Júri simulado: nesta atividade, as cursistas foram divididas em dois grupos. Um grupo faria a acusação e outro grupo faria a defesa do personagem principal da história. Em seguida, defesa e acusação se apresentam e recebem o veredicto.

3. Atividades realizadas:

- Leituras do fascículo, de textos e de livros;
- Execução de DVD referente ao fascículo 6;
- Júri simulado;
- Oficina de Contação de Histórias. (Esta atividade foi realizada antes de iniciarmos o fascículo devido ao fato do tema ser falado em todos os fascículos e de ser uma atividade que faz parte da rotina das professoras com seus alunos. Sendo assim, trouxemos uma profissional no assunto e realizamos dois encontros com todos os professores da Educação Infantil do município. Nesses dois encontros os professores participaram de dinâmicas e atividades que enriqueceram sua forma de contar histórias para seus alunos tornando essa atividade mais lúdica e prazerosa.)

Obs.: As atividades foram realizadas nos 3 encontros contando com mais dois dias referentes á oficina de “Contação de Histórias”.

ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO

No início do curso, as dificuldades foram muitas devido ao fato de nunca ter participado de uma experiência de tutoria. Ao longo de todo ano, tive que pesquisar e estudar muito antes de planejar as atividades. As professoras sempre pediam coisas a mais, além do que havia nos fascículos e isso me fez uma pesquisadora ferrenha para que pudesse oferecer uma diversidade maior de atividades para as cursistas. Por outro lado, apesar das dificuldades e do cansaço, tudo isso contribuiu muito para minha formação. A troca de experiências é sempre muito rica e pudemos ensinar e aprender umas com as outras.

Este fascículo, em particular, foi muito bom de ser trabalhado, pois envolve um questionamento constantemente feito pelos professores. É muito difícil trabalhar com isso em sala de aula. Segundo relatos dos mesmos, foi enriquecedor porque proporcionou a troca de experiência e possibilitou que eles verificassem se o que já faziam com seus alunos em sala de aula, estava no “caminho certo”. Para mim como tutora, foi muito prazeroso trabalhar com esse fascículo, já que o tema gera debates muito enriquecedores. A atividade feita com o livro “A verdadeira história dos três porquinhos”, em particular, foi uma das mais divertidas e prazerosas.

Há um destaque especial para as oficinas de “Contação de Histórias” que foram realizadas para as nossas cursistas. Foi uma atividade que gerou grande motivação e que fez muito sucesso. Todas as professoras saíram dessa experiência com as energias renovadas e mais motivadas para trabalhar com a contação de histórias com seus alunos.

Considero que o planejamento e execução dessas atividades foram menos cansativas e geraram a oportunidade de falarmos e trocarmos idéias sobre

as práticas dos professores, como trabalham com o tema, suas dúvidas etc. Isso é muito proveitoso e motivador tanto para quem já tem mais experiência como para quem está começando agora, como foi também para minha experiência como professora de Língua Portuguesa e como tutora do Pró Letramento.

AVALIAÇÃO E CONCLUSÕES

De uma maneira geral, considerei muito boa a experiência de participar como tutora do Pró Letramento. Tudo o que estudei e aprendi contribuem muito para minha prática docente e também como experiência de vida.

Creio que os resultados alcançados com as cursistas foram muito bons, levando em consideração a realidade de nosso município e de nossas professoras. Começamos com um número bem maior de professoras. Mas, infelizmente, muitas foram abandonando ao longo do caminho. Algumas levadas pelo cansaço, pois não foram liberadas para o curso em horário de serviço, outras por não terem como deixar a família à noite para vir ao curso, etc. Considero a todas que concluíram o curso como vencedoras, pois mesmo apesar de todas as dificuldades, elas chegaram ao fim felizes com a experiência pela qual passamos juntas. Sugiro que numa próxima etapa seja negociado com as prefeituras a liberação das professoras para participarem em horário de trabalho (mesmo que fosse a cada 15 dias) de forma que não percam essa maravilhosa oportunidade.

Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Estudos em Educação e Linguagem
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura e Escrita
PRÓ-LETRAMENTO RIO DE JANEIRO 2007
RELATOS DE EXPERIÊNCIA PRODUZIDOS PELOS PROFESSORES CURSISTAS A FORMAÇÃO.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

PRÓ-LETRAMENTO: UM NOVO OLHAR?

TUTORA: Giselle Marie de Carvalho Guimarães Costa
FORMADORA: Telma Ferraz e Eliana Albuquerque

**“Educar o homem não é encher um
pote...
é acender um fogo!”**
Aristóteles

1-APRESENTAÇÃO:

Há décadas, a alfabetização é vista como o nó da educação brasileira e responsabilizada pelo caos em muitas unidades escolares. Com tudo o que já foi feito vimos que não foi o suficiente ainda para mudarmos efetivamente as estatísticas, pois muita teoria e discussões não dão conta disto se não houver a mudança, a conscientização do professor alfabetizador (e os demais) para a mudança. É aí que se mostra a relevância do Programa Pró-Letramento, que foca a mudança por esta conscientização, levando o educador a ver a importância do seu papel na alfabetização de crianças, jovens e adultos, formando-os no exercício pleno das práticas sociais de leitura e escrita na sociedade em que vive. Para isso é preciso romper com paradigmas tradicionais e perceber que a forma como a alfabetização se dava não insere qualitativamente nosso educando na sociedade como um cidadão realmente participante e atuante na mesma.

O processo de aprendizagem focado no alfabetizar letrando é o que nossos alunos necessitam para que isso aconteça.

Nessa perspectiva, baseada nos relatos dos cursistas, posso afirmar que o Programa ao oferecer suporte à ação pedagógica destes professores, incentivar a reflexão e construção do conhecimento como processo contínuo de formação do docente (mostrando aí a importância da formação continuada, garantida pela Lei de Diretrizes e Bases, 9394/96, inclusive com licenciamento periódico e remunerado para este fim), desenvolveu conhecimentos que possibilitaram a compreensão da linguagem e seus processos de ensino e aprendizagem, assim como a percepção de que ainda há um longo caminho a percorrer nesta aprendizagem. Além disso, o fomento à importância da formação continuada de todo e qualquer docente corroborou para que se desencadeassem ações para o desenvolvimento, nas escolas envolvidas, de uma cultura de formação continuada.

É voz geral nesta turma que o Programa, além de proporcionar todo o aprendizado que tiveram, veio para aumentar a auto-estima de cada um deles, mostrando e valorizando o trabalho grandioso que já vinham fazendo e abrindo-lhes os olhos para um “novo olhar”. Que este “novo olhar” proporcionou-lhes

transformações no seu fazer pedagógico e de vida, trazendo uma imensa alegria e satisfação, não só a eles mas aos alunos também.

2- CARACTERIZAÇÃO DA TURMA:

A turma da minha tutoria foi formada por professores que atuam em escolas estaduais de Angra dos Reis e Paraty. Quando as inscrições foram abertas, quem estava a frente disto era a Coordenadoria regional da Região da Baía da Ilha Grande, que coordena a rede estadual dos municípios de Angra dos Reis, Paraty e Mangaratiba. Na época, foi acertado uma parceria entre a SEEDUC e a Prefeitura Municipal de Mangaratiba para que os professores estaduais de lá, interessados em participar do Programa, fizessem com os tutores municipais (já que o Município em questão fez convênio para ter o Programa lá) e não precisassem se deslocar 75Km até Angra dos Reis.

O público-alvo para formar o grupo daqui foram então os municípios de Paraty e Angra dos Reis. De início tivemos 55 inscrições mas, destas, 22 não tinham matrícula no Estado e, como não possuíam matrícula efetiva no Estado não puderam participar. Das 33 restantes, 3 desistiram, 2 não puderam continuar porque as escolas em que lecionavam no horário do curso (municipal e particular) não permitiram que se ausentassem nesses dias para participar do Programa. As 28 restantes permaneceram até o final.



Das escolas presentes tivemos o seguinte quadro:

- Colégio Estadual Dr. Artur Vargas - Angra dos Reis - 16 professoras
- Colégio Estadual Almirante Álvaro Alberto - Paraty - 09 professoras
- CIEP 302 Charles Dickens - Angra dos Reis - 03 professoras

Visto que, no Estado do Rio de Janeiro o ensino fundamental está sendo, gradativamente, passado à gerência dos municípios, muitas escolas já não têm mais o 1º segmento do mesmo. Isso dificultou muito o preenchimento das vagas e, aqui, houve ainda, segundo relatos de alguns professores que me procuraram depois, comunicação ineficiente sobre o curso, pois muitos não se inscreveram por não saber do Programa.

Devido a toda dificuldade de inscrição de professores estaduais da séries iniciais, com consentimento da Coordenação Estadual do Programa, deixamos que alguns professores do Curso de formação de Professores, 5ª série, coordenadores do 1º segmento, orientadora educacional e diretora-adjunta fizessem suas inscrições e tivessem sua participação garantida, depois de muita insistência das mesmas. É uma turma com experiências variadas, pois há atuação da CA a 5ª série assim como as citadas anteriormente; por isso, houve um crescimento muito maior e uma abrangência ainda maior de experiências sobre as aprendizagens, não só pelos alunos mas por professores pois, por exemplo, com base no que estava vendo e vivendo nos encontros, a diretora-adjunta, professora Ângela Regina da Silva Ferreira, passou a ter novos procedimentos e olhares para os trabalhos que fazia junto ao corpo docente e discente de sua unidade escolar; reformulou sua prática e partiu para novas ações, relatando um grande sucesso, ainda mais que contava com o apoio das colegas que também estavam participando do Programa.



3- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Na perspectiva do ensino da linguagem na alfabetização (e não só nela), com base no alfabetizar letrando, todo trabalho foi produzido dando enfoque nos usos dos diferentes gêneros textuais; da leitura diária e constante no conhecimento e reflexão sobre os eixos do ensino da língua portuguesa; na ludicidade que leva ao prazer da aprendizagem; o entendimento da psicogênese da escrita para que saibamos ver os avanços de nossos alunos; a importância do planejamento para um trabalho de sucesso; a produção de textos; a importância dos livros didáticos, dicionários etc, e muitos outros tópicos que não descrevi aqui. Entretanto, para que tudo isso fosse trabalhado, para que nossas reflexões, inferências e construções a cerca acontecessem com sucesso, precisamos nos fundamentar em vários autores que nortearam este trabalho.

Com Emília Ferreiro e Ana Teberosky, reforçamos o conhecimento acerca da psicogênese da escrita, para entender melhor os avanços e retrocessos da aprendizagem de nossos alunos. Vigotsky nos ajudou com seu conceito de zona de desenvolvimento proximal, que nos leva a pensar na importância do papel do professor como mediador da construção do conhecimento em relação as necessidades e capacidades das crianças, jovens e adultos. O conhecimento, segundo esse teórico, provém da prática social através da interação constante entre processos internos e a influência do mundo sócio-cultural (OLIVEIRA, 1997,pp 48-50). Com Baktin, observamos que a linguagem reflete a diversidade da experiência social e que a consciência dos sujeitos forma-se no universo dos discursos (SOUZA,1997,p 110). Magda Soares nos fez refletir que letramento depende essencialmente de como a leitura e a escrita são concebidas e praticadas em determinado contexto social; um conjunto de práticas de leitura e escrita que resultam de uma concepção de o quê, como, quando e por quê ler e escrever (SOARES,2001, p 75). Já Paulo Freire, inesquecível mestre, nos ensina que "a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é uma to fundamentalmente político" (FREIRE, 2002, p 8).

4- METODOLOGIA:



Durante todo o curso procurei trabalhar a parte emocional dos professores também, usando slides, dinâmicas, textos, músicas etc, que pudessem levá-los a refletir o quão especiais são nesta vida, assim como aqueles que convivem conosco. Mostrar que, assim como a sua formação continuada é imprescindível, o trabalho realizado com os educandos, para que estes se tornem verdadeiros cidadãos participantes e atuantes de nossa sociedade, requer muito comprometimento e grandeza para quem tem o olhar focado numa educação de qualidade.

Todo tempo procurei fazer um trabalho dinâmico, lúdico, prazeroso, motivador, pois se falamos da importância de tudo isso na prática do educador, não poderia fazer diferente em meu trabalho com eles.

Trabalhar com as "leituras deleite" e incentivá-los a inserir em sua prática esta rotina foi muito enriquecedor pois muitos que faziam leituras e deixaram de fazer, a partir do curso voltaram a fazer as leituras e perceber o quão rico e prazeroso é o momento para os alunos. Essa tomada de consciência, na fala de vários professores, foram momentos emocionantes!

Pelo relato dos professores, fica até difícil escolher uma determinada experiência para ser relatada, já que sempre o que se propunha a fazer era muito bem recebido por eles.

A experiência de confeccionar os jogos para trabalhar na alfabetização foi um dos momentos de grande empenho e participação. A atividade tinha não só a preocupação da confecção dos jogos mas ver para quem se destina, o que exploram, que princípios trabalham etc; mostrando também a importância do lúdico em qualquer série pois surgiram várias idéias de adaptações para outras séries.

O desenvolvimento da atividade se deu da seguinte forma: A turma foi dividida em grupos, onde cada grupo recebeu as instruções para confeccionar um jogo, com regras já estabelecidas. Discutiram sobre o jogo, como já citei acima, confeccionaram e usaram os demais colegas para demonstrar a forma de jogar, como se os mesmos fossem os alunos. relataram todas as considerações a que chegaram com relação aos jogos apresentados, mostrando inclusive as reformulações e adaptações que pensaram para novas formas de usar os jogos apresentados.

Depois das etapas citadas acima, fizeram a leitura dialogada da unidade 2, do fascículo 5, para uma compreensão ainda melhor do que foi feito e discutido. Ao final, a avaliação feita, deixa claro a percepção, o resgate da valorização do lúdico e o compromisso de inserir em suas práticas a ludicidade, através dos jogos, músicas, brincadeiras etc. Apenas para ressaltar a importância do que foi essa atividade, ao final do encontro, uma das professoras pediu para levar o jogo confeccionado por seu grupo, Corrida das Palavras, para usar com seus alunos da EJA naquela semana. Na semana seguinte ela relatou que a turma adorou a atividade e que a interação causada trouxe muita construção de conhecimentos, por meio da brincadeira, de uma forma muito prazerosa.



5- EXPERIÊNCIA DE FORMADORA:

Desde que fui convidada a ser tutora de Programa, fiquei muito entusiasmada e motivada pois é muito difícil aparecer uma possibilidade de formação como esta. A ansiedade sempre foi uma companheira constante, pois para trabalharmos com os nossos colegas professores, tão desgastados, humilhados, desesperançosos, desmotivados etc, a carga de responsabilidade é, no mínimo, triplicada.

Todo planejamento sempre foi pensado com muito cuidado, carinho e atenção para que os encontros acontecessem da melhor maneira possível e que todos ficassem com aquele "gosto de quero mais", esperando pelos próximos encontros. Graças a Deus, acho que consegui, pois as avaliações feitas ao final de cada encontro (arquivadas), mostra isso claramente.

Uma coisa que atrapalhou na turma e também nas nossas formações, foi o tempo (todas as minhas avaliações reclamei disso), as horas passam muito rápido para o tanto que temos para trabalhar. Nada que emperre o trabalho, só causa alguns transtornos pois, À vezes, algumas atividades tinham que ser "aceleradas".

As avaliações feitas no final de cada curso, devidamente arquivadas, mostram claramente a alegria, a motivação para fazer ou refazer as práticas pedagógicas de uma forma diferente. Que o Programa, ao proporcionar reflexões a todo momento, levou-os a ter um novo olhar sobre sua profissão, sobre a forma de trabalhar e ver seus educandos.

Todos estamos muito felizes e agradecidos por termos tido a possibilidade de fazer parte de um Programa tão rico e que trouxe muito aprendizado, aumentando nossa alegria e dando um novo horizonte na nossa vida de professor.

6- CONCLUSÃO:

Este Programa procurou mostrar aos professores o quão simples é alfabetizar letrando (coisa que para muitos ainda é um "bicho-de-sete-cabeças" o letramento), ou mais, educar nesta perspectiva, em qualquer série. Mas que, para isso acontecer com excelência, não basta ter uma prática comprometida, uma dedicação contínua a formação do educando, mas, principalmente, com a sua formação contínua enquanto profissional da educação, que acredita que a mudança de um país acontece com a melhoria da mesma.

Nossa formação é falha, sabemos que precisamos ainda mais de investimentos em políticas públicas visando a formação inicial e continuada do professor, principalmente o alfabetizador, para que, antes de letrar o educando, ele busque letrar-se.

O Programa Pró-Letramento é uma iniciativa maravilhosa nesse cenário mas que ainda precisamos muito mais ações significativas, investimentos na formação do

professor, pois senão, as estatísticas continuarão gritando e retratando o que encontramos em nossas escolas: nossos alunos que chegam à 4ª série (e até mais adiante) sem estarem alfabetizados e letrados, e professores descomprometidos por falta de formação, de conhecimentos e de valorização.

“Dê o melhor de você ao mundo, mesmo que para alguns ou muitos seja insuficiente...no final você verá e todos saberão que é só entre você e Deus...”

Madre Tereza de Calcutá

Formação:Plantar e Colher

Por Andréa Oliveira das Graças Lasneaux

Esta explanação de minha experiência como formadora começará com a citação do conceito de “formação” por mim encontrado no *Minidicionário Sacconi*:

“Formação- conjunto de ensinamentos e conhecimentos que forma um caráter, uma educação ou uma mentalidade.”

Ao ler esta explicação, percebi que minha responsabilidade à frente de um grupo de professores apresentava dois extremos: a responsabilidade de possuir muitas informações, explicações e conhecimentos suficientes para argumentar e compartilhar com pessoas que possuem personalidade própria, ora com grande prática docente, ora no início do processo; algumas bastante estimuladas e sedentas de saber, outras desestimuladas no que diz respeito ao processo ensino / aprendizagem e, até mesmo, desacreditadas de seu papel crucial dentro da Educação. No outro extremo, chamou minha atenção o que diz respeito à formação de *mentalidade*. Nesse momento notei que meu trabalho seria árduo e de enfrentamento de situações que ainda nem poderia imaginar. Para conseguir atingir este objetivo seria necessário derrubar antigos paradigmas, dogmas absolutos e inquestionáveis por quem neles acredita. Questioná-los, colocá-los nas pautas das discussões e / ou apontar alguns pontos negativos nos mesmos talvez fosse o suficiente para afastar muitos profissionais do Programa Pró–Letramento de Alfabetização e Linguagem e isso seria o caos. Uma insegurança profunda tomou conta de minha pessoa, pois há sete anos trabalho com pequenos grupos de docentes, fazendo leituras de diferentes referências bibliográficas e associando-as à prática da sala de aula, discutindo e compartilhando experiências, mas pela formação que obtive dos profissionais do LEDUC e do CEEL, ficou claro que eu também precisaria ampliar meu conceito de formação, buscando aliar minha experiência à prática dos professores e aos pressupostos teóricos dos fascículos, bem como às atividades neles sugeridas. Esse programa é mais completo, provoca discussões que incomodam e fazem refletir, não traz verdades incondicionais, mas também não nos permite permanecer com nossos “velhos” conceitos, prontos e acabados.

Finalmente, percebi que essas angústias não eram um privilégio meu, tutores de outros municípios também se encontravam na mesma situação e como sabíamos que nossos encontros seriam mensais poderíamos compartilhar nossas expectativas, experiências bem sucedidas ou não e aproveitar sugestões. Então, resolvi aguardar o início dos trabalhos com os docentes e, ao longo do processo, estudar bastante e aproveitar todo o material que por eles fosse oferecido.

Histórico do município de Rio das Flôres

Sou tutora do Município de Rio das Flôres, localizado ao Sul do Estado do Rio de Janeiro. Sua população é de, aproximadamente, 8.500 habitantes, com predominância de espaços rurais. A História do município advém do Ciclo do Café, pois aqui havia muitas fazendas cafeeiras, pertencentes a Barões e Viscondes vindos de diversas localidades do país. Com o declínio do café, a economia voltou-se para a agropecuária e o município começou a se formar no entorno das fazendas. Atualmente, a principal rede de empregos é a Prefeitura Municipal e há o investimento no turismo rural, pois o município ainda dispõe de muitas fazendas, hoje abertas a visitação. Sendo assim, investe-se também em cursos destinados a essa área.

A Rede Municipal de Ensino possui 10 Escolas e 04 Creches. Há também um CIEP e uma Escola Estadual de gestão compartilhada: Município e Estado. O índice de analfabetismo entre jovens e adultos é alto e, com a implantação do EJA, pretende-se reverter, ao longo dos anos, esse quadro. No primeiro segmento do Ensino Fundamental, mais especificamente nas primeiras e segundas séries, há um grande índice de reprovação e distorção idade / série. Esse último dado foi crucial para que a Secretaria de Educação aderisse ao “Pró – Letramento” já que o referido programa aborda questões fundamentais ao bom desempenho dos alunos das séries iniciais. A adesão ao programa foi de caráter obrigatório, pois os professores possuem, além de sua carga horária, mais 10 (dez) horas mensais para estudo denominadas “horas de atividades”.

Participam da formação professores de alfabetização à 4ª séries, orientadores educacionais e alguns diretores de escolas, distribuídos em 02 (duas) turmas de 15 cursistas cada. O quantitativo de docentes é pequeno, porque a Rede possui escolas com turmas agrupadas (duas turmas juntas) e classes multisseriadas

(três séries na mesma sala). O Município realizou dois concursos públicos e a maioria dos concursados pertence a um Município vizinho, o que acredito seja um ponto com o qual devo me preocupar, pois esses profissionais encontram em Rio das Flores metodologias diferentes das que conhecem e uma prática intensa de formação. Devido à jornada dupla de trabalho, há muitas críticas e questionamentos quanto às horas de atividades a serem cumpridas. Os demais profissionais são munícipes de Rio das Flores, em sua maioria contratados temporariamente. Em relação a esses professores, minha preocupação é quanto à permanência dos mesmos no ano seguinte, pois após uma formação tão intensa, a rescisão desses contratos seria um desperdício e uma incoerência que afetariam diretamente o processo educacional.

Detalhamento dos grupos

Conforme era de se esperar, os dois grupos são bastante heterogêneos. O primeiro possui professores mais questionadores, o outro, pessoas que primam mais pela troca de experiências. Ambos têm em comum a necessidade de realizar muitas atividades práticas. Para alguns, a teoria não se faz tão necessária, pois em sua maioria é dissociada da realidade vivenciada por eles no dia-a-dia. A maior parte dos cursistas declarou não possuir hábito regular de leitura e quando a fazem é por extrema necessidade, com o material da faculdade, ofícios circulares e livros didáticos. No mais, lêem por diversão: horóscopo, artigos sobre novelas, gibis, receitas culinárias, piadas, dentre outros. O registro escrito é utilizado apenas nos planos de aula, elaboração de avaliações e em algumas situações sociais, como: bilhetes, e-mail, lista de compras e nas aulas de graduação ou pós-graduação, para quem as frequenta.

Referencial teórico e início da formação

Inicialmente, para estruturar minha prática de formação do Programa Pró – Letramento busquei fundamentação teórica no “Manual do Tutor”, o qual acompanha os fascículos. Nesse, encontrei muitas sugestões sobre a postura de um formador, a maneira adequada de introduzir novas situações e colocá-las em discussão, o que deve-se evitar, como e quando fazer as devidas intervenções, sem

desrespeitar o ponto de vista do outro e suas vivências etc... pois, como disse sabiamente *Bernard Charlot* , “É preciso levar em consideração a singularidade do ser humano e, ao mesmo tempo, respeitar a diversidade e as semelhanças.”

Com o passar dos dias e o começo da formação com os grupos, percebi que isso não era suficiente, e nunca esperei que o fosse, assim busquei outros pressupostos teóricos direcionados aos temas que seriam abordados em cada fascículo. Muitas bibliografias me foram sugeridas por minha formadora, algumas pesquisei na internet e outras tantas no acervo da Secretaria Municipal de Educação e / ou na Biblioteca do meu Município. Nos encontros que fazíamos mensalmente com o grupo de formadores também havia sugestão de materiais dada pelos próprios participantes.

Para as questões relacionadas à alfabetização propriamente dita, reporte-me a estudiosos como *Emília Ferreira*, *Ana Teberosky* , *Miriam Lemle*, *Telma Weisz*. Elas escrevem sobre o processo de aquisição da escrita pela criança. Seus livros trazem explicações científicas e em alguns há sugestões de atividades. Não afirmo que tenham uma linguagem fácil de ser entendida, mas com boa vontade e repetição de algumas leituras, isso se torna viável. Um autor que desconhecia e a leitura de seus artigos me proporcionou o vislumbramento de novas idéias e possibilitou-me bastante esclarecimento foi *Artur Gomes de Moraes*.

Na abordagem do tema “*Letramento*”, busquei auxílio em livros e artigos da autora *Magda Soares*. Suas publicações são bastante claras e há uma preocupação em explicar tudo de forma detalhada e exemplificada.

Percebi que as questões referentes à linguagem têm bastante embasamento a partir da leitura de *Vygotsky*.

No ano de 2007, a Revista Nova Escola dedicou, em algumas edições, artigos relacionados à alfabetização, à leitura e à escrita. Esse material também foi bastante relevante, tanto para mim quanto para os cursistas, porque além do referencial teórico, destacava os relatos de experiências docentes bem sucedidas.

Como os fascículos do Pró - Letramento têm bastante sugestões bibliográficas fiz, na medida do possível, a leitura de alguns volumes.

Gostaria de registrar que, para as argumentações e os direcionamentos que necessitam ser realizados com os professores cursistas durante a formação, o embasamento teórico é imprescindível, porque “achismos”, frases feitas ou idéias infundadas não levam nenhuma profissional a se dar sequer o

trabalho de ouvir e refletir sobre sua própria prática. Para que haja o envolvimento de todos e as discussões sejam enriquecedoras faz-se necessário que haja sempre o acréscimo de um novo estudo, novas concepções, dados atualizados, comprovações científicas, relatos de experiências verídicas, conceitos de diversos autores sobre o mesmo tema etc, e isso é de responsabilidade do Formador. Claro que nosso trabalho não se resume a isso, mas esse conhecimento, em muitas situações, representa o grande diferencial.

Aliado a esse conhecimento precisam estar o bom senso, as devolutivas, o saber ouvir e aproveitar todas as falas, a capacidade de gerenciar vários pontos de vista ao mesmo tempo, de reparar algumas divergências e de, ao final de cada encontro, colocar tudo isso em sua fala e promover o entendimento do que foi discutido na pauta do dia. E nesse momento, não há livro que nos ensine, pelo menos eu desconheço, precisamos raciocinar rápido e buscar as soluções cabíveis para resolver a situação.

Planejar e replanejar

No início da formação eu desejava, e percebi que estava enganada, que os professores tivessem uma mudança de postura a partir das abordagens que eu fazia no curso. Foi ingenuidade minha julgar que poderia, através de uma boa oratória, “impor” isso a alguém. Quando dizemos que o planejamento é flexível, mutável, talvez não tenhamos a verdadeira dimensão desse ato: MUDAR. Isso ficou bem claro quando necessitei replanejar, não que fosse o meu desejo, era uma atitude imprescindível para que meu trabalho pudesse ter continuidade e bons resultados. Os grupos mostraram-me que os objetivos não seriam alcançados da forma como era conduzida, a execução ficaria truncada, mal acabada e as atividades seriam realizadas meramente para cumprir uma das exigências do curso vigente. Agora, após essa dura percepção, porque sempre queremos acertar e a constatação do “erro” provoca conflitos internos e insegurança, verifiquei que era hora de sentar e planejar partindo dos pressupostos teóricos e das reais necessidades que percebia através da fala e dos registros escritos que os participantes apresentavam.

Planejava com o grupo de tutores, após a leitura do fascículo a ser trabalhado, porém aprendi a nunca desprezar nesse planejamento as especificidades dos dois grupos que coordenava em meu município. Com isso,

verifiquei que os trabalhos fluíam melhor e os grupos tornaram-se mais participativos, pois seus interesses faziam parte da pauta.

Na execução do que havia sido planejado, sempre busquei cumprir os horários e a seqüência dos temas a serem abordados, porque essa atitude denota *respeito* para com os participantes, os quais abrem mão de momentos com suas famílias, de participação em eventos sociais, dentre outros, para estarem num momento de muita formação. Tudo isso necessita ser levado em consideração. Quando notava que não teria material suficiente para todos os profissionais, criava atividades em dupla ou trio, sem deixar transparecer o que acontecia, porque isso demonstrava *organização*. Para divisão dos grupos, criava, a cada encontro, formas diferentes de fazê-la, caso contrário os componentes seriam os mesmos e não haveria troca com professores cursistas de outras escolas. Quando percebia que os cursistas estavam cansados, propunha um a atividade que envolvesse música e movimento para descontrair um pouco e, em seguida, retornar a tarefa, a qual exigia concentração.

Nas atividades de leitura, sempre houve bastante reclamação de que esse momento era cansativo. Então, como fazíamos sempre atividades escritas, comecei a enfatizar que, como eles liam bastante no curso, já era visível que o vocabulário estava mais rico, havia mais argumentos nas opiniões emitidas, a própria coerência e a coesão estavam sendo melhor trabalhados por eles. Acredito que enfatizar a evolução do profissional seja um motivador para que ele continue e busque melhorar. Um outro ponto a ser trabalhado foi a questão de realizar as atividades propostas na formação com os alunos, em sala de aula. Muitos docentes viam essa tarefa como mais um trabalho a ser feito, justificavam que não havia tempo hábil pois os discentes já possuíam muitas atividades extra-classe e eles não podiam “perder tempo”. Para tentar sanar o problema, além de argumentar, sempre pedia a um professor que trouxesse atividades por ele realizadas, que relatasse as alterações necessárias, pontos positivos e negativos e que explicasse como as conciliou com as outras tarefas do cotidiano. A partir daí, os docentes mais resistentes começaram a analisar o trabalho feito pelo colega e levá-los para sua sala de aula.

Avaliação

Ao final de cada encontro, os cursistas realizavam uma avaliação escrita e esse material era por mim utilizado e levado em consideração ao planejar o próximo encontro. Quando havia alguma particularidade, conversava com o professor reservadamente e procurávamos buscar uma solução conjunta.

Conclusão

Em suma, minha experiência de formação não contempla um momento específico, mas um conjunto de atitudes e posturas que evoluíram ao longo do curso, tanto no que diz respeito ao tutor quanto aos cursistas. Tudo isso foi comprovado nas visitas que os coordenadores pedagógicos do município faziam às escolas e relatavam que os professores utilizavam muito do que era sugerido nos encontros do Pró – Letramento. Terminei essa etapa ciente de que nenhuma capacitação sozinha dá conta de solucionar todos os problemas vivenciados na sala de aula, mas com certeza ela reorienta o fazer docente e a visão desse profissional agora é de buscar aliar teoria e prática, percebendo que ambas são indissociáveis.

Concluo que o caminho é longo, as dificuldades são muitas, porém o passo inicial já foi dado e os resultados positivos começaram a surgir.

Finalmente, é hora de concluir, mas quando nos faltam as palavras, seja pela emoção ou por quaisquer motivos, resta-nos buscar, humildemente, auxílio naqueles que aliam o dom da palavra e a paixão pela Educação. Sendo assim, para definir um pouco do processo de formação por mim vivenciado, reporto-me a um grande e saudoso ícone da Educação no Brasil, Paulo Freire:

“ Estar no mundo sem fazer História, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar (...) sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, não é possível...”

OLHARES EM FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

Elizabeth Orofino Lucio

Transformar a experiência educativa em algo puramente técnico é amesquinhar o que há de mais fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.

FREIRE, Paulo; *Pedagogia da Autonomia*

O trabalho apresentado denomina-se *Olhares em Formação e Transformação* e trata-se de um relato de experiências como professora tutora do curso de formação continuada Pró-Letramento Linguagem, com o foco no trabalho pedagógico desenvolvido com os professores cursistas, tendo por tema Organização e Uso das Salas de Leitura e da Biblioteca Escolar.

A Formação do Pró-Letramento Alfabetização e Linguagem da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro ocorreu no espaço do Teleposto do C.E. Olavo Bilac, situado no sul do Estado do Rio de Janeiro, no município de Resende.

O município de Resende é atravessado pela rodovia Presidente Dutra e é o último município do estado do Rio de Janeiro a ser percorrido pela rodovia antes de São Paulo. Seus limites são: a norte, o município de Itatiaia e o estado de Minas Gerais; a leste os municípios de Quatis, Porto Real e Barra Mansa; a sul e a oeste, o estado de São Paulo.

Resende está subdividido nos distritos de Resende (sede), Agulhas Negras, Visconde de Mauá, Pedra Selada, Fumaça e Engenheiro Passos. É uma das cidades de maior crescimento no Estado do Rio de Janeiro. Nela encontra-se a Academia Militar das Agulhas Negras, um dos estabelecimentos de ensino militar que forma oficiais do Exército Brasileiro. Pela sua localização privilegiada e infra-estrutura, a cidade atrai investidores e empresas de diversas partes do Brasil e do mundo.

A economia de Resende é baseada na pecuária, agricultura, indústria e turismo. Estão instaladas em Resende diversas indústrias, das quais as principais são:

- Volkswagen, que é uma das maiores fábricas de caminhões do mundo;

- Indústrias Nucleares do Brasil (INB), responsáveis pelo enriquecimento de urânio para as usinas nucleares de Angra dos Reis;
- Peugeot Citroën, montadora automobilística;
- Clariant, antiga Indústria Química de Resende (IQR);
- Coca-Cola, que é uma das mais antigas fábricas da Coca-Cola no Brasil;
- Pernod Ricard, fábrica onde são produzidos destilados e vinhos;
- Grupo Votorantim, usina siderúrgica.

O pólo metal-mecânico de Resende será expandido com as instalações em breve de uma indústria da Toyota e da empresa nacional Amazon Veículos, uma mini-montadora automobilística

Resende, como qualquer município brasileiro, possui grandes contrastes sociais: uma tradição herdada do período cafeeiro no Vale do Paraíba em contraste com uma multiculturalidade acentuada pela implantação de fábricas multinacionais e pelo caráter rotativo de parte dos habitantes da cidade.

O espaço do Teleposto, ou seja, espaço da formação continuada, constitui-se fisicamente de duas salas: uma sala multimídia com espaço para quarenta pessoas e uma sala para trabalhos administrativos onde se encontram o acervo de mídias, uma pequena biblioteca pedagógica, aparelhos para gravação de DVDs, computador com impressora, telefone e fax.

Durante a capacitação, o espaço foi utilizado ativamente pelos professores como apoio pedagógico para confecção de cópias de mídias, empréstimo de livros teóricos e de literatura infantil. Os professores puderam contar ainda com o site do Teleposto (<http://telemidia.jbnet.eti.br>) para socialização de todo o material utilizado no curso.

O espaço do Teleposto organizou apenas uma turma de formação com vinte e dois professores, devido ao não cumprimento da lei que assegura ao docente que 25% de sua carga horária seja destinada à capacitação em serviço. A formação continuada é uma das dimensões importantes para a materialização de uma política ampla para o profissional da educação, articulada à formação inicial e a condições de trabalho, salário e carreira, e deve ser compreendida como continuidade da formação do professor, proporcionando novas reflexões sobre a ação profissional e novos meios para desenvolver e aprimorar o trabalho pedagógico.

No Brasil, certamente, há um longo percurso a ser percorrido no processo de formação continuada do professor como exercício de sua profissão, portanto é fundamental que as políticas públicas garantam diretrizes norteadoras de execução dos programas de formação.

As escolas da rede estadual de ensino, participantes da capacitação, foram: C.E.Olavo Bilac, C.E. Antonina Ramos Freire, E.E. Lídia Pires, E.E. Professor Oswaldo da Rocha Camões, C.E. Doutor João Maia, E.E. Governador Roberto da Silveira, CIEP 489 – Augusto de Carvalho e CIEP 347 – Doutor Jorge Miguel Jayme. Instituições em que o processo de municipalização do primeiro segmento do Ensino Fundamental começou a ser implantada.

A dimensão da realização de um curso de formação continuada para docentes certamente precisa ter como fundamento uma relação dialógica entre o professor tutor e os professores cursistas. Estabelecer esta relação é tornar-se formador, logo é estar consciente que seu trabalho não é de treinador, ou de transferidor de saberes, mais de mediador e orientador de conhecimentos a serem refletidos, analisados e relacionados, ou seja, a prática de orientador é de identificar as várias vozes docentes.

Segundo Baktin (1992), o processo dialógico desenvolvido na sala de aula promove a integração dos múltiplos aspectos que envolvem a cognição, colaborando para que o homem aprenda a ser homem e o conhecimento científico possa florescer. Partindo desse pressuposto, a interação das múltiplas vozes que compõem o processo cognitivo tem a possibilidade de se construir através da prática do ensinar, concretizada na perspectiva da dialogia, qual seja, a prática que valoriza o discurso, permeado pela linguagem, como constituinte do sentido, dimensionando a palavra como apoio para a construção do conhecimento e interações sociais. À medida que interagimos com o "outro", constituímos o modo próprio de ler a vida.

Especificamente no curso de formação Pró-Letramento, “ler a vida” era interagir sobre as práticas docentes, na busca da relação teoria e prática, procurando compartilhar, reconstruir e criar novas práticas, buscando autoria e autonomia pedagógica dos professores cursistas e da própria tutora.

No processo de formação, durante o ano letivo, uma das questões problematizadas pelos professores foi o espaço da biblioteca escolar e das salas de leitura nas instituições educacionais, ou seja, o espaço de letramento. Foi apontado que, embora as políticas públicas tenham progredido na distribuição de obras para as instituições escolares, certamente essa ação isolada não garante a dinamização da biblioteca ou das salas de leitura nas unidades escolares.

Como mediador neste processo de formação, catalisamos essa questão e, durante o trabalho com o fascículo três, intitulado *Organização e Uso da Biblioteca Escolar e das Salas de Leitura*, reformulou-se a questão com o tema *Reinventando a Biblioteca, uma proposta de valorização e dinamização da leitura como fonte de conhecimento, entretenimento e fruição estética*.

Os objetivos didáticos foram: desenvolver conhecimento sobre a história do livro no mundo e no Brasil, refletir sobre a leitura no espaço escolar de instituições públicas de ensino e estimular a produção de espaços de leitura numa perspectiva atuante na formação de leitores.

Metodologicamente a atividade foi desenvolvida em grandes e em pequenos grupos em três momentos:

1º) leitura e discussão do referencial teórico (fascículo três), formulando bases a partir do fragmento de três textos: *A importância do Ato de Ler* de Paulo Freire; *Diferentes Formas de ler*, de Márcia Abreu e *A Aventura do livro: do leitor ao navegador* de Roger Chartier. Esses textos foram utilizados para sensibilizar os docentes sobre as práticas de leitura que nos rodeiam, dentro e fora do espaço escolar e sobre o significado do ato de ler neste momento histórico;

2º) caracterização da mediadora como Dona Benta (personagem leitora de Monteiro Lobato) que estava posicionada ao redor de vários livros, formando uma roda de livros onde as cursistas analisaram cooperativamente vários livros (literários, dicionários, grossos, finos, científicos, apenas com gravuras etc.) e refletiram sobre a leitura no Brasil, as práticas escolares de leitura, e os testes do SAEB, finalizando o momento com a apresentação de

slides confeccionados pela mediadora, tratando da origem do livro, do advento da imprensa e da leitura hipertextual;

3º) levantamento de experiências de dinamização de espaços de leitura no cotidiano escolar, sua relação com atividades de leitura e com a produção de novos espaços e práticas de leitura, a partir do texto base *Reinventando a Biblioteca*, do jornalista Gilberto Dimenstein da Folha de São Paulo, com a reportagem sobre a “bibliojegue” da professora Alda Beraldo.

Os trabalhos foram realizados de forma satisfatória e demarcaram as complexidades do ensino de leitura, indicando que as reflexões de cunho teórico mais aprofundado são necessárias ao saber docente, apontando que o trabalho na formação de leitores competentes, explicitados nos PCNs(1º e 2º ciclo: 54), só pode constituir-se com uma prática cotidiana de leitura organizada em torno da diversidade de textos que circulam socialmente.

Certamente temos muito que caminhar sobre tutoria no Brasil, tanto na ética como na qualificação dos professores tutores. Entretanto, com a vivência adquirida nesse curso, observamos que o caminho será muito rápido e marcante na reformulação do profissional de educação e seu papel na sociedade do conhecimento. Portanto, tutoriar é mediar a construção do conhecimento de forma dialógica e ouvir as várias vozes das perguntas pedagógicas, encaminhando para a formação sólida, crítica e autônoma.

Programa Pró-letramento

Curso: Alfabetização e ensino da língua portuguesa

Município: Maricá – RJ

Escola sede: CIEP Brizolão 259 Professora Maria do Amparo Rangel de Souza –
Teleposto Maricá

Escolas participantes: CIEP Brizolão259; CIEP Brizolão 391; E.E. Euclides Paulo da Silva; E.E. Barra de Zacarias; E.E. Cônego Batalha; E.E. Pindobas e C.E. Ducler Laureano Matos do município de Saquarema – RJ.

Professores participantes: 27 professores inscritos

Tutora: Rosimere Magg de Carvalho Sebastião

Uma leitora colaborativa

Rosimere Magg

Diante da proposta apresentada pela Secretaria Estadual de Educação de nos tornarmos **Tutora** e nos inserirmos num processo de formação de professores através do programa Pró-letramento, coube-nos indagar: O que fará esse tutor? Qual será o seu papel? Acabamos encontrando as respostas no *Manual do Tutor* que nos foi entregue no primeiro encontro de planejamento: “... *especial importância tem o seu papel enquanto orientador de estudos, uma vez que, dentre todos, você é o que estará mais próximo dos professores, conduzindo “na ponta” todo processo de formação... sua ação será eminentemente uma ação de formação...*”. Ciente do desafio proposto, engajamo-nos no programa e definimos o nosso papel: ***uma leitora colaborativa***. Mas não apenas uma leitora de textos escritos, mas também uma leitora colaborativa diante da possibilidade de compartilharmos com os professores a nossa leitura de mundo e de atuarmos como ***mediadora*** no processo, como ***intérprete*** do curso junto aos professores, oferecendo experiências de melhoria de qualidade de vida, de participação, de tomada de decisões. Afinal, assim propunha o *Manual do Tutor*.

A partir das atividades realizadas nos encontros de planejamento, fomos construindo o nosso perfil enquanto **orientadora de estudos** e delineando o caminho que nosso grupo de professores deveria percorrer, a fim de tirar proveito do programa e evitar que o Pró-letramento se tornasse apenas mais uma capacitação. Buscamos, então, adotar, como prática, alguns conselhos presentes no *Manual do Tutor* : evitar que o processo de formação transformasse o professor num sujeito que apenas recebesse conhecimentos, não permitindo que construísse sua aprendizagem; não permitir que o professor viesse a se sentir inferiorizado em relação ao orientador de estudos e aos pesquisadores/autores do programa.

Como trilhar esse caminho? Investindo em práticas que propiciassem espaços para que o professor debatesse, comparasse essas novas idéias trazidas pelo programa com outras aprendizagens e experiências profissionais, com oportunidades para analisar, expor sua opinião, refletir sobre o “novo” face ao trabalho que vinha desenvolvendo. Fazendo desse espaço de formação uma oportunidade ímpar de dar ao professor uma formação que pudesse ser sinônimo de mudanças e avanços qualitativos. Viabilizando e valorizando a presença e a participação do professor, abrindo espaço para que trouxesse sua contribuição pessoal, seus saberes, não permitindo que se sentisse apenas “mais um” no grupo, mas alguém capaz de agregar seus valores, conhecimentos, dificuldades e necessidades. Capaz de recontar sua história de vida, partilhando novas aprendizagens profissionais com os demais colegas. E assim trilhamos o caminho, buscando referências nos encontros mensais de planejamento com as formadoras do programa e trabalhando com os professores de nosso grupo. Fazendo de cada encontro um momento de reflexão.

Mas afinal, deu resultado ser uma leitora colaborativa? A partir das experiências relatadas pelos professores, é possível afirmar que sim. Os relatos garantem a materialização do proposto no *Manual do Tutor* como possibilidade: a constituição de uma “rede”, onde juntos somamos,

partilhamos esforços na busca de uma interlocução efetiva. O relato da cursista Luiza Helena serve-nos como exemplo:

“ A partir do curso Pró-letramento, tenho obtido sucesso com uma turma de segunda série do Ensino Fundamental que ainda não havia conseguido atingir o processo de reconhecimento da leitura/escrita. Vale ressaltar que a turminha está fora da faixa etária para a série, pois são alunos repetentes de vários anos, pela falta de leitura e de interpretação. Todos os professores que passaram pela turma, sem exceção, falavam em uma só voz que a turma era “problemática” e que não aprenderia e que tudo que fosse ensinado seria em vão. Diziam ter desistido dos alunos, pois eram indisciplinados e desatentos. Foi aí que eu cheguei para fazer a diferença, aplicando tudo (tudo mesmo!) que tenho aprendido nesse tão excelente curso.

“É preciso fazer compreender a criança que a leitura é o mais movimentado, o mais variado, o mais engraçado dos mundos...”

(Alceu de Amoroso Lima)

Iniciei contando histórias, todo tipo de histórias, com o objetivo de ensiná-los a ouvir e a gostar de histórias. As histórias são pré-selecionadas e contadas diariamente na *Roda de Leitura*, com muita alegria, imitando as vozes, com voz imposta, etc. Depois conversamos ordenadamente (com várias interferências da turma e da professora) sobre a história ouvida relacionando com a nossa própria história de vida ou do dia-a-dia.

O resultado deste trabalho culminou na construção de inúmeras obras literárias cujos autores são os próprios alunos da sala. Os trabalhos construídos serão expostos para a comunidade escolar e local no final do ano letivo.

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...” (Fanny Abramovich)

Os alunos já estão lendo, estão participativos e receptivos a qualquer proposta apresentada; ouvem com atenção tudo o que falo ou leio; me ajudam a planejar a aula do dia; esforçam-se para interpretar cada texto apresentado, etc.

O projeto tem sido tão positivo, que envolveu também outros professores e as mães da maioria dos alunos da sala. As mães já não queriam ir mais à escola, pois só recebiam reclamações dos professores que acabavam baixando a esperança e a estima de cada mãe. Através dos resultados positivos e entusiasmados de seus filhos, as mães foram chegando novamente à escola, querendo conhecer melhor o trabalho. No início, ficavam em pé na porta da sala ouvindo as minhas histórias, depois passaram a levar merendinha pra mim e agora estão escrevendo bilhetinhos carinhosos.

Então fiz a primeira reunião de pais, pedindo ajuda e comprometimento com o trabalho que eu iria desenvolver com a turminha. Eles compreenderam e aceitaram imediatamente.

Quanto ao corpo docente da escola, que já estava completamente desestimulado, fui conquistando com bilhetes contendo belas poesias, lendo alguns belos textos que recebi no Pró-letramento, emprestando algumas obras literárias infantis para que eles lessem e mostrando todo um entusiasmo e esperança de dias melhores e transformadores na Educação.

Encerro aqui o meu relato, valendo-me das preciosas palavras de Rubem Alves:

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O Professor, assim, não morre jamais...”

Luiza Helena - Cursista”

Entretanto, o encerramento do programa com essa primeira turma não representa o fim do caminho ou o ponto de chegada, mas a largada

inicial na constituição de uma “rede” de leitores, afinal, o Pró-letramento é uma boa semente germinada em solo fértil.

Maricá, 09 de outubro de 2007.



UNIVERSIDADE
DO BRASIL
UFRJ



Leduc
Laboratório de Estudos de
Linguagem, Leitura, Escrita e
Educação



ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGEM

TUTORAS:

NILZA FERREIRA DE MACEDO

E

VÂNIA RODRIGUES DE OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO
2007



Leduc
Laboratório de Estudos de
Linguagem, Leitura, Escrita e
Educação



RELATÓRIO FINAL

TUTORAS:

NILZA FERREIRA DE MACEDO

E

VÂNIA RODRIGUES DE OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO
2007

IDENTIFICAÇÃO DA COORDENADORIA

A Coordenadoria Regional das Baixadas Litorâneas I – CR07 da qual fazemos parte fica localizada na Rua Professora Ismar Gomes, nº 13 – Centro – Cabo Frio – RJ - CEP 28907-100 sob a direção da coordenadora regional Márcia da Silva Quaresma, é composta de 28 escolas com o total de 1.300 professores, dessas escolas 12 trabalham com o 1º Segmento do Ensino Fundamental com 238 professores dando assistência aos alunos, nas quais também é ministrado o 2º Segmento do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Para a realização do curso de formação continuada dos professores das séries iniciais foi emprestada uma sala do CIEP Brizolão 150 Professora Amélia Ferreira dos Santos Gabina que fica localizada na Avenida Luis de Camões s/n – Célula Mater – Cabo Frio – RJ – CEP 28909-370 sob a direção da professora Izabel Cristina Almeida de Paulo, a escola é composta de 24 turmas entre 1º Segmento do Ensino Fundamental, 2º Segmento do Ensino Fundamental, Ensino Médio da EJA com 60 professores no seu total sendo 12 das séries iniciais.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos muitos foram os papéis atribuídos aos professores, dentre estas atribuições o de cuidar dos alunos e transformá-los para a vida, enfim, diversas concepções sobre a natureza do trabalho docente relacionando-se as diferentes teorias e práticas pedagógicas.

Quando falamos em prática pedagógica, nos imbuímos de adjetivos, planejamentos, criatividade, observações, avaliações e principalmente ler, ler e ler. Ler para letrar, ler para entender o mundo, então se chega à conclusão de que tudo isto resulta em letramento.

Todos os dias somos invadidos com muitas informações, sejam elas pelos jornais, rádios, revistas, livros de culinária, internet, frasco de remédio ou até mesmo uma foto estampada nas revistas.

Temos acesso a muitas informações, porém, só percebemos a riqueza destes gêneros textuais no nosso cotidiano quando nos permitimos encontrar com a leitura.

O compositor Caetano Veloso descreve no trecho de uma de suas canções, Alegria, Alegria: “O sol nas bancas de revistas / me encham de alegria e preguiça / quem lê tanta notícia? / Eu vou por entre fotos e nomes...” Nesta música de Caetano Veloso, existem muitas leituras implícitas e explícitas, muitos textos dos quais destacamos alguns gêneros como, notícias, poesias, fotos e até mesmo o suporte textual que é a revista.

Assim foi o trabalho de formação continuada do programa Pró - Letramento. Um programa desenvolvido dentro de uma realidade onde tutores e cursistas se tornaram leitores, despertando a prática da aventura do ato de ler desenvolvendo criatividade, aprimorando-se da escrita e aprimorando sugestões didáticas para fazer com que a escola exerça sua função social que é transmitir o conhecimento socialmente construído.

Ao longo do curso muitos foram os comentários das cursistas sobre o desenvolvimento de seus trabalhos, algumas chegando a dizer que estavam se “aproximando” mais da leitura, desenvolvendo nos alunos o gosto para entenderem um texto.

Com o desafio de transformarmos esse curso em sucesso, resolvemos pesquisar e pensar nas nossas cursistas. Quem eram? De onde vinham? Onde

trabalhavam? Qual sua formação? Quem sabe após descobrirmos a resposta destas perguntas, poderíamos fazer encontros significativos, motivadores, dinâmicos e até mesmo encantá-las de várias leituras e ajudá-las a despertar nos alunos o gosto pela mesma.

Não estamos dizendo que o tema sugestionasse isto não, mas naquele momento estávamos nos tornando agente de letramento para uma parcela de educadores que investindo na sua forma levariam para suas práticas as experiências trocadas com as tutoras e colegas cursistas.

No primeiro encontro o tema foi Alfabetização e Letramento, nesta unidade levamos para as cursistas não só a explicação do letramento escrito, mas o letramento que a comunidade oferecia, estamos nos referindo a cultura local como a música tocada e cantada pelo animador cultura Clarêncio de Jesus Rodrigues do CIEP Brizolão 150. Estávamos começando um grande desafio, o de explicar a diferença entre alfabetizar e letrar e ao mesmo tempo fazê-las entender que ambos os temas deveriam caminhar juntos. Iniciávamos um dos momentos mais marcantes das nossas experiências profissionais, o conhecimento através de diferentes textos e ainda mostrar diferentes objetivos de despertar nas cursistas a alegria de “caminhar contra o Vento” para levarmos os alunos a encontrarem “lenço e documento” para se inserirem na vida social.

Em cada encontro as cursistas se deleitavam através da leitura que proporcionávamos, nunca esquecendo dos objetivos a qual cada unidade dos fascículos exigia dependendo do contexto.

“Não se ensina a gostar de ler por decreto, ou por imposição, nem se forma letrados por meio de exercícios de leitura e gramática rigidamente controlados. Para formar indivíduos letrados, a escola tem que desenvolver um trabalho gradual e contínuo”. Marlene Carvalho (2005, p 67)

A leitura foi o nosso marco destes encontros isto fez uma diferença profunda na formação das cursistas, cada uma precisava saber que para enfrentar o desafio de fazer seus alunos leitores e letrados deveriam começar por hábitos que os levassem a descobrir tal exemplo, o de vê-los lendo todos os dias.

Os saberes são inúmeros e precisam ser adquiridos. O professor não só ensina o que sabe, mas também quem ele é. Através da leitura para o letramento o professor começa a entender que ler é uma competência desenvolvida dentro do seu trabalho em sala de aula.

Em cada unidade dos fascículos muitas leituras de diferentes gêneros foram trabalhadas sempre com exemplos de atividade, dinâmicas de grupos, discussões e trocas de experiências. Através dos gêneros textuais e a forma como foi desenvolvida conseguimos despertar sentimentos de alegria e prazer, integração e desejo de mudança.

Para mudar a estrutura da educação urge não só medidas políticas no processo de decisão de leis, mas também comprometimento.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O processo formal de Alfabetização ocorre com a aprendizagem da escrita e da leitura em várias etapas de desenvolvimento. A formação do professor ocorre também por etapas, isto acontece na formação inicial da profissão e continua ao longo da carreira, desde modo entendemos que o profissional que se preocupa com o crescimento deve estar sempre buscando.

Em todos os fascículos do Pró-Letramento percebemos a preocupação dos autores em despertar no profissional educador a consciência deste comportamento, o de estar se atualizando para melhor se orientar e facilitar o seu trabalho.

Entendemos que o letramento acontece também em várias etapas quando se trata de um processo na vida educacional, para melhor evolução do trabalho do professor que enquanto agente de transformação social sua postura deve ser de sempre buscar e aperfeiçoar.

OS FASCÍCULOS

A cada leitura que fazíamos dos fascículos uma sensação muito importante nos invadia, eles falavam sobre a prática e traziam exemplos de trabalhos desenvolvidos por cursistas que tanto nos despertavam para criar

outros, percebemos então que não era mais um módulo destes criados apenas para lermos como acontece com trabalho profissional teórico, porém cada módulo valorizava o profissional colocando seus comentários e seus feitos.

Com base nas experiências ocorridas nos módulos, a cada encontro com nossas cursistas aconteciam muitas trocas de experiências sempre as levando a olharem para seu trabalho em sala de aula. Entendíamos então que seria necessário elaborar junto com elas atividades e estratégias para despertar em seus alunos e até mesmo nelas a importância do hábito da leitura. Percebemos que não poderíamos dividir os módulos, pois um complementava o outro então resolvemos elaborar em conjunto estratégias que envolvesse todos os módulos.

ÁRVORE TEXTUAL

Várias foram às sugestões de leitura que aconteceram nos nossos encontros: a maleta de leite, os livros de projetos, a criação de um livro didático, o baú de memórias, porém o que mais nos chamou a atenção e também das cursistas foi a árvore textual.

No princípio do curso levamos para a sala um galho seco e colocamos vários livros nesse galho transformando-o numa árvore, nosso objetivo naquele momento era despertá-las para a leitura, motivá-las, aguçar a criatividade e mudar a maneira como os livros estão sempre dispostos em sala de aula.

No segundo encontro uma cursista nos relatou que gostou muito da idéia e faria com seus alunos. Deixamos então cada cursista expor suas idéias e dizer como deveriam usar a árvore para motivar seus alunos, assim aconteceu.

A Juracy colocaria histórias que os alunos trariam de casa contadas pelos avós, pais e outros. A Gracillete colocaria textos trabalhados com os alunos, escolheria um para pendurar, assim várias sugestões foram surgindo.

Passamos então para a etapa de escolher um nome para a árvore baseado no contexto e objetivos traçados entre as cursistas. O nome foi ÁRVORE TEXTUAL, pois vários textos fariam parte dela.

A idéia foi excelente, nos nossos encontros passamos a colocar flores, frutas e colocamos uma legenda; nos frutos colocaríamos textos dos

grupos, nas flores a leitura deleite, nas folhas os nomes das cursistas, pendurados estariam livros que elas levariam para casa fazendo sua leitura deleite e músicas para trabalhar com os alunos, além de textos diversos. Foi uma experiência marcante, a cada encontro a árvore se tornava árvore de um “deleite textual”.

Observamos então que a partir dali poderíamos aguçar o interesse pela leitura, a criatividade, participação de todos e também a motivação para um melhor desenvolvimento em sala de aula.

AVALIANDO OS RESULTADOS

A escola é uma das instâncias que mais necessita do trabalho humano e de equipes para ajudar a vencer as dificuldades e desafios que a demanda exige.

Este programa do Pró-Letramento colocou seus objetivos focados no crescimento pessoal, das equipes, das instituições, quando oferece uma formação continuada aos docentes.

Percebemos que através das experiências acrescentadas no curso ao longo destes encontros e as relações traçadas entre cursistas e tutoras os conceitos de educação foram revistos, que as trocas aconteceram para crescimento do grupo e juntos aprendemos que educar é dar sentido às práticas do cotidiano.

Ainda não havia acontecido um programa com este objetivo, o de atingir professores dos anos iniciais, valorizando o cotidiano dos educandos. Este programa veio despertar uma classe que pouco era lembrada, os educadores dos anos iniciais.

Todos que perseveravam até o fim perceberam a importância de uma formação continuada no seu desenvolvimento educacional para trabalhar de maneira coerente e eficiente, alfabetizando e letrando, almejando uma continuação de qualidade para a vida de seus alunos.

Quanto a nós tutores (Nilza e Vânia) cada encontro era um reencontro com experiências e trocas marcantes. Estas experiências já fazem parte da

história de nossa formação, pois não só trabalhamos para levarmos uma formação a nossas cursistas como descobrimos paradigmas como educadoras. Fazemos parte uma rede textual onde pegamos um texto e lançamos a outros e assim vamos fazendo uma rede que no final lançaremos todos juntos num mar que está sempre se renovando, a educação.

ANEXOS

TEXTO ESCRITO PELO GRUPO

OS TRÊS IRMÃOS

Conta-se a história onde três porquinhos saíram pelo mundo para construir suas casas e fazer a vida longe de sua família.

Procuraram então, uma escola para estudar. O primeiro era preguiçoso e logo desistiu de estudar para construir sua casinha. Foi à feira e encontrou alguns caixotes velhos. Construiu sua casinha ali mesmo, alimentava-se dos restos de feira e usava o seu tempo para passear e brincar.

O segundo, Gabriel ficou mais tempo na escola e aprendeu a reciclar os materiais descartáveis. E brincando com garrafas pet construiu sua casa. Sobrando tempo juntou-se a Alex e os dois saíram brincando, cantando e tocando os instrumentos que haviam improvisado de material reciclável.

O terceiro, João Pedro, era aplicado na escola e não desistia de seu objetivo de aprender tudo o que lhe ensinavam, sempre buscando aprofundar-se em seus conhecimentos. Muito trabalhador, resolveu construir uma casa moderna, de concreto, tijolo e ferro, com portas e janelas.

Enquanto trabalhava, os irmãos brincavam e zombavam dele. João Pedro não se importava com a chacota dos irmãos e continuou a construir sua casa. Disse aos irmãos que não se importava com o que eles diziam e que queria segurança para quando chegasse a tempestade.

Dito e feito! Chegou a tempestade e derrubou a casa de Alex, que correu para a casa de Gabriel, porém a chuva e a tempestade continuou e a casa de Gabriel que estava na encosta, era demais e foi levada pela água. Os dois porquinhos correram então para a casa de João Pedro batendo na porta com

todas as forças que ainda lhe restavam. Entraram e se protegeram naquela casa construída com muita segurança, pensando no futuro.

Devemos nos esforçar e construir com toda a responsabilidade, passo a passo, cada instante de nossas vidas, para que os obstáculos não nos peguem de surpresa e nos engula em seus enredos.

Noêmia ; Graci; Juraci; Paula

FOTO



AO FUNDO A ÁRVORE TEXTUAL